

ACASO
CULTURAL

Têne
bra.



TENEBRÁLIAS VOL. I
**MONSTROS
BRASILEIROS**

AMANDA MARINHO E OSCAR NESTAREZ
(ORGS.)

SUMÁRIO

Introdução

Amanda Marinho e Oscar Nestarez

Apresentação

Júlio França e Pedro Sasse

Senhor das caças (1871), de Juvenal Galeno.....21

Apresentação de Larissa Adur

Acauã (1880), de Inglês de Sousa.....52

Apresentação de Daniel Augusto P. Silva

O ar do vento, Ave-Maria (1887), de Oliveira Paiva66

Apresentação de Ana Paula Araújo

O dia aziago (1892), de Lopes Filho.....73

Apresentação de Arthur Dias Fontes

O baile do judeu (1893), de Inglês de Sousa.....79

Apresentação de Ana Giulia Mussury

Vampiro (1908), de Coelho Neto88

Apresentação de André Azevedo de Alvarenga

Na tapera de Nhô Tido (1920), de Valdomiro Silveira97

Apresentação de Sora Maia Souza

O Mão-pelada (1921), de Afonso Arinos.....107

Apresentação de Oscar Nestarez

O Lobisomem (1925), de Viriato Padilha.....121

Apresentação de Júlio França

Os compadres do diabo (1929), de Raimundo Lopes138

Apresentação de Rosane Velloso

O morcego (1931), de Otávio P. Severo145

Apresentação de Amanda Marinho

Referências bibliográficas.....152



INTRODUÇÃO

Desde 2021, o projeto Tênebra (www.tenebra.org) vem publicando, semanalmente, narrativas brasileiras matizadas pelas sombras e pela imaginação. Horror, gótico, grotesco, fantástico e todas as expressões que compõem um filão costumeiramente marginalizado em nossa literatura encontraram seu lugar na biblioteca digital inaugurada em outubro daquele ano. Nosso intuito foi, desde o início, apresentar uma tradição obscura da qual, por diversos motivos e por tanto tempo, mal tínhamos conhecimento. Ao longo desse período, buscamos formas de expandir e aprofundar tal proposta. Por exemplo, inauguramos uma sessão de estudos com artigos, dissertações, teses e demais obras técnicas para fundamentar as leituras de ficção oferecidas pelo site.

Este e-book é outra iniciativa nesse sentido. Trata-se do primeiro de uma série de livros digitais intitulada *Tenebrálias*, na qual todos os títulos terão temas específicos. Com ela, nossa ideia é reunir obras diferentes que se conectam pelos mesmos motivos. Pretendemos não apenas revelar a heterogeneidade de nossa literatura sinistra, mas também vinculá-la a correntes e subgêneros vindos do exterior, situando o país em relação a reconhecidos pólos produtores dos gêneros mencionados.

E o tema selecionado para este e-book foi **monstros brasileiros**. Cada membro da equipe de Tênebra escolheu, entre

os contos já publicados na biblioteca digital e aqueles por serem publicados (ou seja, sempre em domínio público), um título de sua preferência que, de alguma forma, fosse protagonizado por alguma criatura assustadora, sobrenatural ou não. Nas páginas a seguir, entidades de nosso imaginário, como o curupira, o boto, o acauã e a mula sem cabeça, unem-se a monstros clássicos, como vampiros, lobisomens e o próprio diabo – sempre em espaços e contextos bem brasileiros. Antecederá cada conto um breve texto apresentando seu autor, uma paráfrase da história e os motivos que levaram à escolha. Além disso, um prefácio assinado por Júlio França e Pedro Sasse delineia, com densidade e amplitude teórica, a historiografia das monstruosidades na ficção literária ocidental. Desta forma, buscamos dar um novo e decisivo passo na divulgação das poéticas do mal no âmbito da literatura brasileira.

Desejamos uma boa leitura!

*Amanda Marinho
Oscar Nestarez
(orgs.)*



APRESENTAÇÃO

MONSTROS: UMA BREVE HISTÓRIA

Júlio França e Pedro Sasse

Um bezerro de duas cabeças nasce em uma vila na Grécia Antiga; navegadores europeus contam histórias sobre antropófagos vivendo nos confins do Brasil; corpos reanimados por eletricidade são manchetes de jornais no século XIX; rádios de todo mundo detalham os crimes hediondos de um oficial nazista; um assassino em série é o assunto do mês nos telejornais norte-americanos; o desbaratamento de uma rede mundial de pedófilos torna-se *trendtopic* nas redes sociais. Esses eventos tão diversos, distantes entre si por séculos e por milhares de quilômetros, têm algo em comum: anunciam a descoberta de novos monstros.

Um animal com má-formação genética não é exatamente o que vem à nossa mente quando pensamos hoje em monstruosidades. Mas o significado da palavra *monstro* tem variado não apenas ao longo da história, mas também de acordo com os lugares onde é usada. Por exemplo, em *Des Monstres Tant Terrestres que Marines avec Leurs Portraits* (1593), o grande médico renascentista francês Ambroise Paré listava assim as

causas possíveis para o aparecimento de monstrosidades: (i) a glória de Deus; (ii) sua ira; (iii) excesso de sêmen; (iv) deficiência de sêmen; (v) imaginação; (vi) a estreiteza ou pequenez do útero; (vii) o modo de sentar inapropriado de uma gestante, que permaneça com as coxas cruzadas ou pressionadas contra o estômago por muito tempo; (viii) por efeito de uma queda ou de algum outro golpe desferido contra o estômago de uma mulher grávida; (ix) por doenças hereditárias ou acidentais; (x) pela deterioração ou corrupção do sêmen; (xi) pela mistura ou mescla do sêmen; (xii) por obra de mendigos errantes; (xiii) por obra de Demônios...

Nosso ponto de partida precisa ser, portanto, a ideia de que o sentido de *monstro* pode mudar drasticamente. Uma coisa é uma monstrosidade para o sistema de crenças de uma religião; outra, totalmente distinta, é o uso do termo na teratologia médica¹; os monstros do Ocidente não são os mesmos do Oriente; os monstros europeus não são os monstros africanos, que não são os monstros americanos...

Monstro pode ser usado, por exemplo, para identificar seres associados ao Mal, como as bestas apocalípticas do Antigo Testamento. **Monstruosas são também como o meio jurídico chama decisões absurdas, que conflitam com os princípios da razoabilidade. Ou como as vítimas de atrocidades denominam a seus algozes. Ou ainda como se descrevem ocorrências em que pessoas nascem com algum tipo de anomalia**

1 No campo das ciências biológicas, a teratologia é o estudo das anomalias e malformações congênitas, sejam causadas por acidentes genéticos ou provocadas por fatores ambientais. Suas origens podem ser rastreadas desde Aristóteles, que já especulava sobre possíveis circunstâncias que afetariam o desenvolvimento dos fetos. Para o filósofo, os então chamados nascimentos monstruosos não eram sinais de descontentamento dos deuses, mas indicativos de falhas em processos naturais.

genética, que podiam ser condenadas à morte sumária² ou serem tristemente exibidos como atrações em *freak shows*³ e museus de “aberrações”.

O termo também já foi empregado para estigmatizar indivíduos ou grupos étnicos e minorias por suas origens ou comportamentos — os judeus eram descritos como monstruosos pelos nazistas; os negros, pelos escravocratas; os gays, por fundamentalistas religiosos etc. Com tantos e tão variados usos, talvez não seja uma boa ideia dizer que haja um sentido **literal** para a palavra *monstro*. Mas como quem lida com monstros precisa correr riscos, vamos afirmar que o termo foi quase sempre empregado para nomear os seres que eram percebidos como contrários ao que se entendia ser, em dado momento, **a ordem natural das coisas**.

Um monstro é algo que abala nossa visão de mundo e o modo pelo qual organizamos mentalmente tudo à nossa volta. O filósofo Noël Carroll (1990), um dos grandes estudiosos contemporâneos da ficção de horror, afirma que os monstros são seres **intersticiais**, isto é, estão no meio do caminho entre uma coisa e outra. O modo mais comum de se imaginá-los é por meio da fusão de elementos que são normalmente pensados como opostos: o vivo e o morto; o orgânico e o

2 John Block Friedman, em seu livro *The Monstrous Races in Medieval Art and Thought* (1981, p. 179), menciona que uma lei consuetudinária romana determinava ser dever do pai imediatamente tirar a vida do filho “monstruoso” — isto é, que nascesse com formas diferentes das então consideradas como “normais” da espécie humana.

3 Termo hoje considerado discriminatório, os *freak shows* eram espetáculos em que se exibiam toda a sorte de raridades biológicas, desde animais e seres humanos com atributos físicos incomuns até aqueles com doenças ou condições genéticas particulares, com o intuito principal de chocar a audiência. Foram bastante disseminados desde a Idade Média até meados do século XX, quando entraram — felizmente — em declínio.

inorgânico; o racional e o irracional; o terreno e o extraterreno; o familiar e o desconhecido; o animal e o humano. Todo monstro é um híbrido, que mistura elementos e qualidades que não deveriam — segundo o modo pelo qual cada um de nós compreende o mundo — ser misturados. Como tal, ele é um ser grotesco e perigoso, porque não permite que digamos, exatamente, o que ele é e o que ele não é: nem isso, nem aquilo, talvez uma terceira coisa que nos foge ao entendimento.

Nos dias de hoje, a palavra “monstro” praticamente só é empregada de modo literal em contextos relacionados ao campo do imaginário. Contudo, é extremamente comum seu uso metafórico. Nesses casos, ao se chamar alguém de monstro, está se reconhecendo nele atributos *não humanos*. Quando assim se procede, entra em funcionamento o que poderíamos chamar de **retórica da monstrosidade**, e se passa a descrever como *monstruosos* os seres e os atos que não se encaixam em nossa visão de mundo.

A retórica da monstrosidade é uma poderosa fábrica de medos. Muitas vezes é o julgamento de valor que se faz sobre alguns seres e indivíduos que os tornam monstruosos. Contudo, não nos deixemos enganar: mesmo que *não existam*, os monstros *existem*, pois, ao nomearmos e acreditarmos neles, nós os colocamos em nosso mundo. Ainda que sejam apenas frutos do imaginário humano, eles são criados a partir de sensações reais de ameaças, e suas origens podem ser rastreadas por todo o caminho evolutivo de nossa espécie.

A NATUREZA HOSTIL

Pensemos, por exemplo, nos monstros que nascem de nossos medos primais, frutos do confronto do ser humano com a **natureza hostil**. Ao longo do processo evolutivo de nossa espécie, estivemos muitas vezes na parte de baixo da

cadeia alimentar, na condição de presas. Ainda que nossos cérebros privilegiados e nossa capacidade de trabalhar em grupo tenham nos tornado os maiores predadores do planeta, o risco de sermos atacados por outras espécies permanece — sejam elas animais maiores, mais fortes ou mais rápidos, sejam elas pequenas e repugnantes criaturas que habitam as reentrâncias de nossos lares.

Nossa fragilidade orgânica, combinada com a hostilidade natural de um mundo em que a disputa por espaço e por energia é constante — lembremos, nossos corpos são fontes de energia para outros corpos —, criou em nossos sistemas neurológicos diversos mecanismos de alerta contra ameaças. Nossos instintos são os responsáveis por projetarem medos primitivos em relação a uma série de criaturas pelas quais manifestamos uma aversão natural — o que ajuda a entender, por exemplo, como a aracnofobia é comum, apesar de acidentes letais com cães domésticos serem estatisticamente muito mais frequentes do que com aranhas.

Como nossa espécie se desenvolveu em ambientes com aranhas venenosas, a evolução nos deixou com medo delas — uma herança de nossos antepassados das savanas. As fobias de animais como aranhas e cobras advêm justamente desses temores primais. Os cientistas cognitivos têm especulado que o medo de cobras, insetos e outros animais perigosos parece ser entranhado nos circuitos mentais de nossa espécie⁴. Isso explicaria não apenas porque fobias são tão difíceis de serem superadas, como também o porquê de temermos instintivamente certos animais, a ponto de vê-los como monstros. Não é surpreendente, pois, que tantas monstruosidades imaginárias sejam baseadas em animais peçonhentos, insetos repulsivos ou feras predadoras, tanto por meio da fusão de partes

4 Cf. Asma, 2009, p. 4.

dos corpos (as górgonas e seus cabelos de serpente; os lobi-somens e suas temíveis garras e presas de lobo), quanto por sua magnificação (o Kraken é uma lula gigante; Fenrir é um imenso lobo) ou massificação (a praga bíblica dos gafanhotos; as aranhas no filme *Aracnofobia*).

Algumas monstruosidades imaginárias podem também ser explicadas por erros de percepção. Imaginemos, por exemplo, o que nossos antepassados remotos — que nada conheciam de paleontologia — não pensaram ao se deparar com fósseis de algum gigantesco dinossauro. É razoável supor que eles poderiam muito bem ter imaginado que as ossadas eram restos de dragões, gigantes e outros seres monstruosos que, supostamente, ainda habitariam as franjas do mundo conhecido.

AS CRENÇAS MONSTRUOSAS

Não só os medos primais geram seres monstruosos. Pensemos agora na etimologia da palavra monstro, para descobrir que ela deriva do vocábulo latino *monstrum*, empregado para designar os seres e os objetos sobrenaturais que serviam como presságios da vontade dos deuses⁵. O substantivo latino derivava, por sua vez, de um verbo, *monere*, que significa advertir e aconselhar — especialmente quando essa advertência ou conselho carregava em si algum tipo de mensagem divina: a ira de um deus; um sinal de virtude ou de vício; uma profecia. Assim, entre os romanos, como também entre os gregos e outros muitos povos, os nascimentos monstruosos não eram tomados como puro acaso, mas como sinais de alguma calamidade vindoura, causada pelo descontentamento de algum

5 Esse significado etimológico, associado a “oferecer algo à vista”, “evidenciar”, “revelar”, não desapareceu por completo, e ainda se faz presente em uma das derivações da palavra, o verbo **demonstrar**.

deus — e, como tais, pediam uma interpretação para dar conta de seu significado oculto.

O Minotauro é um bom exemplo de como esses monstros da Antiguidade eram vistos como alertas ou punições divinas por algum mau comportamento. Conta o mito que o rei de Creta, Minos, desistiu de sacrificar um belíssimo touro branco em honra de Poseidon. O deus, para puni-lo, fez com que a esposa do rei, Pasífae, se apaixonasse pelo animal. Do enlace entre a rainha e a besta nasceu uma feroz criatura, meio homem e meio touro, que se alimentava de carne humana. Colocada no gigantesco labirinto de Cnossos, a criatura era alimentada periodicamente com o sacrifício de jovens cretenses, até ser morta pelo herói Teseu.

Como o Minotauro, muitas outras **crenças monstruosas** serviram para ensinar lições, demarcar fronteiras ou ajudar a explicar desconcertos no mundo terreno. Ainda na Grécia, Licáon, rei de Arcádia, foi transformado em lobo após servir carne humana a Zeus — e esta é uma das origens mitológicas da licantrópia. Já no Brasil, outro metamorfo, o Boto, aponta para os perigos dos moços sedutores nas noites de festa, ajudando assim a explicar a gravidez misteriosa de mulheres solteiras...

Mas nem todos os monstros da Antiguidade eram, contudo, malignos. Há muitos exemplos culturais de seres monstruosos não associados ao mal — como os dragões, para os chineses. A própria ficção é repleta de monstros que não são, por natureza, maus, ainda que alguns se tornem maléficos em consequência do modo como são tratados — a Criatura de *Frankenstein*, por exemplo. A relação entre monstruosidade e mal foi enfrentada pelo mundo cristão. Na Idade Média, havia uma visão *pancalística* do mundo — isto é, a ideia de que tudo o que havia no plano terreno existia por desejo de deus, e, sendo assim, tudo era, no fim das contas, belo e bom. Por essa perspectiva, os monstros faziam parte dos desígnios divinos,

e, conseqüentemente, da natureza⁶. Chamemos de *portentos* a esses monstros que eram compreendidos como mensageiros de um sentido alegórico, espiritual. Não por acaso, os bestiários medievais procuravam regulamentar a interpretação dos ensinamentos morais contidos pelos monstros⁷.

ALÉM DAS FRONTEIRAS

Os bestiários, contudo, não falavam apenas de portentos. O mundo medieval conhecia um outro tipo de monstruosidade, que permaneceu no imaginário ocidental da Antiguidade até as portas da Modernidade: falamos dos seres maravilhosos que, supostamente, habitavam as regiões então desconhecidas do planeta. Criaturas como os pássaros roca; os dragões; as mantícoras e as melusinas. Ou, ainda, humanoides fantásticos, tais quais as blêmias; os ciápodas e os gigantes; que povoariam as terras distantes — ao menos era nisso que acreditavam os europeus da época. A existência dessas criaturas era justificada não por conta de algum poder sobrenatural: elas apenas estavam lá, vivendo suas vidas. Por mais estranhos e aterrorizantes que fossem, esses monstros não eram mais vistos como maldições divinas, mas como seres nascidos de outros iguais a eles.

6 Os primeiros pensadores do Cristianismo tendiam a considerar os monstros, ao modo da tradição pagã, também como mensagens de Deus. Santo Agostinho, por exemplo, em *Cidade de Deus* (século V a.C.), escreve que se um animal ou um ser humano dão à luz um monstro, trata-se de uma manifestação da Divina Providência, ainda que aquilo que esteja sendo pressagiado seja assunto para discussão e conjeturas.

7 Na prática, porém, diante do nascimento de um bezerro de duas cabeças, a tendência entre o povo era a de tratá-lo como anúncios de catástrofes ou efeitos de bruxaria, por mais que as autoridades eclesiásticas se esforçassem em mostrar que não houvessem escapado aos desígnios divinos.

Quando pensamos nas razões para que se imaginasse existirem esses seres que chamaremos de monstros **além das fronteiras**, não é difícil perceber que essas histórias funcionavam como alertas sobre o risco de se ultrapassar limites. Eles são consequência de uma visão de mundo que começava a dar conta da enormidade do planeta — e de como eram muitas as regiões desconhecidas. À medida que exploradores e viajantes iam desvelando terras ignotas, não apenas novos animais eram descobertos, mas também seres humanos, e, como sempre nos lembra Lovecraft, tudo o que nos é desconhecido é fonte de medo...

Claude Levi-Strauss observou certa vez que tendemos a considerar como “humanos” apenas os modos de vida que ocorrem nos limites de nossa própria tribo. O antropólogo chamava a atenção para como nossa ideia de humanidade é construída, muitas vezes, a partir de valores paroquiais: as pessoas que falam nossa língua; que creem em nossos deuses; que vivem do mesmo modo como vivemos. Essas visões de mundo etnocêntricas tendem a considerar outras formas de organização social em termos negativos: **falta** civilização; **falta** razão; **faltam** alma e inteligência; **falta** disciplina moral... Tais supostas **carências** acabam servindo de justificativa para a exploração, aculturação e até mesmo o genocídio de povos *diferentes*.

Se tudo o que difere do jeito como as coisas ocorrem em nossa vizinhança pode ser visto, potencialmente, como errado, mau e imoral, é fácil entender como a retórica da monstrosidade pode transformar humanos em seres monstruosos. É por isso que Jeffrey Jerome Cohen diz que os monstros são a “diferença encarnada” — isto é, neles podemos ver incorporados tudo aquilo que uma sociedade identifica como contrário a ela.

Esse peculiar tipo de monstro carrega em si as marcas da alteridade — atributos que são tomados, em dada cultura,

como sendo incompatíveis com aquilo que se entende que devam ser as qualidades de um ser humano. Essa diferença monstruosa que se percebe no *Outro* nasce tanto de idealizações sobre o que é o belo, o bom e o normal quanto de preconceitos profundamente arraigados e raramente questionados. Nosso provincianismo nos torna inclinados a achar natural apenas os nossos modos de pensar e de agir, e pode transformar em monstruosa toda e qualquer diferença: da localização geográfica à classe social; da religião à etnia; da orientação política à sexual.

As histórias de monstros que espreitam além de nossas fronteiras têm, portanto, uma dupla função. Por um lado, reforçam nossa crença na segurança e na normalidade de tudo que está à nossa volta; por outro, funcionam como contos preventivos, nos advertindo sobre o risco de ultrapassarmos limites e sermos atacados por monstros — ou, muito pior, acabarmos nós mesmos virando um deles. São lembretes de até onde podemos ir sem que nos tornemos párias em nossos grupos sociais.

OS QUE RETORNAM

Uma forma radical de alteridade monstruosa pode ser observada nas histórias dos seres que se recusaram a seguir a ordem natural e não encontraram na morte seu fim. No mundo moderno, à medida que os seres maravilhosos das lendas medievais iam sendo progressivamente desmascarados pela ciência, começamos a ver tomar forma um grande e crescente interesse por um certo tipo de monstro — cadáveres animados, criaturas que retornam dos mortos, fantasmas etc. Como explicar esse aparente retrocesso da razão?

A morte é tanto uma fronteira quanto um tabu. É um dos temas sobre os quais nossas ideias e sentimentos menos

mudaram desde as origens de nossa espécie, como já nos lembrou Sigmund Freud. A pouca experiência que cada um de nós tem com ela — afinal, para conhecer realmente a morte seria necessário estar morto... — faz com que o medo que ela inspira dê forma a um grande grupo de monstros, cuja principal característica é ter encontrado algum modo de vencê-la. Poderíamos chamá-los de **os que retornam**: mortos-vivos que abundam nas obras de ficção, uma vez que os escritores de horror sabem que as ideias relacionadas à nossa finitude são os gatilhos perfeitos para ativar medos primais reprimidos.

Apesar de serem monstros que habitam exclusivamente o mundo do imaginário, vampiros e desmorts já foram capazes de despertar uma curiosidade científica sobre a possibilidade de sua existência real. Tome-se, como exemplo, a febre de avistamentos vampíricos ocorridos na Europa do século XVIII, e todos os esforços de compreender o que haveria de real por trás dessas histórias: processos incomuns de decomposição de cadáveres; enterros prematuros; doenças contagiosas etc.

DE OUTROS PLANOS

O perene medo da morte não produziu apenas monstros com corpos corrompidos. A dificuldade de encarar nossa mortalidade está por trás de uma outra ideia, tão antiga quanto universal: a de que haveria algum tipo de vida para além do fim físico. Todas as sociedades humanas já imaginaram algum outro plano de existência — um mundo imperceptível aos nossos sentidos, mas habitado por toda sorte de seres, tanto benfazejos, como os anjos, quanto malignos, como os demônios; além daqueles que não são nem uma coisa nem a outra, como espíritos, elementais e outras criaturas etéreas.

A ideia de que haja outros mundos e que eles sejam habitados por seres de *outra natureza* está presente no imaginário humano desde nossos antepassados mais remotos. Os sonhos, as alucinações, os transe por efeito de substâncias psicoativas deram vida a toda uma categoria de seres **de outros planos**⁸, que podem se manifestar tanto com seus corpos etéreos quanto possuindo os corpos de seres humanos.

São monstruosos, vale a pena lembrar, não apenas os demônios, os elementais, e os seres vindos de dimensões alternativas e universos paralelos, mas também aqueles humanos que intermediam a comunicação e o acesso aos outros mundos. Não importa o quanto falhem os testes para se aferir a efetividade da magia: magos, bruxas, feiticeiras e afins sempre são temidos, o que lhes confere uma curiosa forma de poder, que não é baseada na força física nem na sabedoria, mas na capacidade de suggestionar suas vítimas.

OS MONSTROS EM NÓS

Um traço em comum a vários dos tipos monstruosos aqui relacionados é que, apesar de sua condição sobrenatural, vampiros, zumbis, feiticeiros, lobisomens e endemoniados são, em alguma medida, seres humanos, ainda que *corrompidos*. No mundo moderno, essa tendência será mantida, e o termo *monstro* vem sendo regularmente empregado em sentido “moral”, para dar conta do que há de inumano e bestial em nós mesmos. À medida que somos percebidos como os agentes em potencial das piores monstruosidades, o que passa a nos apavorar são **os monstros em nós**.

8 Essa categoria é uma espécie de exacerbação dos monstros que espreitavam além das fronteiras. A cada nova conquista humana — a profundidade dos mares; a vastidão do espaço sideral; a especulação sobre outras dimensões; a possibilidade da existência de universos paralelos —, tememos despertar os horrores que possam ali viver.

O avanço das pesquisas em neurociências produziu a consciência de que aquilo que se descreve como um comportamento inumano — *monstruoso* — pode ter raízes profundas em nosso sistema neurológico. Além disso, pesquisas de psicologia comportamental como o famoso experimento de Stanley Milgram⁹ e o polêmico estudo de Philip Zimbardo¹⁰ apontavam para a desconfortável evidência de que condições sociais específicas poderiam servir como gatilhos para o surgimento de comportamentos monstruosos.

Desde o julgamento do oficial da SS nazista Adolf Eichmann, uma questão ganhou força: nas condições perfeitas, não podemos nós mesmos nos tornar monstruosos? Não há mais como identificar um monstro simplesmente por sua aparência: nas áreas de embarque dos aeroportos internacionais, todos passam por detectores de metal — crianças, idosos, pessoas com deficiência, a ameaça pode surgir de qualquer lugar. Como Jeffrey Andrew Weinstock já resumiu, “é só um pequeno passo que leva da preocupação com que qualquer um possa ser um monstro e o monstro possa estar em qualquer lugar, até a fantasia paranoica de que todo mundo

9 O experimento Milgram consistiu em uma série de experiências em psicologia social, realizadas na Universidade de Yale, nos anos 1960. O resultado, publicado no livro *Obedience to Authority: An Experimental View* (1974), demonstrou que uma grande percentagem de indivíduos obedecia a ordens dadas por figuras de autoridade, mesmo que tais ordens conflitassem com suas consciências pessoais. Indivíduos foram assim levados a acreditar que estavam dando choques elétricos potencialmente letais em outros indivíduos.

10 Realizado na universidade de Stanford em 1971, o experimento coordenado pelo professor de psicologia Philip Zimbardo recrutou estudantes para atuarem como “guardas” ou “prisoneiros” em uma simulação de uma prisão. Após inúmeros e crescentes abusos físicos e psicológicos cometidos pelos “guardas”, o experimento foi encerrado no sexto dia.

é um monstro e o monstro está em todos os lugares”¹¹. E foi assim que o termo passou a ser aplicado, com cada vez mais frequência, a seres humanos cujas ações ultrapassam todos os limites do aceitável, colocando sua própria humanidade em dúvida.

VIDAS ARTIFICIAIS

E o que poderia ser mais horrível do que temer algo que não é externo, mas está dentro de você, e, portanto, do qual não há como fugir? Mais terrível talvez seria se fôssemos responsáveis, direta e objetivamente, pela criação dos monstros. A paternidade monstruosa pode abarcar seres de pura magia (um golem); o uso quase mágico da ciência (a criatura de Frankenstein); ou a recriação científica de seres extintos (os dinossauros carnívoros de Jurassic Park). Seja um vírus criado em laboratório, ou tubarões sanguínários frutos de um desequilíbrio ecológico causado por humanos, as **vidas artificiais** monstruosas partilham suas condições aterrorizantes com a de seus criadores.

Em certa medida, todos os monstros são vidas artificiais: são criaturas que inventamos para nos assustar e para nos ensinar. Eles são produzidos por nossa imaginação, mas isso não significa que não carreguem em si verdades importantes. Nosso imaginário é como se fosse um imenso balde de Lego, em que as pecinhas são fragmentos da realidade — informações, observações, percepções — que rearranjamos das formas mais inadvertidas, para nos ajudar a compreender o mundo à nossa volta. E os monstros são partes importantes dessa faculdade de imaginar mundos distintos, até mesmo para que consigamos transformar o mundo real.

11 Weinstock, 2020, p. 368. Tradução nossa.

Essa é a razão pela qual valer a pena estudá-los. As causas de existência de um monstro estão sempre mudando, e é por isso que nunca conseguimos nem os apreender por completo, nem neutralizar sua ameaça. Mesmo os monstros inumanos que nos perseguiram quando vivíamos ainda em cavernas não desapareceram de nossas existências, e sobrevivem nas estruturas mais elementares de nosso cérebro, onde permanecem como combustível para pesadelos, sempre que adentramos em um ambiente escuro e selvagem.

Os monstros são nossas criaturas, e não podemos nos livrar facilmente deles — foi o que descobriu, de maneira dolorosa, Victor Frankenstein. Podemos tentar exilá-los, expulsá-los de nossas fronteiras, tentar fingir que tudo o que eles corporificam não existe ou deve ser destruído, mas eles continuam nos assombrando, sempre à espreita, sempre aptos a retornar, como tudo o que é reprimido, para nos servir de espelhos, e nos obrigar a reavaliar nossas crenças e nossos preconceitos.

Não por acaso, um dos tipos de monstros mais recorrente são justamente os *Doppelgängers*, compostos muito frequentemente pela fissão de elementos contraditórios do caráter humano. Como o Senhor Hyde para o Doutor Jekyll, eles são os seres a quem atribuímos todas as nossas características que negamos possuir, tornando-os a sombra da normalidade que atribuímos a nós mesmos. As biologias fantásticas e aterrorizantes desses duplos mal mascaram as ansiedades e os conflitos que estão por trás de suas criações. Descobrir o que é um monstro passa por entender o porquê de o termos criado.

Em outra de suas famosas sete teses sobre os sentidos culturais dos monstros, Jeffrey Jerome Cohen nos lembra que eles são nossos filhos. Como os vilões de nossas melhores histórias, tanto nos horrorizam quanto nos deliciam por fazerem tudo o que nos é proibido. Eles podem até chocar nosso

senso moral, mas somos concomitantemente seduzidos por sua imensa liberdade de ação. É por isso que o crítico de cinema Robin Wood dizia que as histórias de horror são profundamente ambivalentes, e nos fascinam justamente porque nelas vemos os monstros transgredirem todas as normas que a vida em sociedade nos obriga a seguir e reverenciar.

Sympathy for the Devil [simpatia pelo Diabo] não é apenas uma icônica canção dos Rolling Stones, mas uma expressão que aponta para um sentimento que vem dos românticos e ganhou impulso extraordinário na segunda metade do século XX, em um longo percurso de relativização de valores culturais. Se não é mais a aparência física mas o caráter e o comportamento que definem o monstro, ele passa a ser nossa bússola para podermos reavaliar nossos ideais de normalidade.

Descobrir o que é um monstro é descobrir do que temos medo. E descobrir o que tememos é, em grande medida, descobrir quem somos.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, Santo. *A Cidade de Deus*. Tradução de Oscar Paes Leme. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

ASMA, Stephen T. *On monsters: an unnatural history of our worst fears*. New York: Oxford University Press, 2011.

CARROLL, Noël. *The philosophy of horror or the paradoxes of heart*. Nova York, NY: Routledge, 1990.

COHEN, Jeffrey Jerome (org.). *Monster theory. Reading culture*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1996.

FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização. In:_____. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. V. XXI. Tradução de José Octavio de Aguiar Abreu. Rio de Janeiro: Imago, 1996. pp. 73-148.

FRIEDMAN, John Block. *The Monstrous Races in Medieval Art and Thought*. Syracuse: Syracuse University Press, 2000.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *Raça e história; raça e cultura*. Tradução de Lygia Segala. São Paulo: Perspectiva, 1996.

LOVECRAFT, H. P. *The annotated Supernatural Horror in Literature*. 2nd edition. Edited, with Introduction and Commentary, by S. T. Joshi. New York: Hippocampus Press, 2012.

PARÉ, Ambroise. *Des Monstres Tant Terrestres que Marines avec Leurs Portraits*. [S. l.]: [s. n.], 1593.

WEINSTOCK, Jeffrey Andrew, ed. *The Monster Theory Reader*. Minneapolis, University of Minnesota Press, 2020.

WOOD, Robin. An introduction to the American Horror film. In: WEINSTOCK, Jeffrey Andrew, ed. *The monster theory reader*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2020. p. 108-135.





O CAIPORA DE JUVENAL GALENO

UM GUARDIÃO MONSTRUOSO

Larissa Adur



Um dos nomes mais relevantes da literatura produzida no Ceará, Juvenal Galeno (1838-1931) apresentava em suas obras costumes e paisagens regionais com olhar voltado para o povo. Essa perspectiva, refletida na escrita do autor, contribuiu para a preservação e disseminação das tradições populares, especialmente do Ceará de sua época. Ao difundir o folclore regional, Galeno consolidou sua relevância literária com *Lendas e Canções Populares* (1865), considerada sua obra-prima. Com *Cenas Populares* (1871), seu talento para narrativas fantásticas e românticas se destacou e, na segunda edição (1902), contou com uma carta de José de Alencar — atestando a originalidade dos contos e a importância de Galeno para a cena cultural cearense.¹²

Em *Cenas Populares*, a expressão do fantástico se evidenciou sobretudo no conto *Senhor das Caças*, um dos textos mais emblemáticos do livro. Contudo, à luz de novas análises,

12 ALENCAR, José de. Carta de José de Alencar. In: GALENO, Juvenal. *Cenas populares*. 4ª ed. Fortaleza: Secult, 2010. p. 23.

aquilo que antes era considerado fantástico revela, hoje, uma profunda afinidade com os elementos característicos da estética gótica. A trama do conto se desenvolve por meio de relatos dos personagens, gradualmente adicionando camadas à história. Enquanto as famílias da comunidade bebem, fumam e conversam durante uma típica noite de farinhada, os caçadores João Marreca e tio Gonçalo contam causos sobre suas caçadas, narrando seus encontros com caiporas. Enquanto Marreca não enfrentou grandes dificuldades, Gonçalo, em contrapartida, foi castigado por Caipora, pois se mostrou indigno dos segredos da mata serrana.

Este conto foi escolhido devido ao Caipora ser uma figura lendária no imaginário popular brasileiro. Como protetor da mata, ele persegue aqueles que a devastam — seja desmatando ou caçando de modo predatório. Caso o Caipora decida ser seu amigo, pode ajudá-lo a conseguir as melhores caças; contudo, há sempre um preço a ser pago. O Senhor das Caças exige tributo pela exploração de seus domínios e não tolera homens gananciosos. A monstruosidade do Caipora vai além da aparência assustadora: ela ecoa o medo humano de ser corrompido pelos prazeres mundanos (e de sermos punidos por isso).



SENHOR DAS CAÇAS

Juvenal Galeno

I

Era uma noite de farinhada.

Para adiantar o serviço do dia seguinte, combinara-se um serão, e neste raspava-se a mandioca, ouvindo-se alegres cantigas ou casos vistos e presenciados pelos circunstantes, ou dessas longas histórias que o povo guarda na memória para entretenimento de suas noites.

É uma das cenas mais animadas do trabalho agrícola — a farinhada.

Aqui mulheres, homens, crianças, em torno à tulha de mandioca, raspam-na com suas quicés, estabelecendo entre si uma luta — a que chamam “botar capote” —, raspando alguns a mandioca até o meio para que os outros acabem de raspá-la. E por isso, que afã, que ligeireza na lida; quanto dito espirituoso e quanta léria e sorriso ao vencido, principalmente se este é o que *botava capote*!

De vez em quando chegam as cargas; aumenta a tulha e os cargueiros dão recados dos arrancadores, ou respondem aos preguiçosos, se ainda há muita mandioca arrancada.

Adiante, os puxadores, de camisa atada à cintura, alagados de suor, puxam a roda cantando com as pausas apropriadas àquele trabalho, como o fazem os remadores ou falando à cevadeira que lhes pede ligeireza e azeite nos mancais do rodete.

Perto, o forneiro, assentado ao banco do forno ou em pé junto deste, a mover o rodo em todas as direções, ora animando os carregadores da lenha e lhes pedindo mais fogo, ora a gritar por massa ao encarregado da prensa e ao peneirador.

Depois, cada qual faz o seu beiju, espreme seu bocado de goma e não deixa de comer o seu punhado de farinha quente e cheirosa.

E tudo isto por entre as toadas, as pilhérias, as narrativas, sempre acompanhadas da orquestra que formam os zunidos da roda, os esguichos do rodete, os gemidos da vara da prensa no brinquete e o tom das quicés na mandioca.

Mas voltemos ao serão da farinhada, onde apenas trabalham as quicés, pois que o forno, a prensa e o rodete descansavam para recomeçarem suas lidas ao quebrar das barras da madrugada, depois que os galos cantassem a terceira vez.

Estava animado o serão e todos dispostos não só a dar à língua, como a vencer a grande tulha de mandioca que no meio da casa erguia-se afrontando as quicés. Maria das Dores, com a ponta do lençol enrolada ao pescoço, Chica Pereira, com um pano amarrado à cabeça, e Madalena, vestida com uma camisa de homem para resguardar o cabeção de rendas, botavam capote a Zé Gomes, ao Raimundo da Josefa e ao João Marreca e o mesmo entre si faziam a Rosa dos Tabuleiros, Gonçalo da Silva, a Rita Lavandeira, Manoel Mateus e os demais trabalhadores. Os cachimbos passavam de mão em mão

e uma vez ou duas apareceu inesperadamente na roda uma botija de aguardente, por lembrança do dono da farinhada, e foi recebida com alegria e, com maior alegria, esgotada.

— Eu não gosto desta bicha, gente, faz-me mal à cabeça — disse Maria das Dores, e cusbindo e fazendo uma careta, emborcou a xícara.

— E mais é que não achou espinho... hein, comadre? — observou o João Marreca piscando o olho à Rosa dos Tabuleiros.

— Eu também não gosto, mas bebo por penitência, que tenho bastantes pecados — acrescentou Manoel Mateus.

Todos riram e mais animados continuaram a palestra.

Falava-se então em caiporas, aventuras de caçadas e encantamentos.

Cada qual contava a sua história ou declarava o seu pensamento a respeito, e alguns opunham dúvidas para afervorarem a discussão.

— Eu não acredito nestas coisas, minha gente, não sei como se acredite nisto — exclamava com muita graça a Inácia do Mané Coco.

— Pois deve acreditar, senhora Inácia; e saiba que este que aqui vosmecê está vendo já teve negócio com os caiporas...

— Que está dizendo, senhor João Marreca? Pois vosmecê está falando sério? — tornou-lhe a Rita Lavandeira.

— É o que disse, e fiquem certas de uma vez que eu não minto.

— E ninguém diz menos disto — acudiram os ouvintes.

— Eu sei!? — acrescentou em tom duvidoso a senhora Inácia — mas às vezes a gente vê coisas em sonhos que parecem realidades...

— Sim, senhora, mas saiba vosmecê que eu tive amizade com os caiporas por muitos meses.

— Não duvido da sua honrada palavra, senhor João; o que não posso é acreditar em bruxarias e feitiços... é gênio meu.

— Ora... é porque você não viu como a mulher do Rufino morreu botando baratas pela boca, por causa de feitiço que lhe botaram — respondeu-lhe Chica Pereira.

— E o filho do Inácio, que quase vai-se de um mau-olhado que lhe botou a...

— Que é isso, Rosa? Não fale de quem já deu contas a Deus...

— Mas, nos conte, senhor João, a história das amizades que teve com os caiporas — pediu-lhe o Raimundo da Josefa.

— Eu lhe conto, embora a senhora Inácia ria-se de mim. Que me importa? O mundo está cheio de incrêus e quem quiser que o endireite...

“Mas, escutem... Uma vez, ainda era eu bem rapaz, fui esperar na bebida, ali perto do serrote do Bolo. Era meio-dia em ponto, e o sol estava de queimar a gente. Trepei-me na espera, junto de um grande poço, e, armando minha rede, deitei-me com a espingarda atravessada nas pernas e pronto para o primeiro movimento.

“As veredas estavam fundas. Muitos bichos bebiam de noite e outros bebiam de dia. Mas o tempo passava e nada aparecia; e eu já ia desconfiando da minha sorte.

“Nisto botei os olhos para a banda do serrote, e vi descer correndo um caboclinho muito esperto. ‘É o tal caipora!’, disse eu, e pus-me a espiá-lo, com o coração meio sobressaltado. E o culumim chegou, olhou para a espera, deu fé de mim, e sem assustar-se dirigiu-se ao poço e, tirando água com as mãos, começou a beber. E eu vendo a tenção dele!

“Boto outra vez os olhos para o serrote e vejo vir outro caipora, correndo como o primeiro. ‘Temos outro’, disse eu, ‘pior vai-se tornando o negócio!’ E bem não tinha chegado este, o outro apontou para mim; e ele sem fazer caso foi ao poço e, tirando água com as mãos, começou a beber. Então o primeiro caipora levantou-se e, subindo os paus da espera, veio assentar-se à beira da minha rede...”

— Que susto não teve vosmecê, senhor João! — exclamaram as mulheres. — E o que fez ele?

— Não gostei da graça, e tive vontade de empurrá-lo, mas felizmente lembrei-me que o tal culumim é valoroso, e podia matar-me. Demais eram dois, e quem sabe se não viriam outros? E logo o culumim virou-se para mim e pediu-me fumo.

— É o que ele queria; eu vi desde o princípio que a tenção dele era esta — disse Chica Pereira.

— Eu lhe dei um pedaço bom, e ele tirando debaixo do sovaco um cachimbinho, encheu-o, quebrou um garrancho, roçou um pedaço no outro, fez fogo e o acendeu, num abrir e fechar de olhos.

— Ah, excomungado! — disseram os rapazes.

— E depois?

— Depois me disse: “Daqui a pouco virá beber um bando de caititus, e entre eles verás um grande e esbranquiçado; não atires neste. Deixa todos beberem, e depois mata o que quiseres para te arremediar com tua família.”

“‘Não quero caititu’, lhe tornei, ‘o que desejo é um veado capoeiro para minha mulher, que está doente.’

“‘Pois então espera mais um pouco, que eu vou botar veados para cá. E toma este assobio, e quando quiseres caça sopra três vezes.’

“E dizendo isto desceu ligeiro como um fura-coco, repartiu o fumo com o outro e ambos, correndo, desapareceram.”

— E cumpriu o prometido, senhor João?

— Não se meteu meia hora, Raimundo. O poço coalhou-se de veados, cada qual o mais bonito; e eu botando a espingarda ao rosto matei o melhor, e sem detença empurrei-me para casa.

— Homem, esta...

— E o assobio, senhor João?

— Guardei-o na patrona, e desde então sempre que precisava, assobiava três vezes, aparecia-me o caipora e tudo me saía a jeito. Mas um dia... não sei que rumo tomou o caipora; cansei de assobiar e ele nunca mais me apareceu!

— E não viu outros depois, senhor João? — perguntou Madalena.

— Não, senhora, somente estes. E quem quiser, ria-se, que se ri de uma verdade.

— Pois eu, gente — disse Manoel Mateus —, nunca vi e nem desejo ver os caiporas; porém conheci um velho que era muito amigo deles e por isso tinha artes... Credo... Nem gosto de me lembrar dessas coisas...

— O Zé de Goes, meu tio?

— Esse mesmo, menino. O diabo do velho era *artista*!

— E o ele fazia, senhor Manoel?

— De todas não me lembro, mas uma... parece que a estou vendo. Trabalhávamos na limpa de uma capoeira, quando uma cascavel mordeu o pé de um dos rapazes.

“‘Dá cá um pau’, gritaram todos.

“‘Não precisa’, disse o velho.

“E cuspiu em cima da cobra e com pouco ela revirava morta no chão.

“Depois... Virgem Maria!? Ele perguntou ao rapaz se queria que o curasse e se para tal se sujeitava ao que lhe fosse ordenando. O rapaz respondeu que sim, e o velho assobiou e apareceu cobra de toda a diversidade. Virgem Maria! Eu me trepei por uma cajazeira arriba com medo de tanto bicho feio. E o velho ordenou que uma das cobras mordesse o pé do rapaz... Virgem Maria! Dito e feito...”

— E morreu o rapaz?

— Qual! Continuou a trabalhar ao cabo da enxada como se nada sofresse.

— Nanja eu que desse meu pé!

— Nem eu! Virgem Maria! E diziam que o velho aprendera estas artes com os caiporas...

— Só sendo! — exclamaram alguns dos ouvintes.

Os outros riram-se baixinho e olharam curiosos para o velho Gonçalo da Silva, como procurando saber a sua opinião a respeito.

II

Gonçalo era autoridade na matéria.

Seus cabelos tinham embranquecido nas caçadas; e as chamas do fuzil de sua lazarina queimaram-lhe as pestanas e diminuíram-lhe a vista em mais de mil casos perigosos de que se salvara milagrosamente.

Era o mais velho dos caçadores, e o mais escopeteiro e afamado entre todos os daquelas serranias.

Conhecia a vida dos bichos, sabia de cor e salteado os seus costumes, adivinhava-lhes o rasto, as veredas e as tocas, e por isso ninguém tão feliz como ele em suas continuadas correrias.

Uma circunstância mais concorria naquela ocasião para tamanho respeito ao velho; e era que Gonçalo da Silva tivera seus encontros com um caipora, além de muitas visagens e misteriosas cenas nas matas virgens da montanha. Ninguém ignorava essas cousas e por isso os rapazes instantemente pediram ao velho que ainda uma vez as contasse.

— Não vejo nesta terra quem melhor saiba dessas coisas do que o tio Gonçalo...

— Já tu vens, Manoel! Não podiam acabar tuas conversas sem meterme no meio.

— E o que lhe parecem, meu tio, o curador de cobras, e os caiporas do senhor João Marreca?

— É que quem não vê, é como quem não sabe. Vocês riem-se porque nunca viram o que em desconto dos meus pecados tenho presenciado nestes matos.

— Gosto de ouvir falar assim — disse João Marreca com ar de triunfo.

— Quem sabe, sabe — acrescentou magistralmente o Raimundo da Josefa.

— É verdade, tio Gonçalo; mas agora nos conte a história do que lhe aconteceu com os caiporas ali na serra.

— Inda mais esta, rapaz! Pois já não te contei isto tantas vezes?

— Sim, senhor, e quem se cansa de ouvir aquela história? Foi decerto um caso medonho, capaz de estatalar o mais temero! Vosmecê é homem de coragem, meu tio!

O velho caçador, como todos os filhos de Adão, gostava da lisonja; era esse o seu fraco; e por isso, coçando a cabeça com o cabo da quicé, espalhou na roda um olhar de satisfação e orgulho, disposto a corresponder à fineza do rapaz.

— E não é mentira, não, Manoel, que se me faltasse a coragem, eu não passaria, como passava na mocidade, dias e semanas no meio daquelas serras, nos lugares mais esquisitos.

— Mas, agora — interrompeu Madalena sorrindo-se maliciosamente —, vosmecê não vai a esses lugares nem que o matem...

— Saia-se daí, que você não sabe o que diz — respondeu-lhe o velho, desconfiando. — Intrigado com o caipora, seria uma loucura embrenhar-me naquelas grotas para ajustar contas com um inimigo tão feroz como ele. O que é preciso é rezar e não empregar meu tempo em tafularias, como muita gente que eu conheço...

— Em mim não assenta a carapuça, tio Gonçalo — respondeu Madalena, rindo-se para disfarçar o despeito.

— É assim mesmo, tio Gonçalo; vosmecê tem razão; mas vamos ao caso...

— Deixemo-nos mais de histórias, rapaz, que já é tarde, e, além disso, ali a senhora Madalena pode caçoar a seu jeito...

— Ora, primo! — replicou Maria das Dores — pois você não conhece o gênio da Madalena! Conte lá, que estou morta por ouvi-lo.

— Conte, tio Gonçalo, conte...

E o velho, não podendo resistir a tantos pedidos, acendeu o cachimbo e após alguns momentos de pausa falou assim, dirigindo-se a todos:

— Eu não gosto de contar estas coisas... sim, senhor, não gosto! Há gente que, sem mais nem menos, ri-se dos casos sérios, como que duvidando. E sabem por quê? Aposto que não sabem; pois é porque, como lá diz o outro, nunca saíram mais longe do que o terreiro; e nascem e morrem desconhecendo o que há de assombroso por esses matos de meu Deus.

— Tal e qual; falou como quem sabe, senhor Gonçalo da Silva — disse um velho que perto raspava mandioca.

— Quanto a mim, nasceram-me quase os dentes nas bre-nhas da serra em perigosas caçadas, e em que tempos? Não havia por ali e nem por aqui uma só casa; a mais vizinha era a do João de Goes na distância de três léguas e meia...

— E das boas, tio Gonçalo!

— É verdade, são léguas que valem pelo dobro. Mas, como ia contando: nesses tempos eu andava pelos vinte e dois ou vinte e três anos, e meu emprego era caçar. Possuía uma lazarina... e que arma, rapazes! Parece-me que as boas espingardas também se acabaram.

— Como acabou-se o algodãozinho americano encorpado e a chita de cores fixas. Hoje em dia não há chita que não largue, primo.

— É assim, prima Maria; as coisas têm mudado completamente e, por infelicidade, para pior.

A rapaziada quis protestar mas, para não interromper a história, deixou sem resposta a queixa da velhice.

Gonçalo continuou:

— Quando eu levava minha espingarda ao rosto, via a queda. E eu por isso amava-a mais do que à minha mulher; e saíam que marido algum já amou tanto a sua cara-metade como eu à minha Lauriana, que Deus haja. E devia ser assim, porque aquela espingarda não só me dava o bocado como também

muitas vezes salvou-me a vida. Uma vez, principalmente, se não fosse ela eu teria morrido nas garras de uma suçuarana audaz. Onça terrível! Fez tais voltas e reviravoltas ali no Boqueirão da Arara, que se me mentisse fogo a lazarina, ou se não fosse tão certa, o Gonçalo da Silva teria sido carniça!

“Mas vamos ao caso. Além de tão boa arma, eu possuía quatro cachorros de caça que melhores não havia nestes arredores: o Sereno, o Leão, o Veloz e Rompe-Ferro. Aquela cadela da Josefa do Córrego dos Moços é bisneta do Veloz e é pena que dos outros se perdesse a raça.

“Sim, senhor... Eu, quando saía de casa, não voltava senão quatro ou cinco dias depois e sempre carregado de caça fresca e seca. Levava a rede às costas para esperar os veados, a cabaça d'água, a farinha, o algodão ou artifício de tirar fogo, no ombro, a lazarina, na cintura, a patrona e a faca, e, na cabeça, uma carapuça de couro de preguiça. E assim empurrava-me pelo mato adentro, ora trepando-me pelos despenhados da serra, ora rompendo os fechados e ia esperar os bichos ao meio-dia nas bebidas e à noite nas comidas, para tal armando minha tipoia nos galhos das árvores, ou fazer mondés, ou armar os quixós, ou cavar os fojos, ou arrancar tatus nos buracos.

“Lembro-me agora de uma que me aconteceu nas esperas. Escutem lá, que eu vou contá-la pelo alto.

“Uma madrugada... A névoa envolvia a serra e aumentara a escuridão, de modo que não se enxergava a dez passos. Eu estava deitado em minha rede, numa espera muito alta e perto de um riacho, e tão tresnoitado, que dormia a bom dormir. Mas, embora tresnoitado, quem não acordará ao menor rumor em matos tenebrosos? Foi o que me aconteceu.

“No melhor do sono, despertei ouvindo quebrar paus secos perto da espera. ‘Não tem dúvida’, disse eu, ‘é bicho, e grande!’ E senti logo um estremecimento no coração, porque,

rapazes, não há caçador, por mais acostumado que seja, que não se perturbe ao aproximar-se a caça. E então, pegando com cautela na minha lazarina, engatilhei-a devagar, e, botando os olhos para a banda do barulho, vi como que um vulto à beira do riacho. Não tive mais demora, não; papoquei-lhe fogo, como quem tinha vontade, e fiquei a observar o efeito.

“Tudo calou-se ao redor; e olhando bem, não vi mais o vulto e nem sinal de coisa alguma. À vista disto, entrei a maginar, e concluí que atirara em vão e que o rumor não passara de sonho. E pus-me a esperar com os olhos arregalados, e nada! Desenganado já, e quando as barras vinham quebrando, deliberei-me a descer da espera; e escorregando pelos paus abaixo, fui beber água, que estava morto de sede. Mas lá me ficara a cuia, e por isso deitei-me de bruços sobre o riacho entre duas grandes pedras, e assim bebia, quando... oh, que susto, minha gente! Botei os olhos para um lado e vi entre dois paus uma onça como que armando o salto para agarrar-me. Não tive demora, não; dei um pulo, mas de modo tão desastrado que bati com o joelho direito na pedra e imprensado fiquei, sem poder erguer-me.

“Considerem agora o meu vexame, a minha aflição!

“Não podia, sem firmeza na perna, levantar-me de pronto e nem tirar os olhos de cima da onça; e esta, sempre na posição de saltar na minha goela! O que devia eu fazer? Gritar seria tempo perdido, pois o lugar era deserto e além disso as-sanharia mais a fera. Rezei, pois, o ato de contrição e esperei a morte, que não podia tardar. Passados alguns instantes, que me pareceram anos, foi clareando o dia, e, tendo eu melhorado um pouco, e vendo que a onça não se mexia, levantei-me devagarinho, sempre com os olhos nela, e aproximei-me...

“Oh, rapazes, acontecem neste mundo coisas a gente! Pois não querem saber? A onça estava morta! Naquele tiro, ferira-a eu no coração, no momento em que ela ia pular o riacho, e

por isso ficara a bicha enganchada entre os dois paus, naquela posição. E eu a pensar que estava viva!”

— Sim, senhor! E que susto não raspou vosmecê! Não era para menos — disseram os ouvintes.

— Minha gente, eu morria de medo! — aclamou a Rita Lavandeira.

— E se te acontecesse outra, que me aconteceu, ó Rita? Esta, sim, foi de arrepiar as carnes...

— Mas não tarda acabar-se a mandioca e o primo ainda não contou a história do caipora — observou Maria das Dores.

— É verdade. Se eu contar todas as aventuras de minha vida de caçador, um mês é pouco; pois não menores perigos e sustos tive muitas vezes nas brenhas daquela serra. Não tem par e nem conta! Mas vamos à história...

III

— Um dia — e foi numa sexta-feira! — eu caçava no coração da serra acompanhado dos meus cachorros, quando dei com um bando de queixadas. Tratei logo de persegui-los sem descanso, e assim embrenheime, indiferente ao rumo que seguia. O Rompe-Ferro e o Veloz brigavam bonito com os queixadas e os outros dois não os largavam. Não sei por que atrasei-me um pouco e os perdi de vista, mas sempre ouvindo o barulho adiante...

“Eis senão quando, rapazes, apenas ouço gritarem os meus cachorros como se estivessem apanhando! Não havia dúvida, estavam açoitando os meus bichinhos! Quem seria? Gente não era possível, que naquelas paragens não passava viva alma. E por isso meus cabelos se arrepiaram tanto que mais pareciam de quando assanhado do que de criatura humana.

Considerarei um instante — que remédio senão fazer das tripas coração? Reuni pois as forças, tomei ânimo e, engatilhando a espingarda, empurrei-me para o lado onde gritavam os cachorros, como quem tem vontade de se desempulhar, embora com risco de vida.

“Quando cheguei... oh, que raiva e pena senti ao mesmo tempo, minha gente! Os cachorros grunhiam e rolavam no chão debaixo do chicote de um caipora cruel!”

— De um caipora, tio Gonçalves? — exclamaram os rapazes.

— Sim, de um caipora! Não sei como não morri, tamanha foi a minha ira.

— E como era o tal caipora?

— Como todos os outros: um culumim de cor escura, de cabelos duros como os de porco e dentes alvos e afiados como os da guariba. Os olhos pareciam dois tições acesos, ou olhos de onça acuada na fuma. Montava um grande caítu e, dando voltas e reviravoltas por entre os meus cachorros, os açoitava com uma grande chibata de japecanga.

— E o que vosmecê fez?

— O que havia de fazer, gente? Vontade não me faltou de empurrar-lhe uma bala no bucho; porém, felizmente, lembrei-me que, sendo os caiporas encantados, de nada valiam as minhas balas. Talvez as aparasse para sacudilas depois em meu rosto. Então disse eu comigo mesmo: “Gonçalves, o melhor é não dar sinais de zanga e procurar a amizade do caipora.” Meu dito, meu feito. Tomei chegada e, cortesmente tirando a minha carapuça, salvei, dizendo:

“Perdoe por esta vez os meus cachorrinhos, senhor caipora.”

“Ele, suspendendo o castigo, fitou-me irado e, pouco a pouco se acalmando, perguntou-me:

“Quem és tu?”

“Eu sou o Gonçalo da Silva, pobre caçador carregado de família, e moro lá embaixo no talhado das Marizeiras.”

“E que andas aqui fazendo?”

“Senhor, eu ando caçando uns bichinhos para comer com a minha mulher e filhos.”

“E não sabes que estás nos meus domínios, e que sou o senhor das caças desta serra?”

“Não sabia, senhor; mas fico sabendo.”

“E não sabes também que ninguém pode caçar nestas florestas sem a minha licença?”

“Não sabia, senhor; mas fico sabendo.”

“E não sabes também que todos os caçadores são obrigados a pagarme tributo pelas caças que me roubam?”

“Não sabia, senhor; mas fico sabendo.”

“E não sabes também que mato aqueles que se negam ao pagamento, e os como assados no moquém de minhas grotas?”

“Não sabia, senhor; mas fico sabendo.”

“Pois, bem, o tributo é um grande pedaço de fumo...”

“Mas, senhor, eu não sabia, e por isso não o trouxe.”

“Pois morrerás.”

“E o que será de minha pobre mulher, senhor, se eu não voltar à casinha das Marizeiras?”

“Não me importa; tu morrerás.”

“E meus filhinhos, senhor, as criancinhas que me esperam?”

“Não me importa; tu morrerás.”

“Mas, eu lhe prometo, senhor, voltar amanhã e trazer-lhe o dobro do tributo.’

“Tu me enganarás, Gonçalo, tu me enganarás.’

“Não o enganarei, senhor, eu lhe afianço.’

“Tu me enganarás, Gonçalo, tu me enganarás.’

“Eu estava mais morto que vivo! O que seria de mim naqueles gerais, no poder do feroz encantado, para quem não havia balas, nem faca, nem forças humanas capazes de o dominar? E onde tiraria eu o fumo para lhe pagar o tributo? Não me restava, pois, senão ir à garupa do seu caititu para as grotas escuras e ser comido assado no moquém.

“Assim pensava eu com tristeza, enquanto o senhor das caças, fumando em seu cachimbo, ocupava-se em apanhar perto algumas plantas medicinais.”

— E para que essas plantas, tio Gonçalo?

— Para curar os bichos feridos, menina, os bichos que escapam dos caçadores. O caipora é o melhor dos vaqueiros, trata com muito zelo o seu gado e cura-o com plantas virtuosas, que ele pila nos almofarizes, por suas mãos abertos nas pedras.

— Por isso é que há na serra tantos buraquinhos nas pedras, assim a modo de pilão...

— Foram feitos pelos caiporas. Mas vamos ao caso...

“Tristemente imaginava eu, quando o caipora virou-se para mim, e em tom mais calmo e brando me disse:

“Então, Gonçalo, então?”

“Mate-me logo, senhor, pois que não confia na minha palavra’, respondi com inteira submissão, lembrando-me de que quase sempre nada é mais forte que a humildade.

“Ele sorriu e tornou-me:

“Gostei de ti, Gonçalves; e por isso confiarei em tua palavra. Volta agora para casa, e amanhã virei aqui receber o preço de minhas caças.’

“E tal dizendo, empurrou-se pelas brenhas adentro, e eu cuidei em descer logo, por via das dúvidas, mas disposto a cumprir o trato, desse no que desse, para não ficar privado das caçadas da serra.

“A Lauriana não me esperava naquele dia e, pois, assustou-se quando arrebentei em casa, sossegando quando lhe disse que voltara atrás de pólvora, porque tinha derramado a que levava para o mato.

“Nada lhe contei do sucedido, receando amedrontá-la; e, comprando duas varas de bom fumo, larguei-me à primeira cantada do galo em procura da serra. O caipora chegou igual comigo.

“‘Voltaste, Gonçalves, e bem fizeste em voltar.’

“‘Sou pobre, senhor, mas não sei faltar ao prometido. Aqui tem fumo e desejo que o ache de seu gosto.’

“O senhor das caças o recebeu, e enchendo e acendendo o cachimbo, começou a fumar com sinais da mais completa satisfação.

“‘Podes caçar em todos os meus domínios, Gonçalves; dou-te licença e protejo-te, porque cumpriste com a tua palavra.’

“‘Obrigado, senhor, muito obrigado.’

“‘Uma coisa, porém, te peço, Gonçalves: atira sempre com segurança para que a caça não fuja ferida, e assim tenha eu o trabalho de curá-la, ou morra pelos matos, perdendo-a tu e eu, porque deste modo não servirá para ti e nem para mim.’

“E daí em diante, quando eu ia à serra, voltava carregado da melhor caça. Parecia um encanto, rapazes! Como que o caipora, para proteger-me, vaquejava e reunia os seus gados nos lugares em que os esperava. Eu era, pois, o caçador mais afortunado, o mais afamado entre todos do pé da serra; e como a ninguém contara esses negócios, asseverava-se geralmente que só pautas com o demo podiam tanto!

“Que me importavam esses ditos? Seria eu um doido se pretendesse tapar a boca do mundo. Agora o que querem? Sempre que subia à serra, encontrava o caipora, dava-lhe fumo, e conversávamos como dois amigos íntimos; e então aprendi coisas que nunca ensinarei, por mais que me roguem.”

— E por que o tal caipora tornou-se depois inimigo do tio Gonçalo? — perguntaram as raparigas.

— Ah, isto é história muito comprida... Fica para outra vez.

— Não, primo, conte agora!

— Ora, prima Maria, pois não vê que está quase toda raspada a mandioca?

— Ainda falta uma porção... Conte, tio Gonçalo, conte! — pediram com instância os rapazes.

— Arre lá! Que dores de barriga são vocês! Pois bem, eu vou contar o resto da história, porque encerra uma lição... um exemplo para os ambiciosos...

— Isto é bom: presta atenção, ó Rita — disse João Marreca.

— Que é isso? Quem ouvi-lo há de pensar que eu sou ambiciosa! Pois se engana: ninguém mais contente com a sua sorte do que eu.

— Nanja eu; antes queria ser muito rico...

E, restabelecendo pouco a pouco o silêncio, o velho caçador contou como interrompera suas relações com o senhor das caças, isto é, a história da Lagoa Encantada.

IV

— Um dia me disse o caipora:

“Gonçalo, o homem indiscreto, que não sabe guardar um segredo, não merece confiança, e sim desprezo.”

“É assim mesmo, senhor; eu penso do mesmo modo.”

“Gonçalo, o homem que se deixa dominar pelo demônio da ambição não merece estima, e sim a maldição.”

“É assim mesmo, senhor; eu penso do mesmo modo.”

“O indiscreto arrisca o seu amigo, e o ambicioso é capaz de todos os crimes...”

“É tal e qual, senhor, é tal e qual!”

— Homem, o caipora era um vigário! — exclamou Zé Gomes.

— Sim... senhor! — acrescentaram os outros.

— Não interrompam! — ralhou a Chica Pereira.

— E disse mais o senhor das caças — continuou o velho caçador:

“Quem sabe, Gonçalo, se mereces a minha confiança e a minha estima?”

“Não duvide de mim, senhor, que me ofende.”

“Pois bem, vou experimentar-te; mas, se revelares o meu segredo e se fores tentado pelo demônio da ambição, nunca

mais me apareças, nunca mais! Que, indigno de minha amizade, empregarei contra ti as armas mais ferinas.’

“E depois acrescentou:

“Escuta. Vou dar-te a riqueza; vou mudar a tua pobreza em abundância; mas, vê lá! Não sejas o algoz de teus semelhantes, só porque tens os meios de seres o seu benfeitor! E nunca te esqueças de que o rico não é mais do que o depositário do ouro de muitos pobres e por isso entre eles deve dividi-lo, em suas necessidades, como bom amigo e fiel tutor. Acompanha-me agora.’

“E montando em seu caititu, enfiou pelas brenhas, e eu o acompanhei, ora subindo os mais altos penhascos, ora descendo aos mais profundos abismos. E que lindos arvoredos carregados de flores e frutos e de viçosa e escura folhagem; que abundantes riachos ladrilhados de pérolas e diamantes; que longas campinas cheias de veados, de antas, tamanduás e outros bichos da serra, atravessamos nós! Parecia um sonho, meus rapazes, um sonho prodigioso!

“Ele caminhava adiante em seu caititu e eu o acompanhava como fora de mim, de espanto em espanto! Assim, depois de muito caminhar, atravessamos um grande corredor, escuro como noite de inverno e como que aberto nos rochedos, e desembocamos numa lagoa, cercada das mais formosas matas e sombreada por uma grande gameleira.

“Ah, minha gente, não sei como não caí pela repentina mudança do escuro para a luz, não só do dia como de tão assombrosa beleza!

“O senhor das caças parou e, deixando moderar-se o meu espanto, disse-me:

“Gonçalo da Silva! eis a Lagoa Encantada! Aqui se oculta um grande tesouro; e eu to ofereço para felicidade de tua

família, de teus amigos e dos pobres que à tua porta baterem. Vai buscá-lo, vai. Da raiz daquela gameleira desce uma grossa corrente de bronze ao fundo das águas. Puxa-a, planeando a caridade e desde logo sentindo o seu deleitoso prazer, que arrancarás um caixão cheio de ouro. Mas, se tentar-te o demônio da ambição, de balde, ó Gonçalo da Silva, procurarás arrancá-lo! As águas, os peixes e as raízes reunir-se-ão para prendê-lo, para zombar de teus esforços! E se revelares a alguém este mistério... treme, treme de minha vingança!

“E sem mais nem menos, o senhor das caças açoitou o seu ginete, e, trepando-se pelos despenhadeiros mais a pique, desapareceu a meus olhos.

“Fiquei só.

“A princípio, estendi alucinado a vista por todo aquele prodigioso quadro, e, depois, fatigado pela viagem e estremecimento do coração, sentei-me numa pedra e pus-me a cismar ou a sonhar com os olhos abertos.

“Não é possível, prima Maria das Dores, descrever tanta beleza, como a que vi na Lagoa Encantada... Não, minha gente, não se pode pintar, nem mesmo fazer-se ideia de tais maravilhas! Contudo, eu vou ver se posso contar algumas coisas... Escutem.

“A mata mais verde, mais frondosa, mais bonita que já os olhos de criatura viram neste mundo, cercava aquela grande lagoa. De um lado, erguia-se a gameleira que o caipora me apontara, e, de outro, estendia-se verde-escuro juncal; e por toda a parte lindíssimas flores exalando deliciosos perfumes.

“Da lagoa corria um riachinho por entre seixos alvos como a névoa, a água era cristalina como as chuvas do céu. Um ventozinho fresco, ou como lá diz o outro, a brisa, viera encrespar docemente as águas e brincava por entre as flores; e também por entre elas passarinhos de penas azuis, verdes,

encarnadas, douradas e prateadas voavam alegres, cantando uns cantos que iguais somente devem ser os dos serafins do Altíssimo! E peixes de todas as cores e tamanhos vinham à tona d'água, como que para escutar os passarinhos.

“Esqueci-me de contar, minha gente, que no meio da lagoa havia uma ilha, com o mais primoroso jardim e uma gruta de madrepérolas.

“Pois bem, eu contemplava todos esses abismos de beleza, quando vejo erguer-se das águas uma moça alva e corada, de cabelos compridos e soltos, colo feiticeiro... enfim, de uma formosura sem igual!”

— Era uma mãe-d'água, tio Gonçalo?

— E o que havia de ser, ó rapaz, senão a mãe-d'água? Depois apareceu outra, e mais outra, e dirigindo-se todas à ilha, coroaram-se de flores, e começaram a tocar uns instrumentos desconhecidos, ao mesmo tempo dançando e cantando...

“Ah, prima Maria das Dores, Madalena, compadre Zé Gomes, nunca vi moças tão lindas e nem danças e cantigas como aquelas! Eram decerto mães-d'água, que tinham deixado no fundo do lago os seus palácios de cristal e vinham brincar à luz do dia. Eu estava embasbacado, rapazes, e mais ainda fiquei quando vi, ao som daqueles cantos, as árvores, as flores, os juncos e os rochedos movendo-se; os peixes pulando; os passarinhos saltando e batendo as asas; e tudo como que dançando compassado, como se fosse gente! E, dançando, cantaram por muito tempo. Depois, descansaram um instante e, fitando-me, continuaram dizendo-me assim em suas melodiosas cantigas:

“Ergue-te, Gonçalo, oh, venturoso, é tempo.”

“Quanto ouro levarás, e no ouro vai a opulência.”

“Levantarás um palácio na vargem; e no palácio dançarão as belas.’

“Terás criados sem conta; e sem conta serão tuas festas para tuas amantes; manas, sejamos suas amantes.’

“Comprarás sedas para tuas amantes; manas, sejamos suas amantes.’

“Comprarás perfumes e joias para tuas queridas; manas, sejamos suas queridas.’

“Quanta riqueza, Gonçalo; Gonçalo, quantos prazeres!’

“Todos te respeitarão; porque o ouro é o respeito.’

“Todos te obedecerão; porque o ouro é a obediência.’

“Todos te louvarão; porque o ouro é a lisonja.’

“Quanta riqueza, Gonçalo; Gonçalo, quantas delícias!’

“Terás os manjares mais finos; porque o ouro tudo compra.’

“Terás mimosas donzelas; porque o ouro tudo vence.’

“Terás, enfim, o que desejares; porque o ouro tudo alcança.’

“Quanta riqueza, oh Gonçalo; no cofre pesam as moedas.’

“E tantas são as moedas, quantos besouros nos ares.’

“E milhares de milhares de besourinhos dourados surgiram das águas e escureceram o tempo.

“Um momento depois, fadas e besouros, oh, prima Maria, haviam desaparecido. Tudo estava calado. Botei então os olhos ao redor e somente vi a lagoa, a gameleira, as matas, as flores, a ilha e os passarinhos, no mesmo estado em que os encontrara; porém eu, minha prima, estava inteiramente mudado.

“Uma fome cruel me roía as entranhas — a fome dos prazeres; uma sede fatal me consumia — a sede da riqueza!

“Levantei-me, então, e pus-me a andar como doido.

“‘Gonçalo’, dizia eu mesmo comigo, ‘serás em breve muito rico, Gonçalo! Não caçarás mais para comer e sim para te divertires. Terás uma espingarda de ouro, uma patrona enfeitada de diamantes, um polvarinho de cristal... e um palácio, e as moças mais formosas, e banquetes e danças. As melhores fazendas serão tuas, os melhores sítios, os maiores roçados! Comprarás estas terras... as mais rendosas propriedades... Todos te respeitarão. Crescerá a tua riqueza. Aumentarás os teus gozos. Gonçalo, serás em breve muito rico, Gonçalo!’

“E sem mais demora corri para a gameleira, e, agarrando a corrente de bronze que prendia o tesouro, puxei-a com força. Nada! Nem ao menos alui...

“E uma grande gargalhada estrondou nos ares.

“‘São as mães-d’água que zombam de mim’, pensei eu, e tornei a puxar, a puxar, até que desalentado caí junto da corrente, escumando de cansaço e raiva. Outra gargalhada estrondou nos ares.

“Era demais! Bradei desesperado: ‘Dinheiro, hei de arrancar-te, dinheiro!’ E agarrei-me à corrente a puxar, a puxar, mas qual! Desta vez, oh, rapazes, caí mais depressa, e maior foi a gargalhada que estrondou nos ares.

“Então, sem lembrar-me do que ouvira ao senhor das caças, eu disse comigo mesmo: ‘Gonçalo, estão caçoando de tua fraqueza: corre lá embaixo e convida dois ou três camaradas para te ajudarem a arrancar o caixão...’

“E meu dito, meu feito...”

— E não lhe ordenou o senhor das caças, tio Gonçalo, que não revelasse o mistério de seus domínios? — interrompeu Madalena.

— Eu só me lembrava, menina, da riqueza, daquele grande caixão de ouro... O demo da ambição me tinha revirado a bola...

“Mas, como ia eu contando, disposto a descer, enchi o seio de frutas, e saí botando uma no chão a cada passo, para acertar quando voltasse.

“E outra gargalhada estrondou nos ares e um bando de anuns apareceu e começou a comer as frutas que eu deixava cair.

“Não sei como não morri de raiva!

“Enxotei os anuns atirando as pedras que pude apanhar, e eles voaram, mas voltaram logo em maior número. Assim contrariado, botei fora o resto das frutas e, arrancando a faca, saí cortando a casca das árvores para assinalar a passagem. Mas ainda não havia eu dado dez passos quando, olhando para trás, vi os talhos desaparecerem das árvores e ouvi...

“Oh, vocês não podem fazer ideia do barulho infernal que então estrondou nos ares! Eram gargalhadas, toques de sinos e caixas de guerra, assobios, gritos... enfim, o diabo a quatro!

“Não tive mais demora, não; azoado e furioso corri pelos matos adentro, sem direção, ora trepando as mais altas penhas, ora rompendo espinheiros, aqui escorregando nas lajes, ali batendo nos troncos, cada vez mais atordoado porque o barulho me acompanhava... crescia... tornava-se mais diabólico!

“E anoitecera de todo, e a noite era mais escura do que nunca! Já não enxergava as grotas, o lugar que pisava, o rumo que seguia... e sempre a correr, a correr... até que, faltando-me o chão nos pés, caí em medonho boqueirão... rolei nos ares... e fiquei pendurado nuns ramos, sobre horroroso abismo!

“Mais penosa, pois, tornou-se a minha posição.

“Naquelas profundezas, soluçava um rio por entre as rochas; e os galhos que me seguravam, estremeciam, vergavam e de vez em quando estalavam. Eu não podia mexer-me. Qualquer movimento bastaria para fazer-me cair e morrer despedaçado naquelas rochas...

“Oh, ainda hoje se me arrepiam os cabelos!

“Eis senão quando, minha gente, em vez do barulho que me perseguia, estouram os trovões, fuzilam os relâmpagos e zune o vento com força embalando-me sobre o abismo! E no meio da tempestade aparece um bando de molequinhos montados em capivaras, lançando fogo pelos olhos, faíscas pelas ventas, arreganhando os dentes, rodeando-me e cantando, acompanhados de novas gargalhadas:

“‘Bacos... ba... bacos; bacos... bacos....’

“‘Gonçalo, cadê teu ouro? Teu ouro virou xenxém!’

“‘Gonçalo, por que caíste? Gonçalo, por que subiste?’

“‘Bacos... ba... bacos; bacos... bacos....’

“E assim continuaram, fazendo-me caretas, sempre ao som das gargalhadas, enquanto uivava a tempestade...

“Depois... estalaram os galhos... e caí perdendo os sentidos!”

V

O auditório ouvira gelado de terror aqueles lances angustiosos da história do tio Gonçalo. Ninguém ousava interrompê-lo, e nem mesmo mover-se para não perder uma palavra. Como que não se respirava, houve ocasião em que as quicés pararam nas mãos de todos.

Calou-se o velho e pôs-se a limpar o seu cachimbo, indifferente à curiosidade geral, ou esperando talvez uma pergunta para com a resposta fechar o conto.

Madalena não pôde conter-se.

— Então, tio Gonçalo, e depois?

— Clareava o dia quando acordei, ardendo em febre, ali na cajazeira grande do riacho. Levantei-me ainda atordoado, e empurrei-me para casa, dando graças ao Altíssimo por ter escapado daquela embrulhada.

“Adiante encontrei o Mané Coco, que saía para uma pescaria de jereré, e contando-lhe o sucedido, disse-me ele em balançando a cabeça:

“Hum... hum... hum... Estas artes de caipora... Eu já as conheço! Quase a mesma graça já fizeram comigo uma noite. Eu logo vi, senhor Gonçalo, que as suas caçadas nos esquisitos daquela serra vinham dar nisto!”

“E chegando em casa nada contei a Lauriana, para não afligi-la, mas, lembrando-me das agonias da ambição, lidas e dissabores da riqueza, achei tão doce, tão suave, tão cheia de sossego a pobreza entre os afagos da família, que não pude deixar de exclamar dentro do coração: ‘Quem quiser ser rico, que seja, que a mim não faz inveja!’”

— Eu, da minha parte, quero ser muito rica, mas da graça do meu divino Jesus — acrescentou Maria das Dores.

— E o caipora não tomou mais vingança contra vosmecê, tio Gonçalo? — perguntou a Rita Lavandeira.

— Talvez ainda me espere nas brenhas da serra para isso, Rita; porém eu lá não voltei.

— É verdade que vosmecê só caça aqui no plano e pelo pé da serra?

— E nem era eu tolo para caçar lá em cima; nesta não caía. Naquele dia protestei não continuar a amizade com os caiporras, e nem subir mais às brenhas esquisitas da serra.

— E faz bem, compadre Gonçalo, que os tais caboclinhos são levados da breca! — disse o João Marreca, como quem entendia do negócio.

— Mas devia acontecer o que lhe aconteceu, primo, para você não ser ambicioso! — observou-lhe Maria das Dores.

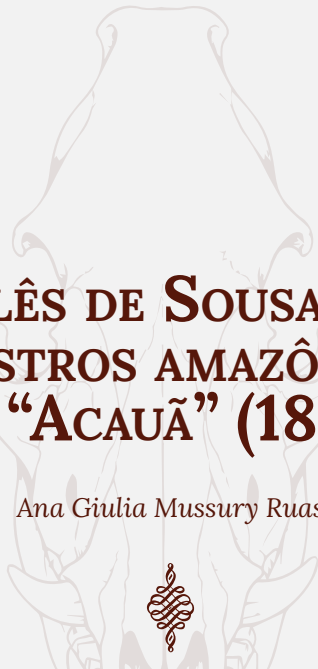
— O ambicioso nunca medrou, e nem quem junto dele morou. É ditado dos antigos — acrescentou o Zé Gomes.

E como já não havia mandioca para raspar e estivesse acabada a história, concluiu-se o serão, e todos ergueram-se, dando-se as boas noites, e retiraram-se — os que moravam distante, para suas casinhas, e os outros, para as suas tipoias.

Um instante depois apenas se ouvia ao longe a voz de Gonçalo da Silva, que no caminho de sua choça cantava a lenda do caipora:

“... Cuidado, caçadores, cuidado, que o senhor das caças campeia agora na serrania inculta.”





INGLÊS DE SOUSA E OS MONSTROS AMAZÔNICOS DE “ACAUÃ” (1880)

Ana Giulia Mussury Ruas



O paraense Herculano Marcos Inglês de Sousa (1853 – 1918) foi um dos grandes precursores do Naturalismo no Brasil. Formado em Direito pela Faculdade de São Paulo, envolveu-se em movimentos políticos como o abolicionismo e o republicanismo, chegando a ocupar cargos como presidente da província do Pará. Obtendo reconhecimento por sua parte na fundação da Academia Brasileira de Letras (cadeira nº 28), o autor destacou-se sobretudo pela produção literária voltada à Amazônia, em especial na ficção. Seu nome figura entre os primeiros autores brasileiros a construir uma literatura com forte ambientação regional, mas sem abdicar de enredos centrados em conflitos morais e elementos sobrenaturais.

A obra de Inglês de Sousa está majoritariamente inserida no ciclo do Naturalismo, mas suas narrativas vão além dos limites propostos pelo determinismo científico. Nos contos amazônicos que publicou a partir da década de 1880, é notável a presença de um imaginário povoado por figuras assombrosas, violência física e desequilíbrios emocionais, o que

permite relacioná-los às poéticas negativas. Em contos como “A Feiticeira” e “O Baile do Judeu”, por exemplo, o fantástico popular se mistura a visões moralizantes e religiosas, evidenciando um mundo onde a lógica cede lugar ao inexplicável. A tensão entre ceticismo e superstição percorre seus textos de forma recorrente, demonstrando que sua obra incorpora elementos do horror gótico, do maravilhoso popular e do fantástico nacional.

No conto “Acauã” (1880), selecionado para esta coletânea, o autor recria uma atmosfera de horror ao narrar a maldição lançada sobre uma criança por uma feiticeira. A ausência das lágrimas de Aninha se revela como o prenúncio de uma possessão monstruosa, que finda com a manifestação sobrenatural de duas entidades do imaginário regional: a Cobra Grande e o pássaro Acauã. Ao trazer essas figuras à cena, o autor não apenas resgata mitos brasileiros, mas os configura como criaturas vivas e ameaçadoras, capazes de se infiltrar silenciosamente nas relações humanas. Desta forma, mesclando elementos do catolicismo popular, da oralidade indígena e do medo coletivo, “Acauã” firma-se como uma das narrativas representativas dos monstros brasileiros em nossa vasta literatura do medo.

REFERÊNCIAS

CORREÂ, Oscar Dias. O ficcionista Inglês de Sousa. Revista Brasileira: Rio de Janeiro, fase VII, ano IX, n. 37, p. 149-165, out./nov./dez. 2003.



ACAUÃ

Inglês de Sousa



O capitão Jerônimo Ferreira, morador da antiga vila de São João Batista de Faro, voltava de uma caçada a que fora para distrair-se do profundo pesar causado pela morte da mulher, que o deixara subitamente só com uma filhinha de dois anos de idade.

Perdida a calma habitual de velho caçador, Jerônimo Ferreira transviou-se e só conseguiu chegar às vizinhanças da vila quando já era noite fechada.

Felizmente, a sua habitação era a primeira, ao entrar na povoação pelo lado de cima, por onde vinha caminhando, e por isso não o impressionaram muito o silêncio e a solidão que a modo se tornavam mais profundos à medida que se aproximava da vila. Ele já estava habituado à melancolia de Faro, talvez o mais triste e abandonado dos povoados do vale do Amazonas, posto que se mire nas águas do Nhamundá, o mais belo curso d'água de toda a região. Faro é sempre deserta. A menos que não seja algum dia de festa, em que a gente das vizinhas fazendas venha ao povoado, quase não se encontra viva alma nas ruas. Mas se isso acontece à luz do sol, às horas de trabalho e de passeio, à noite a solidão aumenta. As ruas quando não sai a lua, são de uma escuridão pavorosa. Desde

as sete horas da tarde, só se ouve na povoação o pio agoureiro do murucututu ou o lúgubre uivar de algum cão vagabundo, apostando queixumes com as águas múrmuras do rio.

Fecham-se todas as portas. Recolhem-se todos, com um terror vago e incerto que procuram esconjurar, invocando:

— Jesus, Maria, José!

Vinha, pois, caminhando o capitão Jerônimo a solitária estrada, pensando no bom agasalho da sua fresca rede de algodão trançado e lastimando-se de não chegar a tempo de encontrar o sorriso encantador da filha, que já estaria dormindo. Da caçada nada trazia, fora um dia infeliz, nada pudera encontrar, nem ave nem bicho, e ainda em cima perdera-se e chegava tarde, faminto e cansado. Também quem lhe mandara sair à caça em sexta-feira? Sim era uma sexta-feira, e quando depois de uma noite de insônia se resolvera a tomar a espingarda e a partir para a caça, não se lembrara que estava num dia por todos conhecido como aziago, e especialmente temido em Faro, sobre que pesa o fado de terríveis malefícios.

Com esses pensamentos, o capitão começou a achar o caminho muito comprido, por lhe parecer que já havia muito passara o marco da jurisdição da vila. Levantou os olhos para o céu a ver se se orientava pelas estrelas sobre o tempo decorrido. Mas não viu estrelas. Tendo andado muito tempo por baixo de um arvoredor, não notara que o tempo se transtornava e achouse de repente numa dessas terríveis noites do Amazonas, em que o céu parece ameaçar a terra com todo o furor da sua cólera divina.

Súbito, o clarão vivo de um relâmpago, rasgando o céu, mostrou ao caçador que se achava a pequena distância da vila, cujas casas, caiadas de branco, lhe apareceram numa visão efêmera. Mas pareceu-lhe que errara de novo o caminho, pois não vira a sua casinha abençoada, que devia ser a primeira

a avistar. Com poucos passos mais, achou-se numa rua, mas não era a sua. Parou e pôs o ouvido à escuta, abrindo também os olhos para não perder a orientação de um novo relâmpago.

Nenhuma voz humana se fazia ouvir em toda a vila; nenhuma luz se via; nada que indicasse a existência de um ser vivente em toda a redondeza. Faro parecia morta.

Trovões furibundos começaram a atroar os ares. Relâmpagos amiudavam-se, inundando de luz rápida e viva as matas e os grupos de habitações, que logo depois ficavam mais sombrios.

Raios caíram com fragor enorme, prostrando cedros grandes, velhos de cem anos. O capitão Jerônimo não podia mais dar um passo, nem já sabia onde estava. Mas tudo isso não era nada. Do fundo do rio, das profundezas da lagoa formada pelo Nhamundá, levantava-se um ruído que foi crescendo, crescendo e se tomou um clamor horrível, insano, uma voz sem nome que dominava todos os ruídos da tempestade. Era um clamor só comparável ao brado imenso que hão de soltar os condenados no dia do Juízo Final.

Os cabelos do capitão Ferreira puseram-se de pé e duros como estacas.

Ele bem sabia o que aquilo era. Aquela voz era a voz da cobra grande, da colossal sucuriju que reside no fundo dos rios e dos lagos. Eram os lamentos do monstro em laborioso parto.

O capitão levou a mão à testa para benzer-se, mas os dedos trêmulos de medo não conseguiram fazer o sinal da cruz. Invocando o santo do seu nome, Jerônimo Ferreira deitou a correr na direção em que supunha dever estar a sua desejada casa. Mas a voz, a terrível voz aumentava de volume. Cresceu mais, cresceu tanto afinal, que os ouvidos do capitão zumbiram, tremeram-lhe as pernas e caiu no limiar de uma porta.

Com a queda, espantou um grande pássaro escuro que ali parecia pousado, e que voou cantando:

— Acauã, acauã!

Muito tempo esteve o capitão caído sem sentidos. Quando tornou a si, a noite estava ainda escura, mas a tempestade cessara. Um silêncio tumular reinava; Jerônimo, procurando orientar-se, olhou para a lagoa e viu que a superfície das águas tinha um brilho estranho como se a tivessem untado de fósforo. Deixou errar o olhar sobre a toalha do rio, e um objeto estranho, afetando a forma de uma canoa, chamou-lhe a atenção. O objeto vinha impelido por uma força desconhecida em direção à praia para o lado em que se achava Jerônimo. Este, tomado de uma curiosidade invencível, adiantou-se, meteu os pés na água e puxou para si o estranho objeto. Era com efeito uma pequena canoa, e no fundo dela estava uma criança que parecia dormir. O capitão tomou-a nos braços. Nesse momento, rompeu o sol por entre os animais de uma ilha vizinha, cantaram os galos da vila, ladraram os cães, correu rápido o rio perdendo o brilho desusado. Abriram-se algumas portas. À luz da manhã, o capitão Jerônimo Ferreira reconheceu que caíra desmaiado justamente no limiar da sua casa.

No dia seguinte, toda a vila de Faro dizia que o capitão adotara uma linda criança, achada à beira do rio, e que se dispunha a criá-la, como própria, conjuntamente com a sua legítima Aninha.

Tratada efetivamente como filha da casa, cresceu a estranha criança, que foi batizada com o nome de Vitória.

Educada da mesma forma que Aninha, participava da mesa, dos carinhos e afagos do capitão, esquecido do modo por que a recebera.

Eram ambas moças bonitas aos 14 anos, mas tinham tipo diferente.

Ana fora uma criança robusta e sã, era agora franzina e pálida. Os anelados cabelos castanhos caíam-lhe sobre as alvas e magras espáduas. Os olhos tinham uma languidez doentia. A boca andava sempre contraída, numa constante vontade de chorar. Raras rugas divisavam-se-lhe nos cantos da boca e na fronte baixa, algum tanto cavada. Sem que nunca a tivessem visto verter uma lágrima, Aninha tinha um ar tristonho, que a todos impressionava, e se ia tomando cada dia mais visível.

Na vila dizia toda a gente:

— Como está magra e abatida a Aninha Ferreira que prometia ser robusta e alegre.

Vitória era alta e magra, de compleição forte, com músculos de aço. A tez era morena, quase escura, as sobrancelhas negras e arqueadas; o queixo fino e pontudo, as narinas dilatadas, os olhos negros, rasgados, de um brilho estranho. Apesar da incontestável formosura, tinha alguma coisa de masculino nas feições e nos modos. A boca, ornada de magníficos dentes, tinha um sorriso de gelo. Fitava com arrogância os homens até obrigá-los a baixar os olhos.

As duas companheiras afetavam a maior intimidade e ternura recíproca, mas o observador atento notaria que Aninha evitava a companhia da outra ao passo que esta a não deixava. A filha do Jerônimo era meiga para com a companheira, mas havia nessa meiguice um certo acanhamento, uma espécie de sofrimento, uma repulsão, alguma coisa como um terror vago, quando a outra cravava-lhe nos olhos dúbios e amortecidos os seus grandes olhos negros.

Nas relações de todos os dias, a voz da filha da casa era mal segura e trêmula; a de Vitória, áspera e dura. Aninha, ao pé de Vitória, parecia uma escrava junto da senhora.

Tudo, porém, correu sem novidade, até ao dia em que completaram 15 anos, pois se dizia que eram da mesma idade.

Desse dia em diante, Jerônimo Ferreira começou a notar que a sua filha adotiva ausentava-se da casa frequentemente, em horas impróprias e suspeitas, sem nunca querer dizer por onde andava. Ao mesmo tempo que isso sucedia, Aninha ficava mais fraca e abatida. Não falava, não sorria, dois círculos arroxeados salientavam-lhe a morbidez dos grandes olhos pardos. Uma espécie de cansaço geral dos órgãos parecia que lhe ia tirando pouco a pouco a energia da vida.

Quando o pai chegava-se a ela e lhe perguntava carinhosamente:

— Que tens, Aninha?

A menina, olhando assustada para os cantos, respondia em voz cortada de soluços:

— Nada, papai.

A outra, quando Jerônimo a repreendia pelas inexplicáveis ausências, dizia com altivez e pronunciado desdém:

— E que tem vosmecê com isso?

Em julho desse mesmo ano, o filho de um fazendeiro do Salé, que viera passar o São João em Faro, enamorou-se da filha de Jerônimo e pediu-a em casamento. O rapaz era bem-apessoado, tinha alguma coisa de seu e gozava de reputação de sério. Pai e filha anuíram gostosamente ao pedido e trataram dos preparativos do noivado. Um vago sorriso iluminava as feições delicadas de Aninha. Mas um dia em que o capitão Jerônimo fumava tranquilamente o seu cigarro de tauari à porta da rua, olhando para as águas serenas do Nhamundá, a Aninha veio se aproximando dele a passos trôpegos, hesitante e trêmula, e, como se cedesse a uma ordem irresistível, disse, balbuciando, que não queria mais casar.

— Por quê? — foi a palavra que veio naturalmente aos lábios do pai tomado de surpresa.

Por nada, porque não queria. E, juntando as mãos, a pobre menina pediu com tal expressão de sentimento, que o pai enleado, confuso, dolorosamente agitado por um pressentimento negro, aquiesceu, vivamente contrariado.

— Pois não falemos mais nisso.

Em Faro, não se falou em outra coisa durante muito tempo, senão na inconstância da Aninha Ferreira. Somente Vitória nada dizia. O fazendeiro do Salé voltou para as suas terras, prometendo vingar-se da desfeita que lhe haviam feito.

E a desconhecida moléstia da Aninha se agravava a ponto de impressionar seriamente o capitão Jerônimo e toda a gente da vila.

Aquilo é paixão recalcada, diziam alguns. Mas a opinião mais aceita era que a filha do Ferreira estava enfeitiçada.

No ano seguinte, o coletor apresentou-se pretendente à filha do abastado Jerônimo Ferreira.

— Olhe, seu Ribeirinho — disse-lhe o capitão — é se ela muito bem quiser, porque não a quero obrigar. Mas eu já lhe dou uma resposta nesta meia hora.

Foi ter com a filha e achou-a nas melhores disposições para o casamento. Mandou chamar o coletor, que se retirara discretamente, e disse-lhe muito contente:

— Toque lá, seu Ribeirinho, é negócio arranjado.

Mas, daí alguns dias, Aninha foi dizer ao pai que não queria casar com o Ribeirinho.

O pai deu um pulo da rede em que se deitara havia minutos para dormir a sesta.

— Temos tolice?

E como a moça dissesse que nada era, nada tinha, mas não queria casar, terminou em voz de quem manda:

— Pois agora há de casar que o quero eu.

Aninha foi para o seu quarto e lá ficou encerrada até ao dia do casamento, sem que nem pedidos nem ameaças a obrigassem a sair.

Entretanto, a agitação de Vitória era extrema.

Entrava a todo o momento no quarto da companheira e saía logo depois com as feições contraídas pela ira.

Ausentava-se da casa durante muitas horas, metia-se pelos matos, dando gargalhadas que assustavam os passarinhos. Já não dirigia a palavra a seu protetor nem a pessoa alguma da casa.

Chegou, porém, o dia da celebração do casamento. Os noivos, acompanhados pelo capitão, pelos padrinhos e por quase toda a população da vila, dirigiram-se para a matriz. Notava-se com espanto a ausência da irmã adotiva da noiva. Desaparecera, e, por maiores que fossem os esforços tentados para a encontrar, não lhe puderam descobrir o paradeiro. Toda a gente indagava, surpresa:

— Onde estará Vitória?

— Como não vem assistir ao casamento da Aninha?

O capitão franzia o sobrolho, mas a filha parecia aliviada e contente. Afinal como ia ficando tarde, o cortejo penetrou na matriz, e deu-se começo a cerimônia.

Mas eis que na ocasião em que o vigário lhe perguntava se casava por seu gosto, a noiva põe-se a tremer como varas verdes, com o olhar fixo na porta lateral da sacristia. O pai, ansioso, acompanhou a direção daquele olhar e ficou com o coração do tamanho de um grão de milho.

De pé, à porta da sacristia, hirta como uma defunta, com uma cabeleira feita de cobras, com as narinas dilatadas e a tez verde-negra, Vitória, a sua filha adotiva, fixava em Aninha um olhar horrível, olhar de demônio, olhar frio que parecia querer pregá-la imóvel no chão. A boca entreaberta mostrava a língua fina, bipartida como língua de serpente. Um leve fumo azulado saía-lhe da boca, e ia subindo até ao teto da igreja. Era um espetáculo sem nome!

Aninha soltou um grito de agonia e caiu com estrondo sobre os degraus do altar. Uma confusão fez-se entre os assistentes. Todos queriam acudir-lhe, mas não sabiam o que fazer. Só o capitão Jerônimo, em cuja memória aparecia de súbito a lembrança da noite em que encontrara a estranha criança, não podia despegar os olhos da pessoa de Vitória, até que esta, dando um horrível brado, desapareceu, sem se saber como.

Voltou-se então para a filha e uma comoção profunda abalou-lhe o coração. A pobre noiva, toda vestida de branco, deitada sobre os degraus do altar-mor, estava hirta e pálida. Dois grandes fios de lágrimas, como contas de um colar desfeito, corriam-lhe pela face. E ela nunca chorara, nunca desde que nascera se lhe vira uma lágrima nos olhos!

— Lágrimas! — exclamou o capitão, ajoelhando ao pé da filha.

— Lágrimas! — clamou a multidão tomada de espanto.

Então convulsões terríveis se apoderaram do corpo de Aninha. Retorcia-se como se fora de borracha. O seio agitava-se dolorosamente. Os dentes rangiam em fúria. Arrancava com as mãos o lindo cabelo. Os pés batiam no soalho. Os olhos reviravam-se nas órbitas, escondendo a pupila. Toda ela se maltratava, rolando como uma frenética, uivando dolorosamente.

Todos os que assistiam a esta cena estavam comovido. O pai, debruçado sobre o corpo da filha, chorava como uma criança.

De repente, a moça pareceu sossegar um pouco, mas não foi senão o princípio de uma nova crise.

Inteiriçou-se. Ficou imóvel. Encolheu depois os braços, dobrou-os a modo de asas de pássaro, bateu-o por vezes nas ilhargas, e, entreabrindo a boca, deixou sair um longo grito que nada tinha de humano, um grito que ecoou lugubrememente pela igreja:

— Acauã!

— Jesus! — bradaram todos caindo de joelhos.

E a moça, cerrando os olhos como em êxtase, com o corpo imóvel, à exceção dos braços, continuou aquele canto lúgubre:

— Acauã! Acauã!

Por cima do telhado, uma voz respondeu à de Aninha:

— Acauã! Acauã!

Um silêncio tumular reinou entre os assistentes. Todos compreendiam a horrível desgraça. Era o Acauã!





MULHERES-SEM-CABEÇA NO FOLCLORE CEARENSE

“O AR DO VENTO, AVE-MARIA”, DE OLIVEIRA PAIVA

Ana Paula Araújo

Manuel de Oliveira Paiva foi um escritor natural do Ceará, nascido em Fortaleza, em 12 de julho de 1861. Ingressou no Seminário do Crato, mas não seguiu a carreira religiosa. Mais tarde, também ingressaria na Escola Militar, no Rio de Janeiro, mas da carreira de armas seria dispensado por conta da tuberculose – doença que o fez falecer aos 31 anos, em 29 de setembro de 1892. Apesar de abreviada pela morte precoce do escritor, a obra de Oliveira Paiva se destacou no cenário das Letras cearenses: ele colaborou assiduamente nos periódicos *O Libertador* e *A Quinzena*, escrevendo contos e folhetins. Publicou, em vida, o romance *A Afilhada* (1889). Já *Dona Guindinha do Poço*, sua obra mais conhecida, foi publicada apenas em 1952, 60 anos depois de sua morte, após ter sido recuperada pela historiografia literária.

Foi n’*A Quinzena* que se deu a primeira publicação do conto “O ar do vento, Ave-Maria”, em 1887. A expressão que dá título à narrativa não deixa dúvidas sobre seu teor aterrorizante: na

cultura popular cearense, ela faz referência às doenças e às energias negativas que supostamente seriam carregadas pelo vento ou que seriam capazes de circular no ambiente; ou, ainda, a adoecimentos e mortes sem explicações racionais que geralmente são atribuídos a causas misteriosas.

Na trama, o protagonista se embrenha na mata para caçar uma onça, ambicionando a pele do animal. Ele começa a se arrepender dessa caçada ao se deparar com a imensidão e a densidade do local escuro, ermo, e cercado por árvores. A mata, longe de convidar a aventuras, aos poucos se transforma em um típico *locus horribilis* que passa a horrorizar o antes impetuoso caçador. É nesse ambiente que surgirá uma monstruosidade bastante conhecida do folclore brasileiro, originada dos pecados de uma mulher amaldiçoada por suas transgressões sexuais e morais, e por ferir sobretudo tabus religiosos – como muitas outras personagens femininas vilanescas típicas da literatura do medo. O horror que essa fantasmagórica mulher produz, de fato, só pode ser explicado como algo malsão, como “ar do vento”.



O AR DO VENTO, AVE-MARIA

Oliveira Paiva



Ia a lua sumindo-se lívida, por trás de um cabeça onde se abria o roçado. Por entre as palhas do milho — um mar de cobraria esverdeada, com reflexos de armas brancas em mãos de combatentes revoltos — fervilhava um sopro álgido que saía roncando de sob a mata cavernosa das cercanias. Pelo meio da roça bracejavam uns gigantes magros, pretíssimos, grandes árvores cuja fronde em tempo fora roída pela queima das coivaras. Em um dos cantos, como rico em seu sobrado, estava eu na rede muito aereamente armada nos músculos de uma peroba. Via as árvores salientes como se fossem rochedos, e o cerrado do bosque me fazia horror. Palavra que me arrependia daquela caçada. Porém, tinha uma fé extraordinária no uniforme de couro tanado que me modelava dos pés à cabeça. Me lembrava de que, se visse uma onça, era só enlugar na esquerda o chapeirão e meterlhe pela boca adentro, enquanto com a destra lhe furasse corajosamente o coração com uma facada. Eu via blocos muito escuros no meio da claridade morna que circula no organismo da própria noite.

Verberações de estrelas abrindo os olhos de fera. Me achava meio nada, meio ser. O horizonte não existia a tais

horas senão para as penetrações luminosas, nascimento ou sepultação de algum astro. Não havia perspectiva.

De repente ouvi quebrar mato e estremeci todo. Perguntei a mim mesmo: “Pois veado faz medo assim?”

Entretanto o ruído não procurava o roçado, como faria o cervo, para furtar o milho; mas entranhava-se para o meu lado.

Pus-me de bruços, com a espingarda por baixo de mim e o dedo no gatilho. Os meus olhos apavorados farejavam a direção da caça. Mas, diabo! Veado faz medo assim? No tronco encovado de uma embaúba, cessou o movimento; e em seguida vi perfeitamente um bicho que, se espojando, rosnava, grunhia, relinchava, berrava...

— Fogo! — gritei eu no meu silêncio de horror.

Asneira! Estou em presença, mas é de uma visagem!

Por fim o monstro arrancou numa carreira furiosa pelo ventre da floresta, e então parecia arrastar milheiros de correntes, de latas, de caixões ocos, e relinchava com o estridor anunciante de uma locomotiva.

— Burra sem cabeça! — cochichei eu, todo encolhido, os cabelos em pé, as mãos entre as pernas apertando o cano da espingarda, o nariz com um arrocho, e os olhos porejando lágrimas de morte.

Entretanto, vi que o bicho tinha deixado uma coisa no chão. O que será? Ele já vai longe, já se não percebe mais a barulheira; desçamos. Desembainhei a faca, prendia-a no dente, e gatinhei pela árvore abaixo. Ah! Nesse momento eu sentia todas as delícias do pavor! Entretanto, o laço irresistível da curiosidade me chamava para o pé da embaúba. Então eu me sentia gigante, conquistador, bandido, valente, capaz de brigar com a floresta inteira, quanto com uma burra de padre.

O que o bicho deixara no tronco da embaúba era justamente uma cabeça de mulher, com o rosto enterrado. Suspendia-a pelos cabelos e ela fez umas caretas horrorosas!... Larguei-a de repente no chão, como quem solta uma brasa, e corri. Por acaso voltei o rosto e vi que a face daquela cabeça hedionda tinha ficado para cima. Estava eu, portanto, desgraçado; o bicho, quando viesse, talvez por descuido, engonçaria a cabeça assim invertida. E me seguirá a pista, porque ele ficará desesperado... visto que as visagens devem ter também as suas leis e os seus logros.

Felizmente alcancei a estrada. Como se a massa bipartida da selva fosse adiante de mim se desorganizando, eu ia distinguindo o que é próximo do que é longe. Me parecia ver uma árvore, como uma montanha, debruçada sobre o pálido fio da estrada, e quando eu me achegava eram muitas árvores separadas, porém na mesma trajetória.

Havia nuvens baixas, que pareciam nebulosas, e outras escuras, modelando selvas suspensas. O volume absorvia à linha e à superfície. Os insetos vibravam por todos os cantos. Uns soltavam alaridos compassados, como pulsações de um coração. Outros, um contínuo som brilhante, vivo como estrelas. De quando em vez um sapo coaxava de lá uma voz grossa, notas do peito. E outro assobiava, como pelo canto da boca. Tudo parecia esquisitamente embiocado na pilhéria da escuridão. A mãe-da-lua solfejava as notas inauditas, sobrenaturais, da sua eterna escala descendente.



Ao amanhecer, me achei deitado no cupiá de uma fazenda, e perguntei ao primeiro passante que vinha da vila:

— A amásia do vigário teve alguma coisa, amigo?

— Um açuleiro dos diabos, seu moço! Dizem que ela amneceu com a cabeça torta.

— Mas você viu-a? Isto é exato?

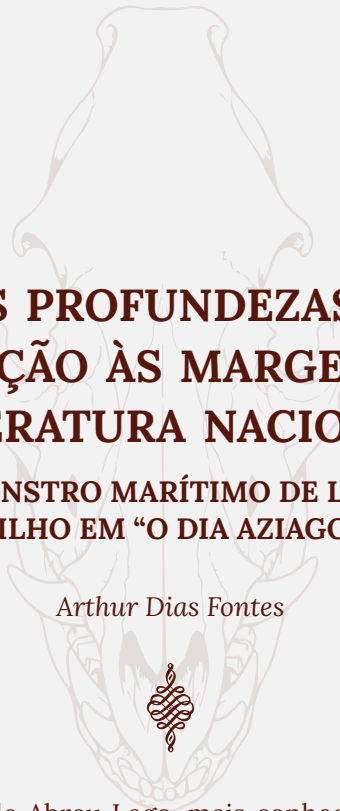
— A freguesia está toda cheia.

E o vaqueiro da fazenda, que acabava de encilhar o seu cavalo de campo, foi montando e dizendo:

— O que a mulher tem é o ar do vento...

— Ave Maria! — concluiu o outro se benzendo.





DAS PROFUNDEZAS DA TRADIÇÃO ÀS MARGENS DA LITERATURA NACIONAL

O MONSTRO MARÍTIMO DE LOPES FILHO EM “O DIA AZIAGO”

Arthur Dias Fontes

João Lopes de Abreu Lage, mais conhecido como Lopes Filho, nasceu em Fortaleza em 1868 e morreu na mesma cidade em 1900. Segundo o Dicionário bio-bibliográfico cearense escrito pelo Barão de Studart, Lopes Filho era dono de uma alma que nunca teve fé e “nos amargores da vida tinha a piedosa e melancólica resignação dos crentes, ar de monge, auréola de santo em frente de poeta. Sofria satisfeito as maiores injustiças, sem modificar o rictus do rosto e a expressão do olhar, como quem estava seguro da justiça superior, fora do mundo. Nas divagações do seu espírito distraía-se e ficava, muitas vezes, a contemplar uma paisagem, uma nesga do céu, enlevado e taciturno”¹³.

13 STUDART, Guilherme. **Diccionario bio-bibliographico cearense pelo Dr. Guilherme Studart, barão de Studart**. Edições UFC, Fortaleza, Brasil. 1980, p.47.

Foi autor de um livro de versos denominado *Phantos*, publicado pela editora Padaria Espiritual em Fortaleza no ano de 1893. Assinou também uma série de contos, entre eles “O Dia Aziago”, publicado em 1892. Esta breve história combina aspectos da tradição de um Brasil profundo, marcado por personagens típicos: homens e mulheres simples, cujas crenças misturam a superstição à fé cristã, e plasmam um singular olhar para o mundo que é característico dessa parcela da população, e tão explorado em inúmeras obras de nossa literatura. Além disso, Lage traz elementos da tradição: seu monstro é um cetáceo – palavra oriunda do grego *Kêtos*, que significa “monstro do mar”. A criatura de “O Dia Aziago” pertence à mesma categoria daquela que Perseu enfrentou para salvar Andrômeda, e que Héracles matou para salvar Hesíone. A econômica descrição do autor permite que o leitor imagine o terrível monstro das margens de Moura Brasil como aquele da tradição épica. Entre o tradicional e o terrível, o pequeno conto de Lage traz uma entidade mitológica para nadar nos mares brasileiros.



O DIA AZIAGO

Lopes Filho



Izidro Mangue é o último descendente de uma heroica e robusta geração de pescadores. Nasceu no Mucuripe, onde vivia seu pai, oriundo do Aracati, o qual viera, na seca de 45, buscar na Fortaleza os recursos que minguaram de todo naquele ano terrível por todos os pontos da província.

Homens fortes e trabalhadores, nunca conheceram outro mister que a tarrafa ou o anzol; e este último, por certas rixas de sua esposa, mulher birrenta, deixou a pitoresca povoação de Mucuripe, seu berço, e veio para a cidade estabelecer-se no arraial Moura Brasil, continuando sempre no afanoso labor dos seus maiores. E como lhe houvessem corrido de bem as coisas, de pobre pescador de anzol fez-se dono de jangada.

Mal rompia a aurora, lá se ia ele mar em fora, a pescar todos os dias da semana, exceto aos domingos, por ser dia do Senhor, e às sextas-feiras, por ser um dia aziago e muito caipora.

Uma bela manhã, porém, numa sexta-feira, apesar de todos os rogos e conselhos da mulher, dispôs-se a ir ao mar, à pesca dos pargos que abundavam em magotes, lá para muito longe, pras bandas da risca.

Fora bem-sucedido, e nunca em sua vida fizera tão abundante pescaria: os dois samburás da jangada estavam cheios, completamente repletos.

Izidro radiava de contente; e de volta já avistava sua mulher no alpendre limpo da casinha branca, como sempre a esperá-lo, de pé, nos dias em que ele ia ao mar. De repente, à meia légua da beira da praia, vê arremessar-se à sua jangada um peixe monstruoso, que, de guelras abertas, encarava com um olhar de fogo de verdadeiro demônio.

Pela primeira vez em sua vida aquele homem forte teve medo de morrer! E ele, que estava tão acostumado a desafiar a morte nos furores do mar e do vento, do trovão e do raio, pensou que era chegado talvez o seu dia; e, súbito, teve uma ideia: lançar ao *monstro* o peixe que havia morto; e fê-lo.

Aquilo, porém, não era peixe, era o *diabo*, era com certeza alguma tentação do *cão*. E depois de ter atirado à água toda a pesca, sem mais uma isca, via sempre à sua frente o terrível cetáceo, que, investindo e dando rabanadas à jangada, olhava-o desesperadamente; e então esmorecido o pobre Izidro encomendou-se a Deus, disposto a morrer.

Relanceando o olhar, viu pendurada ao banco de popa da jangada a cabaça em que ele costumava guardar as provisões e teve uma última lembrança: deitá-la ao *monstro*.

Arrolhou-a bem e atirou-a.

Mal caiu n'água a cabaça que flutuava, o peixe botou-se a ela; e aos saltos do *monstro* a cabaça voava aqui e ali à flor das águas.

Aproveitando esse acontecimento que foi a sua salvação, Izidro fugiu do *bicho* e pôde finalmente abicar à terra.

A mulher que esperava-o já, havia muito, vendo-o de cabelos em pé, os olhos esbugalhados, todo agitado, num

tremor convulsivo, perguntou o que lhe havia acontecido. Ele, depois de narrar todo o fato, ainda trêmulo, benzeu-se, dizendo: mulher, sexta-feira é um dia *ziágua*; aquilo foi obra do capeta... qual peixe, qual nada, aquilo com certeza era o *Cão*! Ao que ela também, benzendo-se, acrescentou: não era peixe, era o *Cão*!...





UM COVIL AMAZÔNICO

“O BAILE DO JUDEU” [1893] E SUAS MONSTRUOSIDADES

Daniel Augusto Pereira Silva



Se o nome de Inglês de Sousa aparece duas vezes em nossa antologia, não é por acaso: seus *Contos amazônicos* [1893] constituem um precioso acervo de algumas das monstruosidades mais características do imaginário brasileiro. Nesses textos, a região Norte do país é o cenário de histórias que mesclam lendas locais, superstições e causos macabros. Engana-se, contudo, quem espera encontrar apenas assombros em “O Baile do Judeu”. Diante do monstro, que “saltava, fazia trejeitos sinistros, dava guinchos estúrdios, dançava desordenadamente”, a primeira reação das personagens é rir — mas esse é um riso de perturbação e incômodo, um riso gerado pelo grotesco.

Quem, de fato, é a criatura monstruosa? A julgar pelo título e pelos primeiros parágrafos, não hesitaríamos em apontar a figura do Judeu, que convida toda a vila para um baile sem igual. Com qualificações eivadas de antissemitismo, o narrador indica que a festa ocorreria “na casa de um malvado”, “no covil de um inimigo da Igreja”. Esquecendo as recomendações de não celebrar com quem nutriria “escárnio pela verdadeira

religião de Deus Crucificado”, toda a sociedade importante participa do festejo. O comparecimento seria motivado pelo “amor ao dinheiro” e pela “curiosidade desesperada” em descobrir se o anfitrião “adorava uma cabeça de cavalo”.

A moral da história, patente na última frase do conto, revela-se na aparição de um segundo elemento monstruoso. Ao longo do baile, a população descobrirá que tipo de ameaça pode se esconder na casa de um judeu. Um “sujeito baixo, feio, de casacão comprido e chapéu desabado, que não deixava ver o rosto” toma a mão de dona Mariquinhas, bela mulher recém-casada. Os dois dançarão de forma cada vez mais frenética, obrigando os músicos a “um supremo esforço”, gerando uma “confusão de notas agudas, roucas e estridentes, que dilaceravam os ouvidos”. A “valsa vertiginosa” do casal — quiçá um “êxtase de amor” — atingirá seu ápice na parte final da narrativa, quando o desconhecido se transforma numa monstruosidade amazônica.



O BAILE DO JUDEU

Inglês de Sousa



Ora, um dia, lembrou-se o Judeu de dar um baile e atreveu-se a convidar a gente da terra, a modo de escárnio pela verdadeira religião de Deus Crucificado, não esquecendo no convite família alguma das mais importantes de toda a redondeza da vila. Só não convidou o vigário, o sacristão, nem o andador das almas, e menos ainda o juiz de direito; a este, por medo de se meter com a Justiça, e aqueles, pela certeza de que o mandariam pentear macacos.

Era de supor que ninguém acudisse ao convite do homem que havia pregado as bentas mãos e os pés de Nosso Senhor Jesus Cristo numa cruz, mas, às oito horas da noite daquele famoso dia, a casa do Judeu, que fica na rua da frente, a umas dez braças, quando muito, da barranca do rio, já não podia conter o povo que lhe entrava pela porta adentro; coisa digna de admirar-se, hoje que se prendem bispos e por toda parte se desmascaram lojas maçônicas, mas muito de assombrar naqueles tempos em que havia sempre algum temor de Deus e dos mandamentos de sua Santa Madre Igreja Católica Apostólica Romana.

Lá estavam, em plena judiaria, pois assim se pode chamar a casa de um malvado Judeu, o tenente-coronel Bento de

Arruda, comandante da guarda nacional; o capitão Coutinho, comissário das terras; o dr. Filgueiras, o delegado de polícia; o coletor; o agente da companhia do Amazonas; toda a gente grada, enfim, pretextando uma curiosidade desesperada de saber se, de fato, o Judeu adorava uma cabeça de cavalo mas, na realidade, movida da notícia da excelente cerveja Bass e dos sequilhos que o Isaac arranjava para aquela noite, entrava alegremente no covil de um inimigo da Igreja, com a mesma frescura com que iria visitar um bom cristão.

Era em junho, num dos anos de maior enchente do Amazonas. As águas do rio, tendo crescido muito, haviam engolido a praia e iam pela ribanceira acima, parecendo querer inundar a rua da frente e ameaçando com um abismo de vinte pés de profundidade os incautos transeuntes que se aproximavam do barranco.

O povo que não obtivera convite, isto é, a gente de pouco mais ou menos, apinhava-se em frente à casa do Judeu, brilhante de luzes, graças aos lampiões de querosene tirados da sua loja, que é bem sortida. De torcidas e óleo é que ele devia ter gasto suas patacas nessa noite, pois quanto lampiões bem lavadinhos, esfregados com cinza, hão de ter voltado para as prateleiras da bodega.

Começou o baile às oito horas, logo que chegou a orquestra composta do Chico Carapanã, que tocava violão; do Pedro Rabequinha e do Raimundo Penaforte, um tocador de flauta de que o Amazonas se orgulha. Muito pode o amor ao dinheiro, pois que esses pobres homens não duvidaram tocar na festa do Judeu com os mesmos instrumentos com que acompanhavam a missa aos domingos na Matriz. Por isso dois deles já foram severamente castigados, tendo o Chico Carapanã morrido afogado um ano depois do baile e o Pedro Rabequinha sofrido quatro meses de cadeia por uma descompostura

que passou ao capitão Coutinho a propósito de uma questão de terras. O Penaforte, que se acautele!

Muito se dançou naquela noite e, a falar a verdade, muito se bebeu também, porque em todos os intervalos da dança lá corriam pela sala os copos da tal cerveja Bass, que fizera muita gente boa esquecer os seus deveres. O contentamento era geral e alguns tolos chegavam mesmo a dizer que na vila nunca se vira um baile igual!

A rainha do baile era, incontestavelmente, a dona Mariquinhas, a mulher do tenente-coronel Bento de Arruda, casadinha de três semanas, alta, gorda, tão rosada que parecia uma portuguesa. A dona Mariquinhas tinha uns olhos pretos que haviam transtornado a cabeça a muita gente; e o que mais nela encantava era a faceirice com que sorria a todos, parecendo não conhecer maior prazer do que ser agradável a quem lhe falava. O seu casamento fora por muitos lastimado, embora o tenente-coronel não fosse propriamente um velho, pois não passava ainda dos cinquenta; diziam todos que uma moça nas condições daquela tinha onde escolher melhor e lavase muito de um certo Lulu Valente, rapaz dado a caçoadas de bom gosto, que morrera pela moça e ficara fora de si com o casamento do tenente-coronel; mas a mãe era pobre, uma simples professora régia!

O tenente-coronel era rico, viúvo e sem filhos, e tantos foram os conselhos, os rogos e agrados, e, segundo outros, ameaças da velha, que dona Mariquinhas não teve outro remédio senão mandar o Lulu às favas e casar com o Bento de Arruda. Mas nem por isso perdeu a alegria e amabilidade, e na noite do baile do Judeu estava deslumbrante de formosura. Com seu vestido de nobreza azul-celeste, as suas pulseiras de esmeraldas e rubis, os seus belos braços brancos e roliços de uma carnadura rija; e alegre como um passarinho em manhã de verão. Se havia, porém, nesse baile, alguém alegre e

satisfeito de sua sorte era o tenente-coronel Bento de Arruda que, sem dançar, encostado aos umbrais de uma porta, seguia com o olhar apaixonado todos os movimentos da mulher, cujo vestido, às vezes, no rodopiar da valsa, vinha roçar-lhe as calças brancas, causando-lhe calafrios de contentamento e de amor.

Às onze horas da noite, quando mais animado ia o baile, entrou um sujeito baixo, feio, de casacão comprido e chapéu desabado, que não deixava ver o rosto, escondido também pela gola levantada do casaco. Foi direto a dona Mariquinhas, deu-lhe a mão, tirando-a para uma contradança que ia começar.

Foi muito grande a surpresa de todos, vendo aquele sujeito de chapéu na cabeça, e mal amanhado, atrever-se a tirar uma senhora para dançar, mas logo cuidaram que aquilo era uma troça e puseram-se a rir com vontade, acercando-se do recém-chegado para ver o que faria. A própria mulher do Bento de Arruda ria-se a bandeiras despregadas e, ao começar a música, lá se pôs o sujeito a dançar, fazendo muitas macaquices, segurando a dama pela mão, pela cintura, pelas espáduas, nuns quase abraços lascivos, parecendo muito entusiasmado. Toda a gente ria, inclusive o tenentecoronel, que achava uma graça imensa naquele desconhecido a dar-se ao desfrute com sua mulher, cujos encantos, no pensar dele, mais se mostravam naquelas circunstâncias.

— Já viram que tipo? Já viram que gaiatice? É mesmo muito engraçado, pois não é? Mas quem será o diacho do homem? E essa de não tirar o chapéu? Ele parece ter medo de mostrar a cara... Isto é alguma troça do Manduca Alfaiate ou do Lulu Valente! Ora, não é! Pois não se está vendo que é o imediato do vapor que chegou hoje! É um moço muito engraçado, apesar de português! Eu, outro dia, o vi fazer uma em Óbidos que foi de fazer rir as pedras! Aguenta, dona Mariquinhas, o seu par

é um decidido! Toque para diante, seu Rabequinha, não deixe parar a música no melhor da história!

No meio destas e outras exclamações semelhantes, o original cavalheiro saltava, fazia trejeitos sinistros, dava guinchos estúrdios, dançava desordenadamente, agarrando a dona Mariquinhas, que já começava a perder o fôlego e parara de rir. O Rabequinha friccionava com força o instrumento e sacudia nervosamente a cabeça; o Carapanã dobrava-se sobre o violão e calejava os dedos para tirar sons mais fortes que dominassem o vozerio; o Penaforte, mal contendo o riso, perdera a embocadura e só conseguia tirar da flauta uns estrídulos sons desafinados, que aumentavam o burlesco do episódio. Os três músicos, eletrizados pelos aplausos dos circunstantes e mais pela originalidade do caso, faziam um supremo esforço, enchendo o ar de uma confusão de notas agudas, roucas e estridentes, que dilaceravam os ouvidos, irritavam os nervos e aumentavam a excitação cerebral de que eles mesmos e os convidados estavam possuídos.

As risadas e exclamações ruidosas dos convidados, o tropel dos novos espectadores que chegavam em chusma do interior da casa e da rua, acotovelando-se para ver por sobre a cabeça dos outros; sonatas discordantes do violão, da rabeca e da flauta e, sobretudo, os grunhidos sinistramente burlescos do sujeito de chapéu desabado, abafavam os gemidos surdos da esposa de Bento de Arruda, que começava a desfalecer de cansaço e parecia já não experimentar prazer algum naquela dança desenfreada que alegrava tanta gente.

Farto de repetir pela sexta vez o motivo da quinta parte da quadrilha, o Rabequinha fez aos companheiros um sinal de convenção, e bruscamente a orquestra passou, sem transição, a tocar a dança da moda.

Um bravo geral aplaudiu a melodia cadenciada e monótona da varsoviana, a cujos primeiros compassos correspondeu

um viva prolongado. Os pares que ainda dançavam retiraram-se para melhor poder apreciar o engraçado cavalheiro de chapéu desabado que, estreitando então a dama contra o côncavo peito, rompeu numa valsa vertiginosa, num verdadeiro turbilhão, a ponto de se não distinguirem quase os dois vultos que rodopiavam entrelaçados, espalhando toda a gente e derrubando tudo quanto encontravam. A moça não sentiu mais o soalho sob os pés, milhares de luzes ofuscavam-lhe a vista, tudo rodava em torno dela; o seu rosto exprimia uma angústia suprema, em que alguns maliciosos sonharam ver um êxtase de amor.

No meio dessa estupenda valsa, o homem deixou cair o chapéu, e o tenente-coronel, que o seguia assustado, para pedir que parassem, viu, com horror, que o tal sujeito tinha a cabeça furada. E em vez de ser homem, era um boto, sim, um grande boto, ou o demônio por ele, mas um senhor boto que afetava, por um maior escárnio, uma vaga semelhança com o Lulu Valente. O monstro, arrastando a desgraçada dama pela porta fora, espavorido com o sinal da cruz feito pelo Bento de Arruda, atravessou a rua sempre valsando ao som da varsovia-na e, chegando à ribanceira do rio, atirou-se lá de cima com a moça imprudente e com ela se atufou nas águas.

Desde essa vez, ninguém quis voltar aos bailes do Judeu.





SUGESTÕES VAMPÍRICAS EM “VAMPIRO”, DE COELHO NETO

Sora Maia Souza



Henrique Maximiano Coelho Neto foi, em tempos que já começamos a esquecer, o autor mais lido em território brasileiro. Nascido em 1864 e falecido em 1934, deixou uma obra extensa, que lhe rendeu o apelido de “fabricante de romances”. De espírito rebelde, o escritor participou de movimentos estudantis (mesmo sem nunca terminar nenhuma graduação), teve ativa carreira política e ainda foi membro fundador da Academia Brasileira de Letras, ocupando sua segunda cadeira. Apesar de sua bem-sucedida carreira, foi duramente criticado pelos Modernistas da década de 1920, e passou muitos anos no esquecimento.

Dono de um estilo rebuscado e verborrágico, o autor não se furtou de lidar com temas sombrios, como no conto *Vampiro* e nos romances *Esfinge* (1908) e *Rei Negro* (1923), que abordam desde o sobrenatural com ares românticos ao realismo típico de sua época. Sua reputação era controversa: ao mesmo tempo que era chamado de o maior romancista brasileiro pelo escritor Otávio Faria, era tido como “o sujeito mais nefasto que tem aparecido em nosso meio intelectual” por Lima Barreto.

No conto “Vampiro”, que foi publicado em 1908 na coletânea *Jardim das Oliveiras*, vemos algo um tanto diferente do estereótipo conhecido de mortos vivos que sugam sangue. O que há é algo muito mais misterioso e soturno: um espírito vingativo que parasita seu próprio filho... Ou seria apenas a culpa de uma viúva enlutada? Não recebemos essa resposta. Na narrativa transcorrida no diálogo entre mãe e filha, o autor nada revela: apenas sugere, corroendo-nos com as mesmas dúvidas insolúveis de suas personagens.



VAMPIRO

Coelho Neto

— Medo!

— Ou remorso, não sei que é. Ando airada, todos os rumores, ainda os mais sutis, apavoram-me. Não sei que é, não sei definir: medo ou remorso. Um espectro ou a exteriorização da minha consciência. O que é, seja o que for, manifesta-se por intermédio de meu filho, é nele que se reflete.

— Como?

— Mamãe vai dizer que são as minhas fantasias extravagantes, desvarios de espírito doente. Eu é que sei. Se eu pudesse retirar a minha palavra, fugir ao compromisso... Não devo casar.

— Por quê?

— Meu coração retrai-se covardemente, fico transida de medo quando o vejo vir em passos silenciosos, aparecendo como uma sombra e desaparecendo sem bulha.

Não é o mesmo. É preciso vê-lo, ouvi-lo, acompanhá-lo nos andares morosos e distraídos, observá-lo nos longos e pensativos silêncios. Concentra-se, desvia-se de todos acolhendo-se aos lugares ermos onde fica em êxtase melancólico, olhando perdidamente. Se o chamam, nega-se, recusa-se a brincar; quando insistem, chora. Não é de criança tal vida. À noite, a sós com ele, tenho pavor, toda me arrepio. Gela-me

com o seu olhar, fixo como o de um morto. É como se eu tivesse um espectro a meu lado. E quer mamãe saber? O meu pudor sobressalta-se na presença desse menino. Por quê? É que o pudor é um instinto e, assim sendo, tem mais percepção do que os sentidos: vê através de todos os rebuços e descobre no menino o homem.

— O homem!?

— Sim, o homem. É ele que não quer, que se opõe, que tem ciúme de mim.

—Teu filho?

— Não, quem nele está: o outro, meu marido. A senhora é porque não pode observá-lo. Não o achou pálido, emagrecido? Então?! Não se traz impunemente no coração um habitante da sombra. Ele é o esquife em que anda o finado e, de tanto o trazer consigo, já lhe vai tomando os traços, adquirindo as feições, adotando os gestos, toda a sua maneira de ser. É o mesmo olhar, é a mesma voz. Os lugares que o pai preferia são os que ele prefere. Quando o doutor aparece ninguém consegue trazê-lo à sala: encerra-se no gabinete e lá fica folheando livros, às vezes a chorar.

— Por quê?

— Não sei.

— Queres que o interrogue?

— Interrogá-lo? Para quê? Ele dirá o que sempre diz: “que está triste”. Sorri, mas logo se lhe arrasam os olhos d’água e desata a chorar. Era tão amigo do doutor, queria-lhe tanto! Logo, porém, que soube do pedido, entrou a evitá-lo e hoje detesta-o. Digo-lhe, mamãe, que é o espírito do morto que nele se manifesta.

— Tolice tua.

— Estou, às vezes, vestindo-me, arranjando-me e ouço passos de ronda à porta do quarto — é o pequeno. Quando saio, os seus olhos examinam-me da cabeça aos pés e empalidece ainda mais. A palidez... É o espírito funéreo que vem à tona do rosto transparecendo em tom lívido. Assim como o sangue, que é a vida, tinge de rosa as faces, a palidez, que é a cor da morte, gela-as e marmoriza-as. Ele fica como de pedra e chora; foge chorando e esconde-se. Quando despi o luto não imagina como ele ficou.

— E é por isso que queres retirar a palavra, desfazer um casamento de tanto interesse?

— Tenho medo.

— Medo de quê?

— Ele pode morrer. A alma que nele habita já o tortura tanto antes do crime, o que será depois? Ele é o refém, minha mãe. O morto serve-se dele para garantir a minha fidelidade. Ameaça-me com ele.

— Quanto absurdo!

— À noite, quando o vou deitar, toma-me as mãos, beija-as com o ardor de um namorado, atraindo-me e segredando-me, com voz trêmula, palavras que não podem vir de uma criança. E com que força os seus braços débeis me apertam! É um inconsciente, um ser passivo que repete o que lhe dita o ciúme, o ciúme que sobe do túmulo. Ainda ontem à noite...

— Que houve?

— Pediu-me que o não esquecesse, que o não deixasse nunca!

— É natural.

— Não, não é. Quem fala pela sua boca é o homem revoltado que se insurge contra o que reputa uma traição. E eu sei que vou cometer um adultério.

— Que palavras são essas, minha filha!

— Sim, minha mãe, um adultério. Meu marido está comigo, vive aqui dentro, sinto-o. É como se estivesse encerrado em uma prisão onde eu não pudesse chegar. Ouço-lhe a voz, ele brada por mim, não do fundo da terra, mas pela boca de meu filho; espia-me pelos seus olhos, segue-me com os seus passos, acaricia-me com as suas mãos. É ele! E se eu casar, se não resistir à sedução, juro-lhe que o espírito se vingará terrivelmente na criança... E, antes de tudo, minha mãe, eu quero a vida de meu filho.

— Tu estás impressionada. Tens pensado no falecido. Compreende-se: um casamento lembra o outro, mas nada disso existe. O pequeno... não me pareceu triste nem está assim tão pálido e emagrecido como dizes. O mais... amuos de criança. Dá-lhe brinquedos, afaga-o, leva-o a passeios e verás que tudo se dissipa. Nem ele se lembra do pai, não pode lembrar-se: era tão pequenino quando ele morreu.

— Não se lembra!? Chame-o, interrogue-o e verá. Passa horas e horas na sala diante de seu retrato. Realmente é bem estranho tudo que lhe digo, mas não há nas minhas palavras uma só que não seja verdadeira. E mamãe ficaria convencida se passasse algum dia comigo.

— Talvez seja da casa, ele morreu aqui... Por que não te mudas?

— Não, não é a casa... é o pequeno. O morto o possui e, apesar do grande amor que por ele mostrava em vida, parece que ainda era maior o seu amor por mim, porque não hesita em sacrificar o filho ao ciúme.

— São as tuas imaginações que voltam. Hás de ser sempre a mesma. Teu marido repousa no seio de Deus, e se, no além, perduram os sentimentos, ele, que tanto te amou, longe de revoltar-se com a tua resolução, ficará contente compreendendo que ela te conduz à felicidade.

— O amor é egoísta.

— O verdadeiro amor é generoso. E quanto a teu filho, deixa-te de ilusões... Ciúme!...

— Mas o pobrezinho é irresponsável. O seu corpo é um ninho profanado. Assim como as serpentes, subindo pelos galhos das árvores, chegam aos ninhos, devoram os pássaros que encontram e agasalham-se, enrodilhadas, no abrigo usurpado, assim o espírito do morto procedeu com meu filho: a alma da criança foi absorvida, fundiu-se n'alma paterna. O coitadinho é um veículo do espectro. Ah! Minha mãe, procure ver o olhar dessa criança — vem de longe, de muito longe e é triste como a luz das estrelas. Já o viu?

— Ele está dormindo.

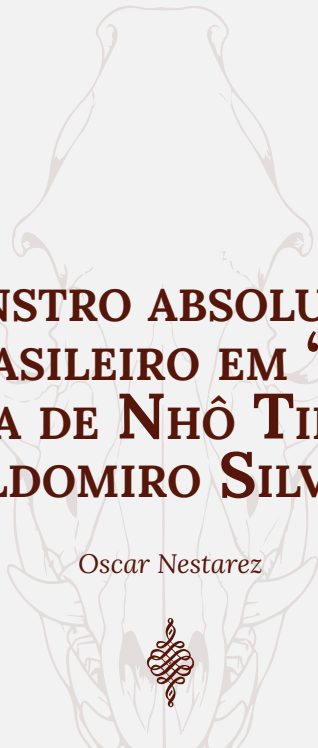
— Venha vê-lo. Quando dorme fica ainda mais pálido, quase que se lhe não sente a respiração, não se move: é um cadáver. Já o tenho despertado aos gritos, julgando-o morto. Quando tal acontece ele abre devagar os olhos nublados, fita-os em mim e eu os vejo acenderem-se pouco e pouco. Aquece-se, então, agita-se, treme, balbucia e chora. Os meus beijos animam-o e o pobrezinho, apertando-me nos braços, segreda-me: “Que não o deixe! Que tem medo!”. E relanceia o quarto com os olhos assombrados, tremendo tanto que eu custo a contê-lo ao colo. Por quê? Que será? É o pai, é o vampiro amoroso, o vampiro ciumento, o horror! O horror, minha mãe, o horror! Que o vai matando aos poucos para vingar-se. Não, preciso salvar meu filho. Não me casarei, guardarei

fidelidade ao túmulo por amor ao meu... filho, do meu filho...
Oh! Minha mãe, é horrível!

Rompe em desesperado pranto atirando-se aos braços da mãe.

No silêncio da casa adormecida um relógio bate as horas, sonora, pausadamente.





UM MONSTRO ABSOLUTAMENTE BRASILEIRO EM “NA TAPERA DE NHÔ TIDO”, DE VALDOMIRO SILVEIRA

Oscar Nestarez



Como tantos homens de seu tempo, o paulista Valdomiro Silveira teve muitas ocupações. Nascido em 1873, na cidade de Cachoeira Paulista, e falecido em 1941, em Santos, foi promotor público, jornalista, secretário da Educação, deputado estadual e vice-presidente da Constituinte Paulista. Na literatura, destacou-se como contista, e em seus relatos breves procurou fixar os costumes e tradições paulistas, em especial do interior do estado e de seus personagens característicos. Publicou, entre outros títulos, as coletâneas *Os caboclos* (1920), *Nas serras e nas furnas* (1931) e *Mixuangos* (1937).

“Na tapera de Nhô Tido”, conto que selecionei para esta antologia, encontra-se em *Os caboclos*. Nele, um matuto chamado Chico Picapau quer se vingar de seu novo vizinho, nhô Tido, que dera uma surra em seu filho; mas um encontro sobrenatural em meio a um sítio abandonado pode mudar seus planos. Aqui se detectam os principais traços da obra de Valdomiro Silveira: os espaços rurais moldando forma e

conteúdo, a dicção regionalista tanto na narração em terceira pessoa quanto na voz de Chico Picapau, a violência quase como uma norma, a ausência de mecanismos de controle que resulta em uma terra de ninguém.

Mas minha opção por este conto tem um motivo mais singelo: poucos monstros são tão brasileiros quanto aquele que figura nas páginas que você lerá a seguir. A galinha d'angola que, diante de um homem incrédulo e depois apavorado, vai crescendo, e cujos traços vão se tornando aterradores, tem de ocupar um lugar só dela no bestiário nacional. É quase impossível imaginá-la em outras páginas e outras paragens que não as nossas, tão bem manuseadas no conto de Silveira.



NA TAPERA DE NHÔ TIDO

Valdomiro Silveira



— Ota! solama bruta! — ia dizendo o Chico Picapau, sozinho, pela estrada vermelha, ao pino do dia. O suor caía-lhe em grossas gotas pela testa e rosto abaixo, banhando-lhe a camisa de algodão e um bentinho de baeta azul que vestia a oração livradeira das cobras e dos outros bichos de peçonha. Derrubou mais o chapéu na testa, pôs a mão esquerda sobre os olhos, atentou no céu demoradamente:

— Pois já devera de 'tar mais friinho um pouco; arre, dia-nho! Neste tempo que o sol já aponta branco, a fresca vem cedo. Isto é chuva que 'tá aprojitando, não hai como não seja!

E, de fato, para os lados do Ourinho havia nuvens acasteladas sobre os morros, vagamente ameaçadoras na sua cor plúmbea e triste. Uma tapena começou a circular ao cimo da mata, com preguiça, dois tucanos principiaram de uma banda a outra da estrada um diálogo em voz rachada e enfadonha, e o sol teve sombras intermitentes a cobrirem-lhe a face esfogueada.

Ao passar do ribeirão dos Cardosos, porém, o Chico Picapau sentiu-se por demais fatigado. Sentou-se a uma raiz de guapeva, sacou do isqueiro, tirou o cigarro de trás da orelha,

bateu o fuzil, ateou. Com pouco, lançou-o à aguada, meio enfiurecido, resmungando:

— Quando um home' 'tá mesmo um tanto venenoso, aí é que o diabo do cigarro fica fumegado! Pois vá-se embora, coisa à toa, corra à sorte rio abaixo!

Deitara o butucum ao pé da raizama da árvore, tomou-o e abriu-o. Trouxe do fundo uma colher, encheu-a de paçoca de jabá, descascou uma banana nanica e foi comendo uma e outra coisa revezadamente, mas com ares de fastio. Foi a tempo que um pavô berrou perto, numa forquilha de sete-casacas, irrequieto, fazendo brilhar à claridade o largo vermelhão do peito. O Picapau sacudiu a cabeça, com gesto de amuado:

— Injureia, traste, pode injuriar o quanto quiser! Carga que eu soquei na bocuda, chumbo que eu trago na purunginha, pórva que eu tenho na guampa não é hoje p'ra você: ganhe seu rumo! Eu hei de ter uma caçada mais melhor!

Levantou-se. Apanhou o butucum na mão esquerda, pô-lo ao ombro, e a espingarda de grosso calibre, que foi levando a tiracolo. Ia vingar-se. Um ano antes, o Aristides Fatura, a que todos chamavam nhô Tido, e tinha umas terras na testada do seu sítio, aparecera por ali a derrubar dois alqueires de mato e fazer o chão para cinco mil pés de café. Derrubara o mato, queimara, plantara milho, desencoivarara a roça; alinhou o café, foi-se embora, deixando o mais ao fazer de um empreiteiro. Mas nesse meio tempo é que houve mironga velha entre o Picapau e nhô Tido.

Nhô Tido tinha as terras em ser, entre cultivados e criações de toda gente, porque a fazenda era aberta de muitos anos. Não fez a mais pequena cerca, um valinho que fosse, e a roça ficou à disposição de quanto capado solto havia, de quanto boi alongado. Certo dia, estando a passear no milho, que, por sinal, ficara uma lindeza, viu um poldro mourão

chamando algumas folhas regozijadamente. Não esperou mais nada, não quis saber quem era o dono do cavalo, atirou-lhe a chumbo mostarda, para o alto do lombo. O chumbo apenas chamuscou o poldro pela pá, mas o rumor da disparada foi grande entre as plantas e o maçambará, que também crescera a todo poder na terra fresca e fofa.

Mandou-lhe o Picapau dizer que tivesse paciência com a propriedade alheia, não judiasse por aquela maneira com os animais que não tinham consciência do que aprontavam e, não achando fechos, haviam de varar por força; que, abrindo ele, nhô Tido, uma roça entre vizinhos arranchados de tempos antigos, estava por isso mesmo obrigado a resguardar seu milho por meio de cercas, e os vizinhos, pelo contrário, não haviam de fechar porteiras e invernadas em respeito a um cultivado novo. Mas nhô Tido não atendeu a nada, ameaçou que mataria quanta criação topasse por ali, fosse lá de quem fosse.

O Picapau, neste entretanto, teve que levar uma cargação de sal para Mato Grosso, onde ia fazer negócios de todo o porte, barganhas, tramas, compras, vendas. Lá se demorou uns seis meses.

De volta, soube que nhô Tido lhe passara o couro num filho pequeno, quando este ia reclamar alguma coisa sobre a morte de um boizinho arrozdoce, carreiro, o que havia em mansidão, morte feita por nhô Tido na roça de milho. O Chico passou a noite em claro, mastigando em seco e falando do trecho a trecho:

— Morreu! O cachorro que lavou a mão no meu filho, quando meu filho tem pai vivo p'ra lhe dar a ensinação perci-sa, 'tá morto! E ainda mais p'ra amor de quê? p'ra amor de um garrote que andou por onde podia andar, dêz que não teve intronca nem uma por diante dos peitos. Não hai remédio: 'tá morto!

Soube que nhô Tido assistia no ribeirão dos Pires, tomou as confrontações do lugar, por vários diz-ques, e, como os animais que trouxera estavam muito sovados, uns sentidos e outros desmerecidos em demasia, resolveu caminhar a pé as três léguas que se mediam da cachoeira ao Pires.

E botou-se a caminho.

Avizinhava-se da morada, naquele momento. A mata virgem desaparecera, dando lugar a um capoeirão já frondoso e rico. Não aspirava mais o Picapau o cheiro estonteante do alheiro, não via mais os troncos alentados da figueira branca, nem os claros e lisos guaritás de imensa altura, mas batia ainda terra boa, de casqueiro grudento onde se agrupavam os sapuçuçus e os cambarás-de-lixia, e onde, de espaço a espaço, a larga e espinhosa folha da urtiga caía para a estrada, e os ramos da unha-de-gato, entremeados de flores cor de enxofre, bamboleavam no ar.

Também o capoeirão deu lugar a uma vegetação menos forte; romperam do chão seco o assa-peixe, os juás daninhos e a jurubeba; alguma samambaia chegou a esparzir suas ramas amplas e duras sobre as criciúmas malcontentes daquele terreno ingrato. E o ribeirão dos Pires já se mostrou de longe ao Picapau, cheio de guapés e de agriões, sombreado aqui e além por árvores de cerrado. A casa de nhô Tido via-se do caminho, quase encoberta numa baixadinha, entre cuvitingas e caiuias.

O Picapau entreparou antes de seguir o trilho que ia ter àquela casa, sopesou a espingarda, verificou se as escorvas estavam bem justas com os ouvidos; pôs a vareta em ambos os canos, mediu três dedos no sobejo de cada um; e deu de cantar na toada da morena, em voz abafada, satisfeito por ver que a companheira andava firme e fiel.

Fronteou, enfim, a morada, que era feita de pau a pique e tinha o teto trançado de coqueiro e sapé. Havia, dentro, silêncio completo. Fora, não se via sinal de gente, nem o mais leve rasto na areia arroxeadada da porta; e a porta, de parafuso, cerrava-se toda, ao parecer de muito tempo. O Chico Picapau cessou da morena e gritou rijo:

— Ó de casa!

Não houve o mínimo bulício no interior da habitação. E o eco do chamado vibrou por instantes ainda, até que o Picapau resmoneou num solilóquio:

— Uiai, gente! quer ver que o home' pitou!

É que vira, em todo o arredor da casa, mostras de desamparo: a guanxuma viçara por toda a parte, o gervão florria abundante, o mamoninhodecarneiro apontara e abrolhara como uma praga, tudo chorava por uma enxada, quando não por uma foice. O cipó-corrêa de alguns amarrilhos partira-se; havia rachões de cambuatá que quase vinham ao chão, despegados das travessas e bambos. Em cima, na cumeada, uma cabaceira alastrara vencedora e alegremente, e as cabaças vingaram.

Começaram a cair enormes gotas d'água. O Picapau afastou dois paus da porta, esgueirou-se para dentro. Deu logo com os olhos numa grande folha de caratinga, que também fizera o mesmo, dias antes, na porta da cozinha, e agora quietava, verde-negra com pintas quase roxas, muito senhora de si naquele sossego. E raciocinou então que o Tido na certeza já não parava ali de meses, pois o mato ia tomando conta de tudo, enveredava pela varanda, e iria até as linhas em pouco. E rosnava zangado:

— A minha vingação ficará em branco? O home' terá mesmo dado a lonca? Ou andaré p'ro mundo? Qual! eu hei de tirar a minha vingação; ora si hei de!

Caiu uma pancada de chuva, o céu ficou logo limpo, os ares refrescaram-se, foi descendo a tarde. E, com o acabar da chuva e o entardecer, o Picapau ouviu, para os lados do espigão mestre da paragem, uma barulhenta cantoria de angolinhas:

— Ué! pois então o marvado atóra e larga as criações miúdas ao Deusdará? Já se viu que desmazelo, que pouca vergonha? E é tão certo como sem dúvida que essas galinhas-de-angola 'tão cantando a par c'as ninhadas de ovos. E eu que vou ver si topo c'as ninhadas! Depois da chuva é muito fácil.

Saiu. A gritaria das angolinhas partia de uma pedreira, ribeirão acima, onde o capim melado formara em tufos corpulentos. Subiu. As moitas eram espessas, não podia divisar nem uma ave. Marinhou pelo tronco de um ceboleiro, pôs-se a cavalo num dos galhos, olhou com todo o vagar.

Senão quando, num bromado de catingueiro-roxo que descaía sobre uma pedra preta, divulgou mal e mal um vulto carijó que se movia. O vulto da angolinha estava de costas para ele, deu de encontros, abriu as asas, fechou-as, foi crescendo; em poucos minutos ganhara as proporções de um peru, cresceu ainda; as penas tinham agora as malhas carijós mais rasgadas, o vulto aumentava sempre, firmado num dos pés; desceu o outro pé; ainda encorpou mais, abriu e fechou as asas outra vez; a crista, muito rubra, estava bem arqueada sobre o bico alvacentos e semelhava um chifre virado, um volumoso chifre ensopado de sangue; as barbelas tremiam, por igual rubras, imitando a pesada papeira de um boi golpeado; virou-se para o Picapau, com toda a pachorra, já do tamanho de uma anta, e gritou quatro vezes, intervaladamente: 'tou fraca, 'tou fraca, 'tou fraca, 'tou fraca...

O Chico Picapau deixou-se cair pelo tronco, aterrorizado, largou a correr, chegou à estrada sem butucum nem espingarda e fez-se de volta, exclamando com a língua meio perra:

— Não é capaz, isso não é! Credo! Deus me acuda! Não é capaz que eu tire vingação de nhô Tido. Não tiro, nem por nada, não quero mesmo tirar. Aquilo é feito dele, credo em cruz! Já 'tá no outro mundo, agora me quis aparecer no corpo daquela angola, e apareceu. Não tiro mais a vingação, nem que ele 'teje vivo! Não quero!

O poente já descorara, nada mais se lhe via que uma barra cinzenta, bem tapada, e os últimos fantasmas das nuvens fundiam-se todos naquela barra escura. O Picapau ia quase a correr ainda, num desatino, rezando e quase chorando:

— Padre nosso, que estais no céu... Eu não tiro mesmo a minha vingação, não quero mais tirar, até perdoo o que o Tido me fez, perdoo mesmo!

E abriram-se as estrelas, cor de prata nova, na grande curva azulferrete do céu.





ENTRE O ANIMALESKO E O DEMONÍACO

“O MÃO-PELADA”, DE AFONSO ARINOS

Júlio França

Afonso Arinos de Melo Franco nasceu em Paracatu (MG), em 1º de maio de 1862, e faleceu no Rio de Janeiro (RJ), em 6 de março de 1916. Foi um importante jornalista e jurista, mas seu nome é mais frequentemente lembrado como um dos precursores do regionalismo literário no Brasil. Seu romance *Os Jagunços* (1898) é um marco na representação da vida sertaneja e dos costumes do interior mineiro, tendo influenciado gerações de escritores, como Guimarães Rosa.

Um dos traços marcantes da obra de Arinos é a fascinante inclinação para o gótico de diversas de suas narrativas. “Assombramento”, “A garupa” e “Feitiçaria” são alguns dos exemplos mais evidentes desse flerte com as poéticas negativas: nesses contos, o sertão aparece como um *locus horribilis* e o terror emerge tanto da violência humana e da natureza hostil quanto das superstições. É o caso do conto que selecionamos para essa antologia, “O Mão-pelada”, publicado postumamente em 1921.

Trata-se de uma narrativa em moldura — estrutura recorrente do gótico regionalista brasileiro — em que dois velhos conversam até que um deles, João Congo, começa a narrar um terrível caso ocorrido em sua infância. O homem conta como foi perseguido por um ser com “pelos fulvos como o de uma onça vermelha, a cauda comprida e movediça, o fio do lombo preto e lustroso” e a pata dianteira “encolhida e pelada”, que o fazia galopar a três pés — no seminal *Geografia dos mitos brasileiros*, Câmara Cascudo se vale justamente do conto de Arinos para exemplificar a lenda mineira do Mão-pelada.

A criatura vomita “fogo pelos cabelos, pela ponta da cauda, pelos olhos e pela boca” e seus olhos, de “uma luz a modo de fogo azulado”, parecem convocar a “algum mistério terrível”, conferindo assim sua característica de monstro horrífico, em que a repulsa e a fascinação caminham juntas. O medo que inspira não é apenas físico, mas psicológico: aterrorizado, João Congo perde-se por um caminho escuro e perigoso, até um precipício, onde precisará enfrentar esse ser entre o animalesco e o demoníaco nas brenhas do sertão mineiro.



O MÃO-PELADA

Afonso Arinos



Era tempo de São João com suas noitadas frias.

Dentro de uma cabana baixa, acorados no chão como caititus em fuma, quedavam-se junto à trempe de fogo os dois negros velhos. A fumaça tornava o ambiente irrespirável para outros que não tais malungos. De olhos fitos nas brasas incandescentes, como se delas partisse a evocação das reminiscências que os tinham, a ambos, absortos, meditativos – parecia estarem em diálogo mudo. Cortava-lhes o silêncio apenas alguma frase breve, escapada a longos intervalos.

A porta da cabana não dava entrada a um homem, de pé. Quem quisesse penetrar ali, tinha de curvar-se todo e meter primeiro a cabeça curiosa, como por surpreender no ninho algum animal bravo.

Pela portinha sempre aberta, entravam baforadas de ar frio que, enovelando o fumo, formavam, por vezes, um repuxo de centelhas.

Nesses momentos, a cara comprida do companheiro de Quindanda enfunava-se num ameaço de riso, logo abortado; e, exprimindo a meio a imagem que a irrupção das centelhas despertava, João Congo dizia alto:

— Meninada saindo da escola!

Quindanda não respondia; mas, daí a pouco, como se quisesse reatar o assunto que o preocupava no momento, falava ao malungo, em língua da Costa.

Do seu país eram ali os dois únicos; pertenceram à mesma tribo e foram governados pelo mesmo soba. Quindanda alegava, nas conversas com os brancos, o seu sangue real e convictamente se considerava príncipe. Lamentava, com sincera saudade, o seu serralho de odaliscas de ébano.

Fora, no seio da noite, os vagalumes erravam, tangidos no espaço pelo toque dos grilos.

As vacas, separadas das crias, remoíam deitadas, com os grandes olhos mansos fitos na treva; outras mugiam de espaço a espaço, e outras, mais conformadas com a separação, saíam vagarosamente pela porteira grande, abocanhando, daqui e dacolá, moitazinhas de catingueiro tenro e frio.

Era um vasto terreiro de fazenda, com suas manchas brancas de gado em repouso e suas manchas escuras de chorões e gameleiras.

A cabana de Quindanda, no correr das antigas senzalas, defrontava com um largo terrapleno a cavaleiro do pátio. Ali se destacava, ao tímido luzir das estrelas, nessa noite sem luar, a alvura de uma capela. Na muralha do terrapleno cresciam cactos, cujas sombras esguias assustavam ao longe o viandante desprevenido.

Afora os dois negros junto do fogo, nenhum outro sinal de gente por ali.

— Tá cochilano, pai Zuão?

— Tá pensano no vida, Quindanda.

E mergulharam de novo na meditação e no silêncio.

Quindanda aconchegou ao corpo o jaleco de baetão e a carapuça vermelha, enquanto João Congo, rindo sem saber de que, mostrava ao companheiro, brilhantes à luz do fogo, duas filas de dentes alvos.

— Quedê a batata pra comê, Quindanda?

— Não tem, não. Tem só mandioca puba, pra comê co melado, Oia a cabaça ali dependurada.

— Ocê não quis falá do guampo de ristilo, Quindanda? Ah! nego veiaco!

Comendo e bebendo, desatou-se-lhes a língua.

Foi então que João Congo pegou a contar casos do tempo do senhor velho, do pai do senhor velho de então, que já tinha idade avantajada.

Interromperam-se de repente, olhando um para o outro.

João Congo levantou o indicador para o ar, enquanto Quindanda, percebendo clara a recordação terrível que lhes salteava o espírito, simultaneamente, sopeando-lhes a voz por instantes, resmungava:

— Iô tá lemblando também do que ocê lá pensano. Cruz, Ave-Maria! Nossinhô do céu me livre do mão-pelada!

— Iô te esconjuro, Mão-pelada! – exclamou João Congo. E levantou-se para espiar, pela porta baixa, a solidão da noite.

De lá de fora, como se a memória lhe acudisse algum episódio, tornou:

— Foi lá memo, na bocaina embaixo da pedreira grande!

Entrou e acocorou-se.

Quindanda, pequeno, magrinho, de rosto chupado, a pele adusta e furfurácea. encarquilhada como a de um jenipapo maduro, parecia mais velho que o companheiro. Congo, alto

e esguio, de rosto comprido, terminando por um molho de barba áspera no mento, tinha nos olhos vermelhos e na fisionomia cauta um quê de lobo arteiro e experimentado.

Pouco a pouco, às golfadas, começou a desabafar-se, recontando, hora em língua da Costa, ora na sua meia-língua portuguesa, a história terrível.

Quindanda, metido no borralho, como um gato velho, lampejava os olhinhos fundos e cintilantes no meio da cabana enfumaçada.

Quantos anos se passaram, não poderiam dizê-lo: era no tempo do senhor velho, pai do senhor velho de hoje.

Diante do portão grande da fazenda passava o caminho das tropas, a estrada real para Vila Rica. Defronte, havia um rancho espaçoso, coberto de telhas. Muita gente assistia por ali, por causa da capela do Pilar e por ser “a borda do campo”, nome que ficou sempre na fazenda. Como era alegre o lugar, para um negrinho esperto como João Congo!

Tropas a passarem com as madrinhas garbosas, de cabeça de prata e uma boneca, vermelha no topete, sinceros tinindo, tinindo, e, pelo vargado afora, nas manhãs claras, as cantigas dos tropeiros...

— Deus dê saúde a quem sofre muita saudade! — dizia às vezes o sinhô velho quando, pelos tempos adiante, parava no portão grande e via o rancho deserto, a estrada esquecida e os grandes chorões do pátio a debruçarem cada vez mais para o chão a fronde emaranhada, chorando, chorando sem cessar aqueles que a terra guarda!

Um dia – já por volta do meio-dia – entrou na fazenda um moço de fora, por sinal que vinha montado numa mula crioula calçada dos quatro pés. Esteve muito tempo com o senhor velho, o coronel José Aires. O que eles conversaram não era da

conta de negro nenhum quanto mais de um molecote como era então o Congo. Mas, para alguma coisa servem os moleques; tanto assim que, sobre a tardinha, o coronel chamou o João Congo e perguntou-lhe se, no tempo de dois rosários e três coroas, seria capaz de ir levar uma carta ao padre Rodrigues, no Registro, daí a légua e coisa.

Congo era bem mandado e ladino. Como pretendia ser pajem do coronel, aproveitou a ocasião para mostrar suas aptidões e respondeu logo:

— Meu senhor mandando eu vô só no tempo dos dois rosários.

— Pois toma essa cana e leva ao padre. Acompanha-o aqui; ele virá hoje mesmo. O tempo está bom e ele conhece bem o caminho. Na hora da canjica, à noite, eu quero ver o padre aqui. Se ele não vier, virás tu logo, moleque. Vai andando já!

Congo não deu mais prazo a conversa e ganhou logo a estrada, que descia para uma chã inculta, onde medrava o assa-peixe e os porcos soltos refocilavam, a grunhir.

Com pouca dúvida, deixava à mão esquerda a ponte sobre o riacho, lá no fim da várzea alagadiça. Aprumou logo o morro, fugindo do rio. E foi quando ia fraldejando um capãozinho crescido no lançante, que seus olhos viram, viram deveras, e nunca mais esqueceram – o mão- pelada.

Ia com a mente muito longe dali, a matutar lá na Costa distante, quando topou o bicho do diabo, ou que nome tenha.

Para dizer que era suçuarana, não era; lobo, também não; cachorro não podia ser. Talvez fosse o demônio encarnado...

De dentro do capão, o animal, ou o que quer que fosse, pulou na estrada, correu os olhos pela redondeza, deu com o negro e foi seguindo estrada afora, sem se importar com o encontro.

O moleque vinha a pé, com uma foicinha ao ombro.

A princípio hesitou em prosseguir a marcha, e recuou assustado, mas, voltando logo a si desse primeiro movimento, talvez porque visse o animal dar-lhe as costas indiferentemente e seguir adiante, apressou também o passo para a frente.

Pôde então reparar na fera estranha, que tão pouco caso fazia da gente: tinha o pelo fulvo como o de uma onça vermelha, a cauda comprida e movediça, o fio do lombo preto e lustroso.

No mais, era um lobo de maior corpulência, querendo emparelhar na altura com um bezerro novo. A cara era mais para o redondo do que para o comprido.

O que causava espécie ao negro é que o bicho não trotava, nem corria, como o lobo, mas galopava a três pés, deixando ver uma das patas dianteiras encolhida e pelada.

Ou fosse obra de algum mandingueiro de dois pés, ou fosse mandinga do próprio bicho, de vez em quando voltava a cara para o negro, a ver se o acompanhava.

Não é dizer que fosse medo de coisa de outro mundo, pois o sol estava lambendo ainda o cocuruto do arvoredado do capão, antes de sumir-se; a tarde estava clara e serena, sobretudo em campo aberto – mas o moleque sentiu certa fascinação pelos olhos da fera.

Que diabo de coisa haveria neles?

Mostravam uma luz a modo de fogo azulado e parecia que, ameaçando e rindo, chamavam a gente para algum mistério terrível.

O Congo não parou mais, varando capões, descendo bocainas, galgando morros, na batida do mão-pelada.

O dia não dura sempre: tinha de acabar logo numa noite sem luar. O tempo dos dois rosários já se fora havia muito, sem

que João pudesse entrar à porteira do Registro. Entretanto, pareceu ao molecote que estava num atalho, pois, deixando a estrada real, seguia um trilho que coleava pelo inalo, morro abaixo, em direção ao fundo de uma garganta onde se precipitava uma torrente, sob uma velha ponte de paus roliços.

Aí já estava bastante escuro, porque o mato era muito alto. Da banda de lá da torrente o morro empinava-se, para sair adiante, num escampado, obra de um tiro de reúna.

O trilho abeirava um barranco alto, onde havia muitas furnas.

Naquelas alturas, parecia que do pêlo do bicho falseava o mesmo fogo azulado que lhe chamejava nos olhos. Estes viravam-se ainda para o João Congo, de espaço a espaço; agora, as chispas que despediam eram de assustar.

Só, no meio do mato, já noite, tendo diante dos olhos a escuridão e no meio dela aquele bicho infernal a deitar fogo pelos olhos e cabelos, Congo reuniu todas as forças para romper o terror e fugir à fascinação. Era preciso passar adiante.

Até então não tinha gritado; mas aí, no fundo do vale, rugiu com força e chamou por nomes de santos.

A voz lhe ribombava no desfiladeiro escurecido duplamente pelo mato virgem e pela noite sem luar.

Ao mesmo tempo, das profundezas do desfiladeiro onde gemia a torrente, começaram a subir uns sons de voz como que estrangulada e uns silvos longos, fortes e agudos, de rebate para os misteriosos habitantes daquelas brenhas.

Ao aproximar-se da ponte velha sobre a corrente, João Congo viu que o mão-pelada lançou-lhe um derradeiro e mais demorado olhar; depois, vomitando fogo pelos cabelos, pela ponta da cauda, pelos olhos e pela boca, deu um miado fortíssimo e saltou no fundo.

O preto estacou na entrada da ponte, ouvindo ainda afastar-se o miado da onça no cão.

Parecia que a madeira ia fugir-lhe debaixo dos pés e precipitá-lo na torrente, ao fundo.

A ponte não tinha guarda-mão – e quem sabe os buracos que poderia a escuridão esconder?

Entrementes, reanimou-se de novo e, tateando, avançando devagarinho, atravessou a ponte e ganhou a barranca oposta.

Lá em cima viu de novo atravessar-lhe à frente o dorso curvo e faiscante do Mão-pelada.

Então, começou a ouvir, da orla da mala, uns gemidos humanos, tênues como se foram de criança.

Os olhos da fera não se voltavam mais para ele. como ainda há pouco, mas seu corpo flexuoso cobreava diante tio negro, em faiscações de luz azulada. Diante de uma furna, junto de cuja boca passava o caminho. Congo viu a fera desaparecer.

Sentiu então que ia ser acometido logo.

Decerto eram aquelas furnas a morada daquele demônio de bicho.

Quantos companheiros teria ali dentro o Mão-pelada? Se ele sumiu-se por instantes foi para ir dar o alarma aos outros, lá no fundo da caverna.

Ao mesmo tempo que semelhante reflexão passava rapidamente pelo espirito de João Congo, pôde ele reconhecer que defronte das furnas o trilho se angustiava numa tira apenas de chão, pois o terreno rasgava-se ali mesmo num precipício, coberto de vegetação; no fundo corria um lacrimal, que, logo acima da ponte velha, desaguava na torrente.

Não há dúvida: o Mão-pelada cercou-o bem cercado. Ali, com um simples empurrão, Congo iria ao fundo do precipício.

Era preciso recuar, se não quisesse morrer estupidamente, sem meio de defesa.

Quando chegava a essa conclusão, viu assomar na porta da primeira furna a cara do mão- pelada, ou antes, os dois olhos que relampeavam na escuridão. A coisa estava feia mesmo!

Nesse lugar, o único jeito que tinha – pensava João Congo – era apegar-se com São Benedito e com o gavião da foice.

Morrer por morrer, a gente tem de morrer mesmo, mais hoje, mais amanhã.

O moleque não teve tempo de encomendar sua alma, porque o mão-pelada cresceu logo para cima dele, com as duas enormes patas para o ar, as unhas aduncas desembainhadas, a fauce escura arreganhada, de onde rompiam rugidos ferozes. Parecia que o fim de João Congo seria o de ser ali mesmo esmigalhado como um pinto sob a pata de um cavalo.

Parecia, mas não foi; e não foi só porque Deus não quis. Contando não se acredita, mas as coisas se passaram deveras. Tudo foi num abrir e fechar de olhos: o Mão-pelada marcou o pulo: João Congo encolheu-se como um nhambuzinho velhaco; o Mão-pelada pulou por cima dele; João Congo caiu para trás. Mas, ou fosse grande demais o bote do bicho, ou o moleque fizesse por mergulhar por baixo dele – o certo é que a fera foi direito em cima do precipício, ao mesmo tempo que o moleque, despencando da beira do barranco, caía por ele abaixo e agarrava-se, aqui, acolá, em moitas de capim e raízes de árvores.

De repente parou: pareceu-lhe estar no fundo do precipício, sem queda, sem choque nem dor. Seria possível? Quem sabe se estaria vivo ou morto? Aquilo era a morte sem dúvida. Ela não podia ser mais feia do que o que viam os olhinhos do negro, arregalados e brilhantes: embaixo dele, por cima dele, de um e outro lado, reinava a mais atra escuridade; nem

mesmo o pestanejar medroso de uma estrela solitária e longínqua. Era breu só, breu por toda a parte.

Ainda se fosse a escuridão, só poderia ser a morte, como pensava Congo.

Mas o pior é que, não tardou muito, do meio da escuridão, começou, pouco a pouco, a subir um rosnado ameaçador; e foi crescendo, crescendo, e, pouco a pouco, o precipício, o desfiladeiro, o lacrimal e a torrente foram atoados por uivos, miados e roncoss tremendoss.

João Congo, resignado e convicto, passou rápido exame de consciência, inquirindo o por que fora arrojado daquele modo ao inferno.

E achou que este era ainda mais feio do que o outro, pintado pelo padre no último sermão, em dia de Natal. Ao menos no outro há companhia, embora de almas perdidas e de demônios. enquanto nesse, por toda a parte se estendem a solidão e a treva.

Debalde João Congo, devagarinho, cautelosamente, estendia uma perna, esticava o braço, procurando tatear em torno de si: encontrava apenas o vácuo. Com efeito, seu corpo, preso numa laçada de cipó, balouçava brandamente no espaço.

Quando verificou que estava suspenso sobre o precipício a meio caminho do fundo, encolheu-se iodo e esbugalhou os olhos, como se quisera apalpar o terreno embaixo e sondar a altura da queda provável.

Então, com grande horror, viu acesos de novo, no fundo do precipício, a quererem atraí-lo e devorá-lo, os olhos sinistros do Mão-pelada. Congo fechou os olhos, e, de espaço a espaço, dava um gemido cavo de agonizante.

Parece que perdeu a consciência, porque era dia claro quando Quindanda, mandado com outros pelo senhor velho

em busca do moleque, foi descobri-lo dependurado de um galho de pau- d'óleo crescido à beira do precipício e enredado numa rodilha de cipó, suspenso no espaço.

João Congo não tinha ferimento algum, mas seus olhos desmesuradamente abertos e suas feições distendidas pareciam aparvalhados

Por muito tempo, depois de içado à beira do barranco, à força de braços, conservou-se mudo. Quindanda deu-lhe alguns tapas nas costas e o sacudiu violentamente, perguntando-lhe, aos gritos, se ficara mudo e pateta. Nada, nenhuma resposta!

Afinal, dando um grande suspiro de alívio, como se desengasgasse naquele instante, João Congo urrou:

— Óia! Óia o Mão-pelada!





MALDIÇÃO NOTURNA EM “O LOBISOMEM”, DE VIRIATO PADILHA

André Alvarenga

Viriato Padilha, pseudônimo de Aníbal Mascarenhas, nasceu em Minas Gerais no dia 11 de junho de 1866 e faleceu no dia 17 de novembro de 1924 no Ceará. Autor, professor, poeta, historiador e major do exército, Aníbal foi também dono do jornal jacobinista *A Bomba*, mais tarde chamado de *O Nacional*. Teve outros pseudônimos ao longo da sua carreira, como Tycho Brahe de Araújo Machado e Aníbal Demóstenes, e muitas de suas obras foram publicadas de forma póstuma pela editora Livraria Quaresma.

Seus títulos variam de acordo com o pseudônimo utilizado. Os livros publicados com o nome “Aníbal Mascarenhas” são de teor informativo e teórico; já aqueles assinados como “Viriato Padilha” são, em sua maioria, contos reunidos em coletâneas como *Os Roceiros* de 1899 e *O Livro dos Phantasmas*, obra póstuma publicada em 1925. Esta última é a mais citada de sua carreira, e contém diversas narrativas decididamente sombrias e tipicamente brasileiras, como “A Mula sem Cabeça”, “O Caipora” e “A Alma-penada do Barão”.

Em “O LobisOMEM”, é narrada a tenebrosa história por trás de uma curiosa casa abandonada com um passado incerto e

horrível. Recém-casados, Quincas Pacheco e Dona Cecilia aparentavam estar felizes; porém, sete dias após seu matrimônio, Quincas sai repentinamente para a escuridão da noite e retorna na manhã seguinte com um semblante pesado e misterioso. Dona Cecilia fica espantada e, quando essa fuga noturna volta a acontecer, a esposa decide investigar o que o marido faz sozinho nas horas sombrias, e assim se depara com uma terrível descoberta.



O LOBISOMEM

Viriato Padilha



Viajava eu por uma dessas estradas de serra abaixo, tão incômodas pelos constantes lameiros e pântanos que nelas se encontram, nos quais os cavalos enterram-se, às vezes, até os peitos. Descambava o sol para o ocaso, e já me sentia enfadado com a monotonia da paisagem, baixa, uniforme, apresentando sempre os mesmos mangues de vegetação arcaica, que recordam a de épocas geológicas decorridas, a mesma pobreza de culturas, os mesmos ranchos de sapé atufados na capoeira e com um magote de crianças magras e lambuzadas à porta.

O meu *camarada* (é este o nome que se dá ao criado que acompanha o viajante e trata dos animais) nascera por ali mesmo em Iguaçu ou Itaguaí. Conhecia a palmo as paragens que atravessávamos, e de quando em vez esclarecia-me sobre aquela insípida região, prestando-me informações interessantes acerca dos bípedes que por ali viviam. Cândido era o nome do meu camarada, que também acudia ao chamado de Bigode, alcunha que lhe haviam posto.

Era um mulato de testa estreita, olhos apertados, com falta de dentes na frente da boca, e magro. Não sabia ler, nem escrever, porém tinha feito muitas viagens pelo interior dos estados do Rio de Janeiro e de Minas, e nelas adquirira certo

traquejo da vida. Era sobretudo muito loquaz, dessa loquacidade da gente do povo, pouco embaraçosa no emprego das frases, rústica, desataviada, porém viva, e muitas vezes originalíssima pelo emprego de imagens e conceitos interessantes. Era, em suma, um excelente companheiro de viagem.

Caminhando, chegamos a uma pequena, porém bem construída casa que se achava em completo abandono. A casa achava-se rente com a estrada, e tudo indicava que ali não residia ninguém, haveria já anos. Uma das janelas da sala da frente tinha sido arrancada e estava por terra; o vento havia levantado algumas telhas; e abundante vegetação invadia o pequeno terreiro e cobria os três degraus que conduziam à porta principal da habitação. Aos lados via-se uma engenhoca de moer cana e uma roda de farinha, porém tudo a desaparecer quase por baixo das tiriricas e outras ciperáceas, bem como abafando-se sob longas espadas desprendidas do velho coqueiro de indaiá.

Causou-me admiração ver em tal estado de abandono uma morada que parecia oferecer regular conforto, quando no entanto miseráveis palhoças, esburacadas e mal cobertas, achavam-se atulhadas de gente. Nesse sentido dirigi uma pergunta ao meu pajem:

— Diga-me, sr. Bigode, por que motivo se vê em tal lastimável abandono esta excelente casa?

— Ê, patrão! — respondeu-me Bigode, que parecia ter esperado por esta naturalíssima interrogação. — Essa é a Casa do Lobisomem. É muito conhecida. Até já saiu nas folhas do Rio. Depois que o Lobisomem desapareceu, ninguém mais quis morar aqui. No entanto é pena, pois em toda esta redondeza não há uma casa tão boa, em terras que deem melhor mandioca e melhor cana. Mas... Que quer vosmecê? Quando o povo cisma com qualquer coisa, acabou-se, não há nada que lh'a tire da cabeça.

— Então, sr. Bigode, esta casa pertenceu a um Lobisomem?

— Sim, senhor. Um Lobisomem, e daqueles verdadeiros mesmo. Foi desencantado pelo Juca Bembém que era camarada do velho Moura. Conheci muito o Juca; pra um pé de viola não havia outro.

— E há mesmo Lobisomens, sr. Bigode?

— Ê, patrão! — exclamou o caipira, como que admirado da minha crassa ignorância ou estúpida incredulidade — pois vosmecê ainda pergunta? Há Lobisomens e de muitas qualidades. Eu mesmo que aqui estou já tenho topado com eles nas sextas-feiras, mas comigo nada podem. Trago no pescoço uma oração que é mesmo um porrete bendito para tudo que é coisa má. Ora, patrão, vosmecê perguntar se há mesmo Lobisomens?! Toda mulher que tiver sete filhos machos, pode ter certeza que um deles vira Lobisomem. E, sendo sete meninas, uma, mais cedo ou mais tarde, vira Bruxa. O Lobisomem, patrão, é o dízimo do Diabo.

À vista de definição tão explícita, não me era possível duvidar mais da existência do Lobisomem. Envergonhei-me até da incerteza em que me achava acerca da realidade de personagem de existência tão comprovada, e pedi ao Bigode que me contasse a história do Lobisomem que outrora habitara a casa cujo abandono agora me admirava. Afinal tinha descoberto o meio de dissipar o tédio de uma viagem por sítios tão sem perspectiva e mais que monótona paisagem. A história é pouco mais ou menos a que os leitores vão ler.



O sr. Basílio de Moura era um lavradorzinho remediado e pai de alguns casais de filhos, todos já afamiliados. Apenas restava na casa paterna a caçula, d. Cecília, moça regularmente bonita.

Enamorou-se dela Joaquim Pacheco, um dos sete filhos varões do velho Pacheco, negociante de secos e molhados em Marapicu. Joaquim Pacheco, ou antes Quincas Pacheco, era um rapaz sem defeitos, e com um começo de fortuna. Já se vê que constituía um bom partido; e tendo nisso concordado o velho Moura e a filha, ajustou-se o casamento, sendo este logo realizado, não obstante apresentar o noivo intensa amarelidão, que fazia recear por sua saúde. Mas, em serra baixo, quem não sofre mais ou menos do fígado? E quem tem cores vivas?

Assim, não foi estorvo ao enlace matrimonial a palidez do Quincas Pacheco. Fez-se o casamento e os novéis esposos foram residir na asseada casinha que me havia chamado a atenção pelo seu prematuro abandono, e que ficava pouco distante da do velho Moura, ali um pouco para dentro. As extremas do sítio de um emendavam com as de outro.

O casamento fizera-se em um sábado, e nos primeiros dias não houve coisa de importante a relatar-se. Os casadinhos saboreavam a sua lua-de-mel como todo mundo; abraçavam-se, beijavam-se a todo instante, faziam castelos no ar...

Mas, na primeira noite de sexta-feira que passaram juntos, isto é, sete dias depois do enlace matrimonial, começou a complicar-se a situação dos cônjuges. Achava-se d. Cecília acordada, isso por volta da meia-noite, quando sentiu o marido apalpá-la como se procurasse verificar se ela estava realmente adormecida, e, assim julgando, esgueirou-se por entre os lençóis, dirigiu-se devagarinho para a porta, abriu-a e saiu para o terreiro.

Só quando o dia vinha rompendo é que Quincas Pacheco, com o corpo frio como o focinho de um cão, voltou para o leito conjugal.

D. Cecilia ficou apreensiva com essa ausência noturna do marido. “Seria possível que logo na primeira semana casado, Quincas Pacheco a abandonasse para ir procurar alguma descarada?! Isso seria horroroso!...”

Mais admirada ficou d. Cecilia ao observar no dia seguinte que o marido se achava mais pálido que de costume, que seus olhos tinham um fulgor de singular estranheza, que se havia tornado taciturno e procurava evitá-la.

Efetivamente Quincas Pacheco achava-se muito alterado em fisionomia e modos, e assim se conservou por três longos dias. No quarto, porém, voltou um tanto ao antigo estado, e d. Cecilia, com muito boas maneiras, procurou saber dele o motivo por que se ausentara do leito conjugal durante a noite de sexta-feira. Mal, no entanto, pronunciou a rapariga as primeiras palavras sobre esse assunto, encheu-se Quincas de inexplicável furor, e, arrancando-se brutalmente dos braços da esposa, foi sentar-se meditabundo na porta do quintal, onde passou todo o resto do dia, sem querer comer nem beber.

D. Cecilia mortificou-se extremamente com tal procedimento. Era, porém, excelente criatura, e, compreendendo que aquele assunto desgostava o marido, evitou daí por diante falar mais nele, ao mesmo tempo que por inteligentes carinhos se esforçava por arrancá-lo do pesado silêncio em que ele se engolfara. Assim restabeleceu-se um pouco a tranquilidade no casal. D. Cecilia fizera o sacrifício de seu orgulho e curiosidade, em benefício da harmonia do lar.

Isso durou uns três dias. Na sexta-feira seguinte, porém, quando o relógio americano que havia na sala de jantar vibrara as doze horas da meia-noite, Quincas Pacheco, tal como

fizera na sexta-feira anterior, tornou a deslizar mansamente da cama, e ganhando a porta da rua pôs-se no mundo. Só voltou quando os galos começavam a cantar.

D. Cecília, que por ter o sono muito leve despertara quando o marido fizera girar a chave na fechadura, ainda mais incomodada ficou do que da outra vez, e, no seu leito solitário revelou-se cheia de impaciência e desgostos até a chegada de Quincas.

“Com certeza Quincas Pacheco tinha alguma amante, pensava ela, e as alterações que nele havia observado, não eram outra cousa senão o arrependimento de se ter casado com ela. Fizera-se o enlace tão apressadamente!... Quem sabia das suas desgraças com outras mulheres?”

No dia seguinte Quincas Pacheco estava lívido e o seu olhar terrivelmente sombrio. Cecília quase o desconheceu. Seu marido não falava, pouco comia, e, às vezes, soltava uns grunhidos singulares, que mais se assemelhavam aos de um porco do que sons produzidos por garganta humana. À noite, querendo ela afagá-lo, Quincas repeliu-a com modos bruscos. Era um homem completamente diferente do da primeira semana, pois embora sempre fosse um tanto tristonho, mostrara-se até então delicado e carinhoso para com ela. Depois de pensar durante algumas horas sobre o que devia fazer, d. Cecília resolveu levar ao conhecimento do pai o que se passava de extraordinário em sua casa. Assim, dirigiu-se à roça do velho Moura, no domingo, e foi só, pois Quincas Pacheco não quis acompanhá-la. Aí chegada, referiu ao pai todos os seus desgostos, tornando-o ciente da conduta mais que irregular do esposo.

O ancião, que não esperava arrufos entre casadinhos de fresco, ficou atônito ao ouvir as queixas da filha, e mais ainda a natureza delas. Assim, depois de coçar a cabeça por algum tempo, o que nele era sinal de grande embaraço, disse-lhe:

— Minha filha, aí anda coisa muito séria, talvez mais do que pensas. Não é possível que o rapaz saia para procurar mulher, pois sabes melhor do que eu que nestas redondezas não há nenhuma vida má, e demais Quincas é ainda muito novo no lugar para que pudesse formar já relações de tal natureza. Olha, faz o que te digo. Não dês por achada, continua a tratá-lo bem, nada lhe fales sobre os seus passeios às tantas da noite, e à primeira vez que ele tornar a sair acompanha-o de longe, e informa-te por ti mesma o motivo de seus giros. É o mais prudente. Nada de juízos temerários sobre o pobre rapaz!

Aceitou d. Cecília o conselho paterno, e voltando para casa, esforçou-se por bem tratar o esposo, que se mantinha sempre no seu pesado mutismo, e continuava a assombrá-la com seus modos bruscos. D. Cecília tragou tudo com a maior resignação. No entanto sentia percorrer-lhe todo corpo um calafrio quando Quincas soltava o grunhido estranho que principiara a emitir logo depois do primeiro passeio. Estaria doido o infeliz?

Viviam assim os dois, até que chegou a outra sexta-feira, e como já havia sucedido nas duas antecedentes, Quincas Pacheco, logo que no relógio de parede o tímpano vibrou doze pancadas, esgueirou-se sorrateiramente da cama, abriu a porta e ganhou o mundo.

Logo após d. Cecília, que por prevenção se achava acordada, enfiou um roupão de lã cinzenta que possuía, embrulhou-se num chalé da mesma cor, e saiu para fora de casa o mais levemente possível, a fim de não perder de vista o esposo.

Era noite de lua cheia e tudo estava claro: fácil lhe foi conseguir avistá-lo. Quincas achava-se encostado ao oitão da casa, e ali demorou-se alguns minutos, como se estivesse formando um projeto.

Depois dirigiu-se lento, cabisbaixo e muito triste na direção de um telheiro onde dormiam os porcos; e ao aproximar-se dele começou a emitir os singulares grunhidos que tanto haviam apavorado a moça, esta o acompanhava à distância.

Sempre grunhindo, Quincas Pacheco aproximou-se do telheiro e os porcos, ao pressentirem-no, levantaram-se e fugiram. Então Quincas Pacheco tirou a roupa, e, atirando-se na poeira que servia de leito aos bacorinhos, espojou-se longo tempo, sempre grunhindo ferozmente.

D. Cecília não sabia que pensar do que estava presenciando. Parecia-lhe que o marido havia enlouquecido repentinamente, e ainda não tinha voltado do seu grande espanto quando viu Quincas Pacheco erguer-se, não sob a figura humana, porém sim transformado em um grande porco, de cerdas eriçadas e prezas salientes, o qual pôs-se logo de pé e começou a bater os dentes e a abanar as orelhas de uma maneira horrível! Os olhos dessa cousa monstruosa luziam como brasas, e dentuça branca, cerrada e pontiaguda destacava-se no negrume dos pelos.

D. Cecília, levada ao auge do assombro, não pôde reprimir um grito, e a estranha alimária, assim que o ouviu, levantou a grande e pesada cabeça, farejou por alguns instantes e depois avançou para o lugar em que a rapariga se achava.

A moça, com toda a força de suas pernas e extensão de seu fôlego, bateu em retirada para casa. Quando, porém, alcançava o terreiro, já o monstro tinha dado a volta à habitação, e cercava-a pelo outro lado.

O grande medo que se apoderou da jovem deu-lhe forças para voltar por onde tinha vindo e chegando ao alpendre de porcos enfiou pelo caminho que conduzia à casa do pai. Corria a mais não poder, e a fera sempre a acompanhá-la. Dez minutos durou a perseguição, e de uma vez o porco chegou

a deitar-lhe os dentes no roupão de lã que se rompeu com o esforço empregado pela moça. Afinal d. Cecília, sem afrouxar a carreira, chegou à beira de um regato que atravessava o caminho e o transpôs de um salto. O monstro ia-lhe ainda ao enlaço, mas ao ver a água estacou e retrocedeu, sempre batendo os dentes.

Já era tempo também. A moça estava quase a cair de cansaço; tremiam-lhe as pernas, ofegava, um suor frio corria-lhe pelas fontes e estava quase para tombar sem alento na estrada, quando ouviu uma voz que cantava:

*Tomará que o mato seque,
Quero vê que as cobras come
É cousa que causa espanto
Vê muié passá sem home.
Oh! Minha senhora dona,
Que tristeza e que pená!...
A chinela de um paulista
Numa sala faz chorá.*

A moça reconheceu logo essa voz: era do Juca Bembém, camarada da casa de seu pai. E assim que este se aproximou dela pediu-lhe que a levasse para junto do velho. O rapaz, muito admirado por vê-la àquela hora na estrada, obedeceu-lhe imediatamente.

Dali à casa do Moura apenas distavam alguns passos.

Ao entrar na sala da casa paterna, Cecília estava pálida como uma defunta.

O velho Moura, acordado em sobressalto, assim que percebeu a filha em tal estado, recuou assombrado, mas logo, acercando-se dela com solicitude, perguntou-lhe o que havia acontecido.

Cecília, depois de um quarto de hora em que não pôde articular palavra, contou-lhe com voz sumida toda a história da transformação do marido em porco, e bem assim a forma pela qual fora perseguida até o riacho do caminho.

Basílio de Moura ficou de boca aberta ao ouvir tão espantosa narração, e como que sem coragem para pronunciar a terrível palavra que logo lhe acudira à mente. Contudo, Juca Bembém, que também ouvira a história, logo que a moça chegou ao episódio do riacho, exclamou com vivacidade:

— D. Cecília, desculpe se ofendo sem querer, mas seu marido é Lobisomem!

— É verdade — confirmou o velho Moura consternado, porém animado pela entrada de Juca — é verdade, minha filha. Que desgraça! Quincas é Lobisomem!

A moça, ao ouvir essa dupla sentença, desatou em amargo pranto. O velho Moura enterrou a cabeça entre as mãos e engolfou-se em profunda meditação, e Juca Bembém, como um homem que resolve no cérebro uma ideia grande, torcia e retorcia nas mãos calosas o chapéu e mostrava-se verdadeiramente comovido

Esta cena muda durou alguns instantes, e, decorridos eles, Juca Bembém deu alguns passos para a moça, disse-lhe com decisão:

— Senhora d. Cecília, enxugue o seu pranto; Deus dá remédio para tudo e eu lhe garanto que hei de desencantar seu marido.

Basílio e a filha olhavam admirados para o caipira, porém este tornou a afirmar-lhes:

— Hei de desencantar seu marido, custe o que custar. Muita gente já tem feito o mesmo e eu não hei de ser dos mais caiporas, se Deus e Nossa Senhora da Conceição me

ajudarem. D. Cecília, peço-lhe que não volte esta semana e a seguinte para sua casa e deixe o resto por minha conta. Na sexta-feira vou ver o bruto. Entretanto, se ele cá vier amanhã, digam-lhe que vou morar com ele alguns dias. Vosmecês inventem o que quiserem para ele não desconfiar.

E dizendo isso Juca Bembém despediu-se dos dois e retirou-se. Percebia-se no seu semblante que havia formado uma resolução inabalável.

No outro dia, logo pela manhã, Quincas Pacheco veio à casa do velho Moura buscar a mulher. Esta, ao avistá-lo, soltou um grito de horror... É que nos dentes do marido via pregados alguns fiapos do seu roupão de lã cinzenta. Não havia mais que duvidar. Quincas Pacheco era Lobisomem.

Logo em seguida, porém, tranquilizou-se, e disse ao marido que não podia ir para casa porquanto seu pai se achava doente e não tinha quem o tratasse. Efetivamente o velho Moura, com o abalo que sofrera, caíra de cama. Disse mais a moça, que tinha combinado com Juca Bembém que enquanto seu pai se conservasse enfermo, fosse ele para o sítio, a fim de fazer-lhe companhia, preparar-lhe a comida e tratar da criação.

Quincas Pacheco achava-se de uma lividez de cadáver e durante o tempo que a mulher lhe falara, nem uma só vez lhe tirara o olhar. Assim que ela terminou a sua explicação, Quincas, embora fazendo grande esforço para reprimi-lo, soltou um grunhido rouco, convulso, e retirou-se bruscamente.



Com o piedoso intuito de desencantar o Lobisomem, Juca Bembém, conforme ficara combinado, fora viver com Quincas Pacheco.

É crença geral que fazendo-se sangue na pessoa, quando ela se acha transformada nesse animal fantástico, o Diabo vem lambar o sangue, considera-se pago o seu dízimo, e a pessoa isenta-se do seu sombrio fadário.

Ora, Juca Bembém sentia-se com coragem para travar combate com a fantástica alimária e feri-la.

Nos primeiros dias de sua permanência no sítio de Quincas, nada houve de anormal. Pacheco, sempre muito sombrio e melancólico, evitava falar com o camarada, mas este não se dava por achado e ia fazendo silenciosamente as suas obrigações, até que chegou a fatídica sexta-feira.

Juca Bembém dormia na sala, em uma rede, e, por precaução, nessa noite resistiu ao sono, e nem ao menos despiu-se. Quando o relógio bateu doze horas, ouviu ruído no quarto do patrão. Daí a pouco este assomou à porta e dirigindo-se para a da rua abriu-a e saiu para fora. Juca Bembém fez outro tanto, armando-se de uma foice bem amolada, que de antemão tinha encostado à parede, e acompanhou Pacheco.

Este foi direitinho ao alpendre dos porcos, grunhindo pelo caminho. Ali chegado, despiu-se, e atirou-se à poeira, esponjando-se nela em todos os sentidos, e pouco depois erguia-se transformado em porco. Juca Bembém sentiu os cabelos se arrepiarem na cabeça, mas não perdeu o ânimo e dirigindo-se para o monstro gritou-lhe em voz ameaçadora:

— Hoje é comigo, Lobisomem!

O porco levantou a cabeça, bateu as grandes orelhas pendentes e lançou-se sobre Bembém. Este, que se achava prevenido, de um salto evitou o esbarro.

Voltou o porco ao ataque, porém Juca tornou a furtar-lhe o corpo, e quando pela terceira vez a fera investiu contra ele, o destro caipira vibrou-lhe a foice pelo fio do lombo, e a arma pegando em uma das orelhas do Lobisomem fez dela jorrar um grande esguicho de sangue. Imediatamente surgiu em frente do rapaz Quincas Pacheco e desapareceu o porco.

Quincas Pacheco estava extremamente pálido e cansado.

— Que é isso patrão? — exclamou Juca Bembém — Perdoe-me se o feri!...

— Ah, meu bom amigo — respondeu-lhe com voz cava Quincas Pacheco —, que grande serviço te devo! Livraste-me de um penoso e miserável fadário. Graças à tua coragem, dei-xei de ser Lobisomem. Anda comigo, quero recompensar-te generosamente.

E partiu para casa. Ao chegar ao terreiro, Pacheco virou-se para Bembém e disse-lhe:

— Espera-me aqui. Vou buscar uma “molhadura” para re-compensar o teu grande serviço.

Juca Bembém ficou esperando. Pacheco entrou em casa. Daí a pouco assomava à porta, mas a “molhadura” que trazia era uma espingarda carregada e, antes que Bembém pudesse fazer um movimento para fugir, pregou-lhe um enorme tiro, quase à queima-roupa.

Juca Bembém, caiu, e daí a três dias entregava a alma a Deus. Haviam-lhe entrado no corpo dezesseis caroços de chumbo grosso.

Desde esse dia, também nunca mais ninguém via Quincas Pacheco. Consta que fugira para os sertões de Minas de Goiás.

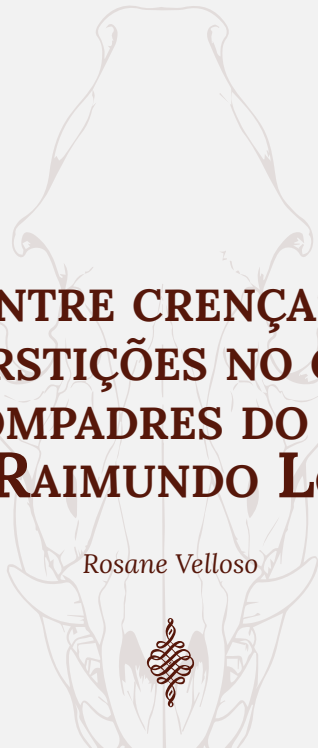


— Agora — disse-me Bigode, depois de terminar a história que para aqui transporte, somente alterando um pouco a linguagem —, Juca Bembém morreu porque não sabia de todas as manhas do bicho. Ele devia ter espetado a foice no chão, posto nela o seu chapéu e o casaco, e esconder-se a um canto. O outro dava-lhe o tiro que não pegava, e então seria obrigado a dar-lhe o dinheiro que lhe prometera. Não sabem das coisas e querem se meter nelas! Não, que desencantar um Lobisomem tem suas histórias! A pessoa depois que se livra daquele fado ruim, fica envergonhada, e, se pode, dá cabo de quem a desencantou. Coitado do Juca Bembém, era tão bom rapaz, e valente até ali!...

— E d. Cecília, qual foi seu destino? — perguntei, interessado pela sorte da infeliz esposa do Lobisomem.

— D. Cecília — respondeu Bigode — nunca mais quis habitar sua casa. Os cabelos se lhe embranqueceram de todo dentro de um mês, e pouco depois começou a tossir e a deitar escarros de sangue pela boca. Estava sofrendo do peito, e seis meses depois da morte de Juca Bembém e do desaparecimento de Quincas Pacheco, dava ela sua alma aos anjos. Basílio de Moura ainda é vivo; sofreu muito, mas o patrão bem sabe que gente velha tem couro duro para desgostos. Já está quilotado.





ENTRE CRENÇAS E SUPERSTIÇÕES NO CONTO “OS COMPADRES DO DIABO”, DE RAIMUNDO LOPES

Rosane Velloso

Raimundo Lopes da Cunha nasceu em 28 de setembro de 1894, em Viana, e faleceu em 8 de setembro de 1941, no Rio de Janeiro. Foi poeta, jornalista, ensaísta, professor, geógrafo, etnógrafo, naturalista e bacharel em Ciências e Letras. Realizou diversos estudos sobre os povos indígenas, destacando-se especialmente a viagem aos campos e aldeias dos Ka'apor. Foi membro do Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão e da Academia Maranhense de Letras, onde fundou a Cadeira nº 21. Contribuiu para várias revistas e jornais do Maranhão, do Rio de Janeiro, de São Paulo, e também de outros países, sempre abordando temas relacionados às suas áreas de especialização.

Além do conto “Os compadres do Diabo”, publicado em 1928 na revista carioca *O Cruzeiro*, Raimundo Lopes publicou alguns livros sobre as suas pesquisas em geografia e etnografia, suas áreas de maior interesse: *O torrão maranhense* (1916); *Antropogeografia* (1956), publicação póstuma; *Dois estudos resgatados*

(2010), conjunto de estudos que foram organizados e editados por Heloisa Bertol e Alfredo Wagner B. de Almeida; e *Seleta de dispersos* (2017), organizado por Sebastião Moreira Duarte.

“Os compadres do Diabo” entrega uma narrativa cheia de brasilidade, na qual o sincretismo religioso e o preconceito com crenças não cristãs estão muito presentes. O conto aborda a superstição em textos regionais e demonstra com bom humor a dúvida quanto à credibilidade do fato relatado. A relação entre fé e castigo e o julgamento de quem é digno ou não de respeito, de acordo com o credo, são pontos marcantes do enredo. Durante um parto difícil numa cidade pequena, mãe e bebê sofrem risco de morte e é preciso recorrer a todos os tipos de alternativas: a ciência, a devoção cristã e o espiritismo. Num momento de desespero, o pai, já desiludido, esbraveja, dizendo que o único que poderia ajudar naquele momento seria o demônio. Então, algo extraordinário acontece.



OS COMPADRES DO DIABO

Raimundo Lopes



Naquele cair da noite negríssima, sem luar e sem estrelas, todos no corredor atijolado, uns assentados familiarmente pelos batentes das portas, outros em bancos de pau ou nas cadeiras de palhinha estragada e às vezes oscilantes sobre os pés malseguros, vieram a talhe de foice as histórias de aparições e de traças do Diabo.

Minha tia, senhora devotíssima, presidente de uma das irmandades da vila, e em cujo catolicismo ortodoxo o Diabo era uma figura tão essencial como o próprio Deus, escandalizava-se da minha falta de fé e, como eu contestasse autenticidade a todos os casos de bruxarias e de possessos que me contava aquela gente simplória, começou a contar a história estranha de um homem que ela conhecera e fora o compadre do Sujo.

Perguntou-me se eu não conhecia a Chiquinha Tavares, uma esmirrada, que promovia em casa dela, com grande escândalo da piedade local, rezas espíritas.

— Conhecia, como não!

— Pois foi o marido dela, o João Boticário.

“Eram muito felizes. Seu João tinha botica na rua Grande, lá em cima, adiante da ladeira da casa da Câmara.

“Prosperava nos negócios. Os filhos vinham e cresciam fortes e bemcriadados. Um seio de Abraão.

“A Chiquinha estava prenha do quarto filho.

“O parto foi difícil. Mandaram vir a Carlota, velha crioula gorducha, a parteira mais sabida daquelas bandas; e a d. Auro-ra, mãe da Chiquinha, que acreditava em feitiçarias, mandou buscar por um próprio no Arari a Maria Benta, que não havia outra para tirar um mau-olhado ou fazer sair do estômago de um cristão mais calangros que das locas de uma estrada e uma saparia, que nem o lago...

“Nada disso, porém, fez com que a infeliz tivesse um bom sucesso.

“Seu Raposo, boticário nesse tempo, era muito moço, mas já fazia boas curas, melhor que muito médico; veio também de Viana, a chamado urgente, e não dava volta na criança.

“Era uma noite assim como esta... não, pior, porque trovej-ava feio e de vez em quando abria um relâmpago. A Chiquinha sentira as dores e começara a chorar desde meio-dia. Às seis horinhas soltava gritos de cortar o coração. Como eram bas-tante estimados, lá estávamos nós, as senhoras das melhores famílias da vila, a ajudá-los.

“Aquele martírio se prolongou até alta noite. Bateram onze horas, e não tinha a moça alívio nem ninguém podia dormir.

“No rosto do pobre do marido, que ia e vinha, inquieto, da casa para a botica e interrogava ansioso a cada momento o colega, se lia o terror.

“Seu Raposo, esse estava desanimado e não era sem razão: a bruxa fizera uma aplicação de remédios do mato cujo efeito cáustico complicara o caso, de modo que o parto, se fosse possível, mataria talvez a mãe e a criança.

“Toda a esperança estava nas promessas feitas de se erguer uma capelinha de palha de Nossa Senhora do Bom Parto e nela fazer novenas de arraial em honra da santa e de São Raimundo Nonato.

“E rezávamos todas o ‘terço’, umas dez senhoras e moças, diante do oratório, de velas acesas...

“Nisto, ouvimos, de novo, gritos ainda mais violentos que dantes. A Chiquinha se retorcia, berrava de dor e de medo, o corpo todo desmanchado, desfeita em suores.

“Pareceu-me que ela perdera a coragem que em tais ocasiões é o que a mulher mais precisa de ter.

“Saí precipitada e voltava ao oratório quando, ao passar pela varanda, seu João surgiu na minha frente. Vinha desfigurado. Perguntou pela minha opinião.

“E eu, sem calcular o efeito das minhas palavras, disse-lhe que nada mais podíamos esperar de meios humanos e sim perdíssemos a Deus...

“Com isto, o homem, como se lesse enfim nas minhas palavras um desengano que seu Raposo não tinha ânimo de lhe dar e uma tentativa de consolação que lhe parecia inútil, fitou-me de maneira esquisita, recuou uns dois passos e, do meio da varanda, hirto, os olhos faiscando, disse esta coisa incrível:

“De Deus é que nada mais espero. Se escaparem, a criança terá o Diabo por padrinho!”

“E entrou apressado para a botica, cuja porta dava mesmo para a varanda.

“Daí a segundos voltava a correr, desorientado, deixando cair, espatifar-se no chão o vidro de remédio que tinha ido buscar. E dizia-se, depois, que, na loja, ao pôr a mão no vidro, vira sobre a prateleira um bicho preto, enorme, de olhos de fogo...

“Mãe e filho salvaram-se, mas soubemos, passados tempos, que todos os anos, àquela mesma data e hora, um monstro preto, enorme, de olhos de fogo, aparecia nos caibros, por cima da rede onde dormia o menino. Era, dizia o povo, o Demônio, bom padrinho, que vinha (Deus me perdoe...) de visita ao afilhado.

“Desde aquele tempo, seu João deu para beber, quebrou e caiu na miséria; afinal, morreu numa noite de chuva em que caíram sete raios na vila; e na hora da morte dizia ver o lugar que lhe estava reservado lá ‘nas caldeiras de Pedro Botelho’, bem junto do trono do seu maldito compadre...

“Chiquinha também nunca mais endireitou de vida. Agora que se fez espírita, todos veem neste erro mais um efeito do compadrio do Cão...”

E como eu continuasse incrédulo, objetando que o monstro era apenas um vulgar gato preto ou quando muito alguma jiboia doméstica caçadeira de ratos vinda da casa vizinha, e como atribuisse o caso e todas as consequências dele à alucinação e à ignorância, a velha devota concluiu, convicta: “É isto, brinquem com estas coisas, mas não se arrependam depois...”





UM ESPECTRO QUE CAMINHA PELA NOITE

“O MORCEGO” (1931), DE OCTÁVIO P. SEVERO

Amanda Marinho

Com a descoberta de novas narrativas em jornais e revistas do século XX, nos deparamos com o desafio de encontrar informações biográficas dos seus escritores. Muitos são os casos de pseudônimos, que trazem mais uma camada de dificuldade neste processo. Mas mesmo aqueles que parecem ter assinado com seus verdadeiros nomes conseguiram desaparecer na história sem deixar traços aparentes: é este o caso de Octávio P. Severo. Apesar da pesquisa exaustiva, não foi possível encontrar dados confiáveis que confirmassem sua identidade. Nossa melhor aposta é que Octávio P. Severo foi um médico sanitarista com atuação entre as décadas de 1940 e 1950, mas são apenas especulações.

“O Morcego” foi encontrado na revista carioca *O Cruzeiro*. Publicado em novembro de 1931, foi uma das primeiras narrativas selecionadas nesta pesquisa e uma das que mais gostamos. Além dessa, também encontramos outro conto de Octávio Severo (assinado sem o “P.”; mas, por conta da proximidade da publicação, acreditamos ser do mesmo autor),

intitulado “Uma Sombra”, publicado na mesma revista em fevereiro de 1932. Em “Uma Sombra”, temos um moribundo que, no leito de morte, confessa a seu amigo os feitos terríveis que cometeu ao longo da vida. A leitura deste conto também está disponível gratuitamente em nosso site *Tênebra*.

Em “O Morcego”, somos apresentados a uma criatura humanoide enigmática que caminha pela noite, envolto por um manto negro cujo aspecto macabro faz com que pareça ser um “enviado do além-túmulo”. Por conta de seu andar curvado e do seu manto, e de só ser visto durante a noite, recebeu a alcunha que dá título à narrativa. Porém, suas perambulações coincidem com a epidemia da gripe espanhola e com o desaparecimento do cadáver de uma criança do cemitério, o que provoca suspeitas entre o povo, que começa a contar histórias tétricas sobre o morcego. O narrador, intrigado e curioso, decide segui-lo durante uma noite para tentar desvendar o mistério – o que, é claro, não acaba bem.



O MORCEGO

Otávio P. Severo



Quem em horas tantas da noite o encontrasse com seu aspecto macabro imaginava-o um enviado de além-túmulo. Era extraordinário: a escuridão, o ermo fascinavam-no. Nunca aparecera de dia, daí apelidarem-no de “Morcego”. Acontecia, às vezes, ao regressar à casa alta madrugada, topar na esquina da minha rua com aquele vulto fantasmagórico; vinha-me, então, desejo de vigiá-lo, de seguir-lhe os passos... Quando passava por mim, sempre envolto em um manto negro que quase lhe chegava aos pés, com tal ligeireza se movimentava, que nunca consegui fixar-lhe as feições, nem ao menos surpreender-lhe o olhar. Cabisbaixo, encolhido, avançava vertiginosamente e, como uma aparição, se confundia com o negrume da noite.

— O mundo é singular — pensava, quando ele já se ia longe —, põe, entre uma infinidade de criaturas, uma ou outra que discorda, que aberrava da regra geral, deixando no nosso juízo uma interrogação, uma dúvida... Será que ele tenha existência diferente da nossa? Será que ele conheça o segredo que tanto nos tortura e que penetra em regiões por nós nunca atingidas? Na transcendência dessas ideias reside toda a agonia que nos assoberba. Somos sempre propensos a admitir o

sobrenatural, e é talvez nessa conjectura que repousa todo alicerce do mundo. Por ele o homem se revolta, se debate e cai vencido; por causa dele a vida tornou-se ânsia continuada, insofreável, eterna. Eis por que o seu sentir é tão vário, as suas manifestações tão dispersas; cada ser é um antro em que se oculta, cada criatura uma gruta em que se refugia. A alma daquele homem seria igual à minha alma? Imaginava sempre ao vê-lo passar. E a dúvida continuava no meu cérebro...

A fantasia do povo criara logo em torno dele lendas e histórias que começaram a me impressionar... Uma velha que há muito residia na cidade certa vez me contou:

— O senhor sabe quem ele é? Não pode deixar de ser o Diabo em figura de gente... Apareceu aqui por ocasião daquela epidemia de gripe que tratavam por “espanhola”; vinha não sei de onde e tinha esse aspecto terrível. A primeira vez que eu o encontrei foi a caminho do cemitério quando ia levando sozinha e por meus próprios braços o cadaverzinho do meu único neto. Naquela ocasião, o senhor deve estar lembrado, era uma calamidade, a morte não tinha mãos a medir, tanto se lhe dava levar um anjinho como um grande pecador; morreu por aqui tanta gente que ainda hoje se o senhor revolver o terreno de muita casa encontra os esqueletos dos que não puderam ser enterrados no cemitério, pois a população quase que a um tempo foi tomada do mal e, como não havia transporte, cada qual que sepultasse seus mortos onde quisesse. Mas eu não podia concordar com aquele absurdo, não ia deixar que enterrassem o meu pequenino no fundo do quintal como se fosse um animal qualquer, não! Para que então se fizeram os campos-santos, para quê? Para os mortos descansarem em paz, não é? Depois a pobre alminha ficaria penando aí por este mundo. Então peguei no corpo quando já fazia muitas horas que tinha cerrado os olhinhos inocentes e, envolvendo-o numa toalha linda que bordara cuidadosamente para o

enxoval da minha filha (que Deus a haja), vim, rua afora, meio tonta, porque a “danada” já me começava a atacar, quando topei com ele... Que figura medonha! Não sei bem com quem o devo comparar, mas imagino que se parece com um morcego, e é tal qual um bicho feio, o corpo fino todo retorcido, as mãos enormes quase arrastando no chão... Estaquei, tremendo da cabeça aos pés, e fechei os olhos para não cair, apertando, apertando de encontro a mim o cadaverzinho, com receio de que me fosse arrebatado; foi quando ouvi um silvo prolongado e agudo que me fez arregalar muito os olhos e, aos tropeções, me pus a caminhar como louca até o cemitério... Depositei o corpo do meu netinho numa cova aberta por mim mesma, bem perto da entrada, marcando-a com uma cruz improvisada com galhos de árvores. Dias depois, meu senhor, voltei lá, muito abatida pela doença, para rezar uma Ave-Maria ao pé da sepultura de meu netinho... encontrei-a profanada, toda revolvida e vazia. Dizem por aí que a chuva forte que caiu durante a noite levou-o na enxurrada. Mas eu não acredito, tenho a certeza que aquele demônio roubou o defuntinho para saciar-se na sua carne tenra. Ninguém me tira isso da cabeça...

Iguais a essa, tantas outras histórias tétricas se contavam daquele homem curioso, que deu-me na veneta conhecer-lhe a vida, senão, ao menos, o antro, o tugúrio onde pousava nas horas reparadoras do sono.

Segui-o em uma noite fria e enluarada; à claridade tísica e quase imperceptível dos lampiões, espalhados aqui e acolá por toda a extensão das ruas sem vitalma, ele me fazia evocar quantas narrações horríveis tenho lido e ouvido. A visão que me sumia a cada esquina para revê-la logo após julgava pertencer àquela mansão de sombras e espíritos que tem figurado na ideia dos escritores; vinha-me excitação, vontade de retroceder, mas evitava os pensamentos e continuava a caminhada.

Cães ululavam gasnática e afrontosamente à lua pura e dominadora nas alturas siderais; de quando em vez um passava por mim rosnando, farejavame e continuava a ladrar desesperadamente à presa inalcançável; gatos perambulavam riscando à minha frente na sua faina noturna e sobre o arvoredo que tão frondosamente marginava as ruas, a ponto de impedir a penetração do luar; corujas grasnavam agoureira-mente, vampiros esvoaçavam à luz dos lampiões, dando assobios finos e estridentes que se iam perder além pela vastidão da noite velha. Uma força qualquer me queria conduzir ao final daquela nunca esquecida aventura. Andava desatinado e o vulto à minha frente parecia me impulsionar... Numa encruzilhada já fora da cidade, onde altaneiramente se erguia uma árvore, vi-o, no meu estado de verdadeiro torpor, parar e começar a galgá-la. Estaquei... um tronco me protegia de sua vista: pulava ligeiramente de galho em galho, como um pássaro, soltando guinchos prolongados e estridentes; o luar, batendo em cheio, realçava aquele vulto negro a saltitar, colhendo e saboreando frutos. Em torno dele, compartilhando da ceia, corujas gargalhavam, morcegos chilreavam...

Na minha ideia revolucionavam-se tantos pensamentos, tantos; parecia que tudo em volta de mim fugia... Inopinadamente saquei da pistola que por precaução levava e desaparei...

Manhã alta! O primeiro transeunte que se abalou até aquelas paragens encontrou-me frio, desacordado, estirado no chão, com a perna direita varada por uma bala.

Desde então nunca mais se soube notícias daquele ser estranho; mas ainda agora, recordando-me da aventura da noite fria e enluarada, fico a vê-lo, lá nas grimpas da árvore, pulando de galho em galho e saboreando frutos que talvez constituíssem seu único alimento.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARINOS, Afonso. (1921). O Mão-Pelada. In: _____. *Contos*. São Paulo: Martins Fontes, 2006. p. 195-208.

COELHO NETO, Henrique Maximiano (1908). Vampiro. In: _____. *Jardim das Oliveiras*. 2ª ed. Porto: Livraria Chardron, s.d. p. 243-50.

GALENO, Juvenal. (1871). Senhor das caças. In: _____. *Cenas populares*. 2ª ed. Ceará: Ateliers Louis, 1902. p. 163-188.

LOPES, Raimundo. (1929) Os Compadres do Diabo. *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano I, n. 17, p. 2-3, 51, 2 mar. 1929.

LOPES FILHO. (1892). O dia aziago. *O Pão*. Fortaleza, ano I, n.2., p. 7-8, 30 de outubro de 1892.

PADILHA, Viriato. (1898). O lobisomem. In: _____. *O livro dos fantasmas*. Rio de Janeiro: Livraria do Povo, 1898.

PAIVA, Oliveira. (1887). O ar do vento, Ave-Maria. *A quinzena*. Fortaleza, ano I, n.3, p. 20-1. p. 20-1.

SEVERO, Otávio P. (1931). O Morcego. *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano IV, n. 3, p. 12, 21 nov. 1931.

SILVEIRA, Valdomiro. (1920). Na tapera de nhô Tido. In: _____. *Os caboclos*. Francisco Vasconcelos (ed.). Rio de Janeiro: EdUERJ: Caetés, 2020. E-book. p. 25-31.

SOUZA, Inglês de. (1887). O baile do judeu. In: _____. *Contos amazônicos*. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005. p. 103-110.

_____. (1893). Acauã. In: _____. *Contos amazônicos*. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005. p. 59-72

Copyright © 2025

Editora ACASO CULTURAL

Coordenação:
Catarina Amaral
Pedro Sasse

Organização:
Amanda Marinho
Oscar Nestarez

Apresentação:
Júlio França
Pedro Sasse

Capa e projeto gráfico:
Pedro Sasse

Revisão:
Amanda Marinho
Oscar Nestarez

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Tenebrália [livro eletrônico] : monstros
brasileiros: vol. I / orgs. Amanda Marinho,
Oscar Nestarez. -- 1. ed. -- Rio de Janeiro :
Acaso Cultural, 2025.

Vários autores.
ISBN 978-65-85122-23-8

1. Contos de terror - Literatura brasileira
2. Folclore 3. Horror na literatura 4. Monstros
I. Marinho, Amanda. II. Nestarez, Oscar.

25-324434.0

CDD-398.45

Índices para catálogo sistemático:

1. Monstros : Cultura popular 398.45

Henrique Ribeiro Soares - Bibliotecário - CRB-8/9314



CNPJ: 33.980.292/0001-25
acasocultural.com